



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

JOSIANA APARECIDA DA SILVA

MODALIZADORES EPISTÊMICOS PARENTÉTICOS NA FALA DE CHAPECÓ/SC

**Chapecó
2014**

JOSIANA APARECIDA DA SILVA

MODALIZADORES EPISTÊMICOS PARENTÉTICOS NA FALA DE CHAPECÓ/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

Chapecó
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Silva, Josiana Aparecida Da
MODALIZADORES EPISTÊMICOS PARENTÉTICOS NA FALA DE
CHAPECÓ/SC: / Josiana Aparecida Da Silva. -- 2014.
122 f. : il.

Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em , Chapecó,
SC, 2014.

1. Marcadores Discursivos. 2. Modalização Epistêmica
Parentética. 3. Parentéticos Epistêmicos. 4.
Gramaticalização. I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOSIANA APARECIDA DA SILVA

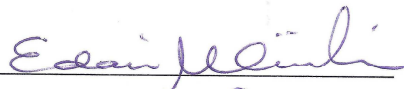
MODALIZADORES EPISTÊMICOS PARENTÉTICOS NA FALA DE CHAPECÓ/SC

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora em 14/08/2014.

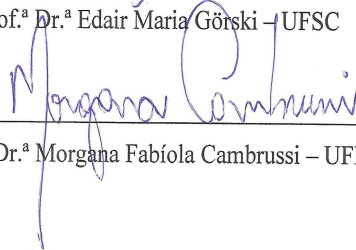
Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Aprovado em: 14 / 08 / 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski – UFSC



Prof.^a Dr.^a Morgana Fabíola Cambrussi – UFFS

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS

Chapecó/SC, agosto de 2014.

A linguagem tem a possibilidade de fazer curtos-circuitos em sistemas orgânicos intactos, produzindo úlceras, impotência ou frigidez. Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas. E é por isto que o homem não é um organismo, mas este complexo linguístico a que se dá o nome de personalidade.

Rubem Alves

RESUMO

Baseada na perspectiva teórica do Funcionalismo Linguístico de cunho norte-americano, segundo Hopper (1987), Givón (1995), Bybee (2003) e outros, esta dissertação investigou o uso dos marcadores discursivos *sei lá* e *eu acho* (e suas variações) na fala de 32 informantes chapecoenses, monolíngues em português. Os dados são oriundos de entrevistas de Chapecó/Santa Catarina do banco VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País) e do projeto VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina). O primeiro conta com entrevistas de 24 informantes e o segundo, que se encontra em fase de coleta, com entrevistas de 8 informantes. O estudo partiu da perspectiva de Rosa (1992), para quem estes itens são marcadores de atenuação e veiculam, sobretudo, a modalização epistêmica, isto é, podem apontar falta de certeza ou convicção do enunciador sobre seu enunciado. Também foi efetuado levantamento em estudos sobre os itens no Português Brasileiro, segundo Freitag (2000; 2003; 2004), Votre (2004), Oliveira & Santos (2011), Galembeck & Carvalho (1997), entre outros. O levantamento de *sei lá* e *eu acho*, como parentéticos epistêmicos, aponta maior frequência de uso do primeiro nas duas amostras investigadas. A análise atenta dos itens em seus contextos de uso revelou que, embora haja variação na apresentação formal dos itens, *sei lá* e *eu acho* são as formas mais frequentes nas duas amostras. A partir do estabelecimento do domínio funcional da modalização epistêmica parentética, verificamos que os itens se especializam em determinados contextos de uso: *sei lá* desempenha funções de atenuação e de planejamento verbal; e *eu acho* exerce função de opinião. Um olhar mais apurado das amostras também mostrou que a função de dúvida é somente aparentemente compartilhada pelos itens. Dentre os contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais) que postulamos influenciarem os usos destes itens, destacamos: sequência discursiva, tópico discursivo, envolvimento do falante com o tópico discursivo, complexidade do tópico discorrido, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Por fim, apontamos possíveis especializações para os itens a partir da perspectiva do processo de gramaticalização, segundo Traugott (1995), Hopper (1991), entre outros.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Modalização epistêmica parentética. Parentéticos epistêmicos. Gramaticalização.

RÉSUMÉ

Basée sur la perspective théorique du Fonctionnalisme Linguistique de caractère américain, selon Hopper (1987), Givón (1995), Bybee (2003) et d'autres, cette mémoire de master a étudié l'usage des marqueurs discursifs *sei lá* et *eu acho* (et leurs variations) dans le discours de 32 informateurs *chapecoenses* monolingues en portugais. Les données sont originaires des entretiens de Chapecó/Santa Catarina de la banque VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País) et du projet VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina). Le premier comprend 24 entretiens et le deuxième, qui est en phase de collecte, 8 entretiens. L'étude a pris comme point de départ la perspective de Rosa (1992), qui défend que ces éléments soient des marqueurs d'atténuation et portent, surtout, sur la modalité épistémique, cela veut dire, ils peuvent signaler le manque de certitude ou conviction de l'énonciateur par rapport à son énoncé. On a également sélectionné des études au sujet de *sei lá* et *eu acho* dans le Portugais Brésilien selon Freitag (2000, 2003, 2004), Votre (2004), Oliveira & Santos (2011), Galembeck & Carvalho (1997), entre autres. La vérification de *sei lá* et *eu acho* comme parenthétiques épistémiques montre que le premier est plus fréquent dans les deux échantillons étudiés. Une analyse minutieuse des éléments dans leurs contextes d'usage a révélé que, bien qu'il existe des variations dans la présentation formelle des éléments, *sei lá* et *eu acho* sont les formes les plus fréquentes dans les deux échantillons. À partir de l'établissement du domaine fonctionnel de la modalité épistémique parenthétiques, on a constaté que les éléments se spécialisent dans certains contextes d'usage : *sei lá* remplit les fonctions d'atténuation et de planification verbale ; et *eu acho* exerce fonction d'opinion. Un examen plus attentif des échantillons a également montré que la fonction de doute n'est qu'apparemment partagée par les marqueurs. Parmi les contextes linguistiques et extra-linguistiques (sociaux) que l'on postule influencer les usages de ces marqueurs on souligne : le genre discursif, le sujet du discours, l'engagement de l'énonciateur avec le sujet du discours, la complexité du sujet discourté, le sexe/genre, le groupe d'âge et la scolarité. Enfin, on indique les spécialisations possibles pour les éléments de la perspective de la grammaticalisation, selon Traugott (1995), Hopper (1991), entre autres.

Mots-clés : Marqueurs discursifs. Modalité épistémique parenthétique. Parenthétiques épistémiques. Grammaticalisation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	11
1.1.1	Objetivo geral	11
1.1.2	Objetivos específicos	11
1.1.3	Questões e hipóteses	12
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DOS FENÔMENOS	15
2.1	DE <i>SABER</i> A <i>SEI LÁ</i>	15
2.2	DE <i>ACHAR</i> A <i>EU ACHO</i>	20
2.3	PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS	29
3	REFERENCIAL TEÓRICO	32
3.1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO	32
3.1.1	Gramaticalização	34
3.2	MARCADORES DISCURSIVOS	40
4	METODOLOGIA	45
4.1	OS <i>CORPORA</i>	45
4.1.1	O banco VARSUL	45
4.1.2	O projeto VMPOSC	48
4.2	TRATAMENTO DOS DADOS	49
5	COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE <i>SEI LÁ</i> E <i>EU ACHO</i>	50
5.1	APRESENTAÇÃO FORMAL	50
5.1.1	Formas de <i>sei lá</i>	51
5.1.2	Formas de <i>eu acho</i>	53
5.2	DOMÍNIO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA PARENTÉTICA	54
5.2.1	Escala de +certeza	58
5.2.1.1	Opinião	58
5.2.1.2	Atenuação	59
5.2.2	Escala de –certeza	61
5.2.2.1	Planejamento verbal	61
5.2.2.2	Dúvida	63
5.2.3	Análise dos resultados quantitativos relativos às escalas do <i>continuum</i>	65
5.3	CONTEXTOS LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS	71
5.3.1	Sequência discursiva	71
5.3.2	Tópico discursivo	79

5.3.3	Envolvimento do falante com o tópico discursivo _____	86
5.3.4	Complexidade do tópico discorrido _____	91
5.3.5	Sexo/gênero _____	93
5.3.6	Faixa etária _____	99
5.3.7	Escolaridade _____	102
6	GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>SEI LÁ</i> E <i>EU ACHO</i> _____	105
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	109
	REFERÊNCIAS _____	115

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ está vinculada a um projeto maior em curso intitulado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”² (doravante VMPOSC), sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Cláudia Andrea Rost Snichelotto. É derivado do Grupo de Pesquisa “Estudos GeoSociolinguísticos” e da linha de pesquisa “Diversidade e Mudança Linguística” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Vislumbramos que *saber* e *achar* se encontram em processo de mudança semântica e categorial via gramaticalização, passando de verbos plenos a marcadores discursivos (doravante MDs). Cristalizam-se na primeira pessoa do singular do tempo presente do indicativo (*sei lá* e *eu acho*) e situam-se sob o domínio funcional da modalização epistêmica parentética.

Inscrita na perspectiva teórica do Funcionalismo Linguístico de cunho norte-americano, conforme Hopper (1987; 1991), Heine *et al.* (1991), Traugott & Heine (1991), Givón (1995), Traugott (1995), Martelotta *et al.* (1996), Bybee (2003), Cunha *et al.* (2003), Gonçalves *et al.* (2007), entre outros, esta pesquisa visa descrever e analisar os usos de *sei lá* e *eu acho*³ na fala de 32⁴ chapecoenses, com base em duas amostras sincrônicas, uma proveniente do banco VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País), que conta com 24 entrevistas, coletadas na década de 90 do século XX, e outra do projeto VMPOSC, que conta com 8 entrevistas coletadas em 2014. A escolha por trabalhar com duas amostras de dados se deve ao fato de o banco VARSUL ter sido constituído na década de 1990 e as estratificações de idade infantil (de 7 a 14 anos) e jovem (de 15 a 24 anos) e de escolaridade (superior) do município de Chapecó/SC não terem sido contempladas, devido à falta de recursos e de tempo, segundo Bisol (2005). Dessa forma, podemos averiguar indícios de mudança em curso (conforme Paiva & Duarte, 2003). As diferenças de faixa etária associadas a outras diferenças sociais entre os indivíduos de uma comunidade de fala permitem “observar como uma mudança linguística se instala na fala de um determinado grupo social restrito e vai

¹ Dissertação financiada com bolsa de mestrado do Programa de Demanda Social da CAPES.

² Projeto financiado com recursos da Chamada Pública nº 04/2012 Universal, da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFFS, sob o número CAAE: 17011413.2.0000.5564.

³ Optamos por apresentar *sei lá* e *eu acho* como representantes deste estudo, embora tenham outras realizações, conforme o subcapítulo 5.1.

⁴ Após análise preliminar, contamos com 22 entrevistas que compuseram os dados desta pesquisa: 18 do banco VARSUL e 4 do projeto VMPOSC.

se espalhando para outros grupos até atingir a comunidade como um todo” (PAIVA & DUARTE, 2003, p. 15).

O Funcionalismo se constitui em um modelo teórico que estuda as situações reais de uso da língua na comunicação interpessoal e concebe que a gramática é constantemente construída pelos falantes e suas mudanças decorrem da maneira como é usada cotidianamente, o que explica o termo “gramática emergente” (conforme Hopper, 1987). A partir deste pressuposto, o Funcionalismo descreve as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos, estabelecendo relação com suas formas e determinando esta relação como não-arbitrária, mas elucidada na regularidade do uso recorrente dos falantes, ao que se denomina frequência de uso (conforme Bybee, 2003).

Mais especificamente, o processo de mudança via gramaticalização nos dá suporte para as possíveis explicações sobre os múltiplos usos dos itens e sobre a mudança pela qual passam. Isto porque a gramaticalização é um tipo de mudança linguística que implica, por exemplo, em mudanças na gramática (TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 3). Segundo Traugott (1995), a gramaticalização compreende um processo através do qual um item lexical (ou construção), impelido por determinado contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical (TRAUGOTT, 1995, p. 1). Nesta perspectiva, vislumbramos que os verbos *saber* e *achar* sofrem mudança categorial e passam a MDs parentéticos epistêmicos⁵. Para tanto, embasamo-nos, ainda, em Traugott (1995) para quem os MDs fazem parte da gramática, comportando restrições sintáticas e propriedades pragmáticas. Na análise da trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial de *sei lá* e *eu acho*, verificamos que, no processo pelo qual estes itens passaram, podem ser aplicados os princípios básicos da gramaticalização, segundo Hopper (1991), tais como o de camadas, divergência, especialização, persistência e decategorização⁶.

Acreditamos que, em contextos de uso parentético, *sei lá* e *eu acho* podem ser inseridos em um mesmo domínio funcional, o da modalização epistêmica parentética. Por essa razão, denominamos os itens de parentéticos, decorrente da posição que ocupam, e epistêmicos, decorrente do domínio funcional. As ocorrências abaixo exemplificam os usos parentéticos⁷:

⁵ O detalhamento da caracterização dos parentéticos epistêmicos será tratado no capítulo 2.

⁶ Estes princípios serão associados aos itens em estudo no capítulo 3.

⁷ Ocorrências retiradas da amostra Varsul/ Chapecó; grifos nossos. As ocorrências extraídas desta amostra têm indicação ao final pela sigla SCCHP. O número subsequente faz referência ao número da entrevista. A sigla seguinte faz menção à estratificação social: F (feminino), M (masculino), P (nível fundamental 1), G (nível fundamental 2), C (nível médio), A (25 a 49 anos) e B (50 anos ou mais). Referenciamos a fala do informante

- (1) ENT *Tinha igreja já ou não?
INF *Tinha. *Só que era uma igreja de- não era essa igreja, uma igreja que foi queimada depois. *Não sei o que que aconteceu ali, dizem que botaram fogo, sei lá. (VARSUL SCCHP02-MPA)
- (2) INF *Ele foi me dar uma moeda de esmola, né? *Ele disse: "*Eu vou te dar essa-" *Eram quatrocentos réis, eu acho. (VARSUL SCCHP21-FCB)

Como é possível perceber em (1) e (2), a posição dos itens se constitui em um parêntese que se torna sintaticamente independente da oração em que ocorre pela perda de complementadores como *-que* ou *-se*, por exemplo, e marca a avaliação epistêmica sobre a proposição que os antecede.

Pautamo-nos em Givón (1995), que propõe que a modalização epistêmica trata, principalmente, da interação humana intencional, sinalizando a atitude do falante com relação à proposição. Nestes termos, a modalização epistêmica parentética é conceituada nesta pesquisa como a qualificação que o falante faz de seu grau de conhecimento sobre o que é enunciado, através do uso dos modalizadores epistêmicos parentéticos *sei lá* e *eu acho*. A partir deste conceito, estabelecemos um *continuum* que mede este grau de conhecimento que encerra em um de seus extremos a maior certeza e no outro a menor certeza. Com este estabelecimento, foi possível definir as funções recobertas pelo domínio da modalização epistêmica parentética e, então, analisar o funcionamento de *sei lá* e *eu acho* parentéticos epistêmicos.

Segundo Rosa (1992), os verbos e advérbios parentéticos (por exemplo: *eu acho*, *provavelmente*, etc.) são atenuadores que “modificam a força ilocutória do enunciado em que ocorrem, reduzindo o comprometimento resultante da enunciação⁸” (ROSA, 1992, p. 37). A ocorrência a seguir, repetida em (4), mostra o contraste do uso ou não do item modalizador:

- (3) INF (...) mas muitas das manifestações que poderiam me interessar aqui já foram... *eu creio*... tratados por out/tratados por outras pessoas (...)⁹
- (4) INF (...) mas muitas das manifestações que poderiam me interessar aqui já foram tratados por out/tratados por outras pessoas (...)

Neste contexto de redução da força das asserções insere-se o domínio da modalização epistêmica parentética. Postulamos que os usos parentéticos de *sei lá* e *eu acho* configurem em mudança categorial de verbos plenos (*saber* e *achar*) a MDs parentéticos epistêmicos, via gramaticalização. Para tanto, nos pautamos em Votre (2004), que infere que o único caso de

pela sigla INF e a do entrevistador pela sigla ENT. A amostra Varsul/Chapecó foi gentilmente cedida pela Profª. Drª. IzeteLehmkuhl Coelho, coordenadora da agência Varsul da UFSC.

⁸ Por *enunciação* entendemos “a instância de produção do discurso e, por *enunciado*, toda sequência falada ou escrita dotada de sentido e produto da colocação da língua em funcionamento [...]” (ROSA, 1992, p. 41).

⁹ Ocorrência extraída de Rosa (1992, p. 46, EF 156, 72, 8-11); grifo da autora.

gramaticalização de *achar* é sua apresentação como parentético epistêmico, pois *achar* deixa de ser cláusula principal e apresenta mudança categorial de verbo a outra classe gramatical. Com respeito a *sei lá*, orientamo-nos na classificação de MD de Oliveira & Santos (2011) para quem *sei lá* deve ser analisado “pelo modo com que se organiza internamente e se articula, metonimicamente, nos contextos de sua ocorrência, com vistas no atingimento de propósitos comunicativos para além da referência lexical de seus elementos internos” (OLIVEIRA & SANTOS, 2011, p. 364).

Este estudo visa contribuir para a ampliação da descrição do português falado no Brasil. Nossa pesquisa se justifica, igualmente, pela carência de estudos sincrônicos sobre os MDs, sobretudo que descrevam *sei lá*. Também vislumbramos contribuir para a ampliação das pesquisas realizadas sobre o português falado no Oeste de Santa Catarina, mais especificamente em Chapecó/SC, visto o reduzido número de estudos realizados (localizamos até este momento, por exemplo, as pesquisas de Dal Mago, 2001; Rost Snichelotto, 2009; entre outras).

1.1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES¹⁰

1.1.1 Objetivo geral

Descrever e analisar os usos de *sei lá* e *eu acho*, como parentéticos epistêmicos, em duas amostras sincrônicas do português falado em Chapecó, Santa Catarina.

1.1.2 Objetivos específicos

Dentre os objetivos específicos, pretendemos:

- (i) investigar o comportamento linguístico de *sei lá* e *eu acho* na fala de 32 chapecoenses;
- (ii) caracterizar os contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais) de uso de *sei lá* e *eu acho* nas amostras;
- (iii) traçar, com base em estudos de dados de fala e de escrita, por exemplo, Martelotta & Leitão (1996), Galvão (1999), Freitag (2000; 2003; 2004), Votre (2004), Oliveira & Santos (2011), entre outros, e a partir dos resultados estatísticos

¹⁰ Os objetivos, as questões e as hipóteses foram elaboradas a partir do levantamento bibliográfico empreendido sobre os fenômenos, sobre os pressupostos funcionalistas e com base no exame preliminar das amostras.

obtidos nesta pesquisa, uma possível trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial de *saber e achar* com base numa perspectiva funcionalista de gramaticalização.

1.1.3 Questões e hipóteses

Formulamos as seguintes questões e hipóteses a partir dos objetivos específicos:

QUESTÃO 1

Quais as funções desempenhadas por *sei lá* e *eu acho* na fala dos chapecoenses?

HIPÓTESE

Tomamos como base as funções descritas nos estudos acerca de *sei lá* (OLIVEIRA & SANTOS, 2011; GALEMBECK & CARVALHO, 1997; ROSA, 1992), de *eu acho* (VOTRE, 2004; FREITAG, 2004, 2003 e 2000), dos MDs em geral (SILVA & MACEDO, 1989) e uma análise preliminar de nossos dados. Na fala dos chapecoenses, postulamos que *sei lá* e *eu acho* sejam modalizadores epistêmicos parentéticos que se especializam em funções distintas. *Sei lá* tende a desempenhar funções de planejamento verbal e +dúvida. *Eu acho* tende a desempenhar funções de opinião e -dúvida. A análise mais atenta dos dados permitirá um refinamento maior destas especializações.

QUESTÃO 2

Como se caracterizam os contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais)¹¹ de uso de *sei lá* e *eu acho*?

HIPÓTESE

Para *sei lá*, utilizamos como base principal o estudo de Oliveira & Santos (2011) que controlaram o tipo textual, a sequência tipológica, a escolaridade, etc. Para *eu acho*, nos pautamos nos estudos de Freitag (2004; 2003; 2000) que controlou o envolvimento do falante com o tópico discursivo, a complexidade do tópico discorrido, etc. A partir desta literatura assumimos como relevantes os seguintes contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais)

¹¹ As hipóteses específicas sobre os contextos linguísticos e extralinguísticos de uso de *sei lá* e *eu acho* serão apresentadas no subcapítulo 5.4.

que passamos a aplicar aos dois itens: a) tipo de sequência discursiva em que ocorrem (dissertativa, narrativa e descritiva); b) tópico discursivo; c) envolvimento do falante com o tópico discursivo; d) complexidade do tópico discorrido; e) sexo/gênero; f) faixa etária; e g) escolaridade.

QUESTÃO 3

Qual a possível trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial de *saber* e *achar*?

HIPÓTESE

Os estudos de Martelotta & Leitão (1996) para *saber* e de Votre (2004) sobre *achar* nos serviram de fundamento para postularmos que a possível trajetória de mudança semântica/pragmática para *saber* e *achar* é a abstratização de sentido concreto > abstrato, no que tange a percepção. Apoiados nos estudos sobre os MDs (RISSO *et al.*, 2006; URBANO, 1997; SILVA & MACEDO, 1989) e nos postulados da gramaticalização (HOPPER, 1991; TRAUGOTT, 1995), vislumbramos que a trajetória de mudança categorial para *saber* e *achar* é de verbos plenos > MDs.

Nesta pesquisa, realizamos uma análise qualitativa e outra quantitativa. A análise qualitativa, de base funcionalista, foi feita a partir da revisão da literatura no capítulo 2, quando da contextualização da multifuncionalidade dos fenômenos em estudo, na qual traçamos uma possível trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial para *saber* e *achar* até seus usos como MDs parentéticos epistêmicos, exibindo descrições de *sei lá* e *eu acho* a partir de dicionários e estudos realizados em português disponíveis na literatura. Ao final deste capítulo, abordamos a caracterização dos itens parentéticos epistêmicos. No capítulo 3, introduzimos o referencial teórico que embasa esta pesquisa, dedicada aos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico e ao princípio da Gramaticalização; em seguida introduzimos os traços definidores dos MDs em geral. No capítulo 4, apresentamos a metodologia adotada neste estudo e a caracterização das duas amostras investigadas. Correspondendo ainda à análise qualitativa, no capítulo 5, apresentamos o comportamento de *sei lá* e *eu acho* operando um levantamento de suas formas variantes e descrevendo suas funções. A análise quantitativa foi realizada com as entrevistas das amostras citadas e é apresentada, igualmente, no capítulo 5, demonstrando os resultados encontrados nesta pesquisa. Fazem parte da análise quantitativa os contextos linguísticos e extralinguísticos

(sociais) dos usos de *sei lá* e *eu acho*. No capítulo 6 apresentamos a trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial dos itens, via gramaticalização.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS FENÔMENOS

Este capítulo apresenta, sem comprometimento diacrônico, o levantamento bibliográfico acerca da trajetória de mudança semântica e categorial pela qual passaram *saber* e *achar* do latim a seus usos atuais no Português Brasileiro (PB) contemporâneo, *sei lá* e *eu acho* como MDs parentéticos epistêmicos. Ao final, caracterizamos os itens parentéticos epistêmicos, foco delimitado para este estudo.

2.1 DE SABER A SEI LÁ

Apresentamos, a seguir, a possível trajetória de mudança semântica e categorial de *saber* embasada em alguns dicionários e gramáticas de língua portuguesa (como Borba, 1990; Houaiss & Villar, 2009) e também nos estudos empreendidos por Rosa (1992), Martelotta & Leitão (1996), Votre (2004) e Oliveira & Santos (2011).

Tomando como ponto de partida o latim, conforme Votre (2004),

[...] saber vem do latim *sapere*, e segundo Machado (1977), significava ‘ter gosto’, ‘exalar um cheiro, um odor’, ‘perceber pelo sentido do gosto’. Ou ainda, já em processo de transferência metafórica, no sentido de: ‘ter inteligência’, ‘juízo’, ‘conhecer alguma coisa’, ‘compreender’, ‘saber’ (VOTRE, 2004, p. 41; grifos do autor).

De acordo com Votre, estes sentidos coexistem no português contemporâneo, porém o sentido de *saber* gustativo é encontrado, sobretudo, em textos literários, como na ocorrência abaixo:

- (5) “Não tem passado nem futuro.
Não **sabe** a fel nem **sabe** a mel:
é de papel.” (Ferreira Gullar)¹²

O sentido de *saber* relacionado a conhecimento é vastamente empregado no PB atual. A passagem, em resumo, se deu, então, de “sentir o gosto pelo paladar [...] para senti-lo também pela mente” (VOTRE, 2004, p. 41). Segundo Martelotta & Leitão (1996), a trajetória é de sentido mais concreto para mais abstrato, deslizamento semântico típico do processo de gramaticalização e discursivização. No quadro geral dos usos de *saber*, segundo Martelotta (2004), este verbo manifesta “uma tendência translingüística, comum aos verbos de percepção em geral, de ter seu uso estendido para funções metalingüísticas” (MARTELOTTA, 2004, p. 99). A extensão de sentido mencionada pelo autor, diz respeito a sentidos mais abstratos e

¹² Ocorrência extraída de Martelotta & Leitão (1996, p. 164); grifos nossos.

mais subjetivos que o verbo adquire em sua trajetória, de forma progressiva, pois ele perde a referência lexical e ganha função pragmático-discursiva.

Saber apresenta um quadro polissêmico. As acepções atuais do verbo podem ser verificadas em Houaiss & Villar (2009):

saber v. **1** conhecer, ser ou estar informado <*saber o horário do voo*> <*sei que a alegria fugiu desta casa*> <*não soube do divórcio*> <*era traído e pensava que ninguém sabia*> **2** ter conhecimentos específicos <*saber inglês*> <*saber nadar*> **3** estar convencido de; pressentir <*sabia que venceria*> **4** ter força, meio, capacidade, possibilidade de, ou habilidade para; conseguir <*soube cumprir a missão*> <*saber organizar festas*> <*sabe ser educado*> **5** considerar, ter como <*não o sabia desonesto*> **6** envidar esforços para conseguir (algo); fazer por <*soube merecer a aclamação*> **7** ter gosto de; ter sabor <*as moquecas capixabas não sabem a coco*> <*soube muito bem aquele pavê*> s.m **8** soma de conhecimentos adquiridos, sabedoria, cultura, erudição – saber a **1** ter o sabor de <*esse bolo sabe a baunilha*> **2** recordar, lembrar <*o caso sabe a uma história antiga*> - **saber bem** ser saboroso, satisfazer o apetite – **saber entrar e sair** ter bons modos; ser bem-educado – **saber mal** desagradar o paladar – **a saber** isto é, na seguinte ordem, nomeadamente – **dar a saber** fazer constar, tornar ciente de; informar; fazer saber – **não saber a quantas anda** estar completamente desinformado a respeito de algo – **não saber o que possui 1** ter bens afetivos de valor inestimável **2** ser riquíssimo – **não sei que diga 1** diabo **2** criança travessa – **nem sei que diga** diabo [...] SIN/VAR ver sinonímia de prática e sapiência – ANT ignorar, ver tb. antonímia de prática e sinonímia de ignorância [...] (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 1688; grifos dos autores).

Como é possível perceber, o sentido verificado para o MD *sei lá*, objeto de nosso estudo, não é contemplado por Houaiss & Villar (2009). Tampouco foram localizados estudos diacrônicos sobre a mudança semântica de *saber* até sua forma *sei lá*. Localizamos algumas pesquisas sincrônicas sobre *sei lá* que passamos a sumarizar.

Segundo Borba (1990), “O advérbio **lá** colocado junto com o verbo **saber** exprime a negação do saber ou a atenuação de uma afirmação (BORBA, 1990, p. 1208):

- (6) **Sei lá**, se existe a palavra, deve existir o fato ou a coisa.¹³
- (7) Na chegada, **sei lá** porquê, desta vez não havia criançada na rua.¹⁴
- (8) [Ângela] quer mandar, () ser mãe, ser tudo, **sei lá!**¹⁵

Para Moura Neves (2011, p. 32), *saber* é verbo factivo epistêmico. Os factivos implicam a pressuposição do falante da factualidade da proposição, ou seja, o fato expresso é verdadeiro. Se tomarmos como base os dizeres de Borba (1990) acima, a factualidade do verbo *saber* é anulada pela presença do advérbio *lá*. É o cancelamento da certeza e da verdade da proposição.

¹³ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 1208), citada com a referência (VD, 60); grifos nossos.

¹⁴ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 1208), citada com a referência (VD, 81); grifos nossos.

¹⁵ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 1208), citada com a referência (A, 10); grifos nossos.

Corroborando com esta ideia, Ilari (2007), em análise dos dêiticos invariáveis, tomados tradicionalmente por advérbios de lugar ou tempo, afirma que seus usos são, na verdade, bem variados e de complexa classificação. O autor chama a atenção para os usos de *lá*¹⁶:

- (9) Ele tem lá seus defeitos.
- (10) Eu sei lá o que isso quer dizer.
- (11) Assalariado lá tem escolha?
- (12) Isso é lá com ele.

Ilari (2007) versa que uma caracterização possível para o uso de *lá* é de marcador de distância do falante em relação ao conteúdo de sua asserção, com um elemento de atenuação. No caso de *sei lá*, a presença do predicado epistêmico *sei* resulta num efeito de negação (ILARI, 2007, p. 153).

A descrição de Rosa (1992) apresenta *sei lá* como item que integra o grupo dos *hedges*¹⁷. A análise da autora divide os usos de *sei lá* em *hedges indicadores de atividades cognitivas* e *hedges que expressam incerteza*. Do primeiro grupo também fazem parte os marcadores: *assim, vamos dizer, digamos, não sei*, etc. Rosa (1992) explica que estes elementos indicam atividades de planejamento verbal, “modificando a força das asserções em que aparecem, o que atenua a impositividade que delas pudesse decorrer” (ROSA, 1992, p. 49). A ocorrência que segue exemplifica o uso de *sei lá* como *hedge* indicador de atividades cognitivas:

- (13) (...) você pode inclusive dizer que o nível geral de... sei lá de ansiedade das pessoas vai aumentar (...)¹⁸

Em (13), *sei lá* sinaliza um planejamento verbal do falante, preenchendo o silêncio que decorre da atividade cognitiva.

Quanto aos usos de *sei lá* como *hedge* que expressa incerteza, Rosa versa que sua função é de marcar “o grau de certeza com que os locutores aderem aos seus enunciados, veiculando a avaliação epistêmica que o enunciador faz sobre o que diz” (ROSA, 1992, p.

¹⁶ Ocorrências extraídas de Ilari (2007, p. 153); grifo nosso. As ocorrências foram criadas pelo autor a título de exemplo, pois elas não foram atestadas no *corpus* do Projeto NURC, utilizado para sua pesquisa.

¹⁷ O termo *hedge* pode ser traduzido como “evasiva”. Segundo Marcuschi (2003), os *hedges* “[...] funcionam como precaução, anteparo ou mesmo evasivas, assumindo às vezes a forma de torneios frasais” (MARCUSCHI, 2003, p. 74).

¹⁸ Ocorrência extraída de Rosa (1992, p. 51); grifos nossos. O *corpus* utilizado pela autora consiste em seis inquéritos publicados na obra “A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo” (Castilho e Preti, 1986 e 1987; Preti e Urbano, 1988).

52). Para a autora, estes usos são de atenuação, pois diluem tanto o comprometimento do falante com aquilo que diz quanto a força ilocutória daquilo que diz. Fazem parte deste grupo outros *hedges*, como: *talvez, quem sabe, não sei, provavelmente, etc.*

Pautados em Rosa (1992), Galembeck & Carvalho (1997) afirmam que *sei lá* incorpora o grupo dos MDs¹⁹ de sustentação de turno e indica “explicitamente uma atividade de planejamento verbal” (GALEMBECK & CARVALHO, 1997, p. 14). Para os autores, *sei lá* funciona como alguns verbos de elocução ou de atividade mental, como: *digamos, vamos dizer, vejamos, quer dizer*; e expressões, como: *assim, bom, tudo bem, então*. Eles ainda apontam que, em alguns contextos, o MD *sei lá* pode denotar desprezo, desatenção ou mesmo pouco caso (GALEMBECK & CARVALHO, 1997, p. 14).

Um estudo empreendido por Oliveira & Santos (2011) mostra que *sei lá* é o resultado de processo de gramaticalização em que a forma verbal *sei* e o pronome locativo *lá* constituem “uma unidade de nível superior, um todo de sentido e forma que passa a assumir funções no nível pragmático-discursivo” (OLIVEIRA & SANTOS, 2011, p. 364). Os autores apresentam a seguinte ocorrência a título de exemplo:

- (14) porque o pessoal daqui... sei lá... eles são muito estranhos... fofoqueiros... então:: não é boa influência... aí... eu vou pra lá... o pessoal de lá é legal à beça... e:: lá... sei lá... é um lugar assim mais arejado... mais fresco...²⁰

Para os autores, as funções que o item passa a desempenhar são a de modalizador “na atenuação do tom opinativo do emissor, que assim preserva sua face diante da opinião emitida” e de marcador discursivo, “numa esfera mais avançada de gramaticalização, na qual se registram algumas subfunções, como a de hesitação ou correção” (OLIVEIRA & SANTOS, 2011, p. 367). Na ocorrência acima, as autoras consideram que estes usos articulam os comentários avaliativos do falante e modalizam a avaliação de maneira a atenuar os referidos comentários.

Nossa análise dos usos de *sei lá* na amostra VARSUL/Chapecó levantou formas que apresentam complementizadores diversos, como *sei lá quanto, sei lá por que que, sei lá quem que, etc.:*

¹⁹ Os autores adotam a denominação MCs (marcadores conversacionais).

²⁰ Ocorrência extraída de Oliveira & Santos (2011, p. 364); grifos nossos. O *corpus* utilizado pelas autoras compreende o banco de dados Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil, uma fonte documental que registra depoimentos da comunidade estudantil de cinco cidades brasileiras, coletados no final do século XX: Rio de Janeiro (RJ), Natal (RN), Rio Grande (RS), Juiz de Fora (MG) e Niterói (RJ). Nessas cidades, foram entrevistados estudantes, estratificados por sexo masculino e feminino, dos seguintes segmentos escolares: classe de alfabetização, primeiro e segundo segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Informações acerca do *corpus* podem ser acessadas em: www.discursoeogramatica.lettras.ufrj.br.

- (15) ENT *Sim, e ele que fez a casa?
INF *Sim, ele ou sei lá quem que- *Acho que ele mesmo, não sei até- *Mas ele fez, assim, um rancho de chão pra começar, né? depois aí [foram pro]- foram plantando, foram começar fazer colheita, daí que começou. (VARSUL SCCHP01-FPA)
- (16) INF *[Aqui]- aqui é violento. *Sei lá o que que tem, mas é uma das cidadezinhas aí que mais bate, né? [batida]- sempre dá três, quatro batidas por dia aí, nunca vi! (VARSUL SCCHP02-MPA)
- (17) INF *É, lá tem muita madeira, né? por enquanto [é o]- é o que está dando mais lá é madeira, né? só que sei lá quanto tempo vai- *Aqui também era pura madeira e acabou também, né? (VARSUL SCCHP02-MPA)
- (18) INF *Os Prefeitos gastam tanto dinheiro em coisa que não é preciso, porque eles não fazem [um]- [um]- (hes) uma quadra, um negócio [um]- pra botar esses caras? (vozes) *E ter um negócio pra fazer trabalhar. *[Faz ali]- compra um- sei lá o que que eles podiam fazer? faz trabalhar. *Trabalham aí oito horas por dia, e depois vai pra casa. (VARSUL SCCHP03-MPA)
- (19) ENT *Teu pai é muito ruim?
INF *Não, [ele não]- ele não é ruim, só que sei lá porque que a gente é assim, né? [não]- mas antes de ir conversar com o pai, pedir alguma coisa, contar alguma coisa, a gente conta pra mãe, né? (risos) *Mas ele não é uma pessoa ruim. (VARUL SCCHP12-FGA)
- (20) INF *Porque o nosso italiano não é o dialeto, não é? *É um- sei lá que²¹ italiano que é. (VARUL SCCHP16-FGB)

Outro uso oracional é construído com a conjunção “se” e foi classificado como condicional, remetendo a proposição para fatos futuros. Constitui uma oração subordinada objetiva direta:

- (21) INF *Pra começar, eu nem conheço Curitibanos, eu nem sei como é que é. *Então, sei lá se é uma boa ou não é. (VARSUL SCCHP02-MPA)

Esta construção remete, igualmente, para outros fatos como, por exemplo, a hipóteses, mas sem necessariamente remeter para o tempo futuro:

- (22) INF *Porque [é]- é uma bebida- sei lá se é por causa [da]- da raça, ou do sangue que puxa, mas [eu]- eu me sintonizo bem é com o vinho, né? (VARSUL SCCHP18-MCA)

Encontramos ainda uma forma não flexionada de infinitivo:

- (23) ENT *E por que que o senhor bebia?
INF *Saber lá, nem eu não sei até hoje. (VARSUL SCCHP03-MPA)

Esta forma se aproxima mais das formas delimitadas neste estudo, pois se apresenta na forma parentética. O fato de o verbo não estar flexionado deve-se, possivelmente, à intenção do falante de distanciar-se do discurso, não aplicando marca de primeira pessoa como acontece

²¹ Leia-se “sei lá qual”.

com a flexão *sei*. Segundo Rosa (1992), esta forma se caracterizaria por um marcador de distanciamento e conferiria um “afastamento do locutor enunciador da situação de comunicação [...]” (ROSA, 1992, p. 41).

As formas apresentadas de (15) a (22) caracterizam estágios menos gramaticalizados de *sei lá*. Elas podem representar a metade do caminho para o item mais discursivo que, talvez, tenha entrado com estas construções na estrutura sintática.

As afirmações dos autores supracitados corroboram com nossa hipótese de que *sei lá* seja MD, sobretudo os estudos de Galembeck & Carvalho (1997) e Oliveira & Santos (2011) porque atribuem categoria de MD ao item. Esta hipótese será testada no capítulo destinado ao funcionamento de *sei lá*.

2.2 DE ACHAR A EU ACHO

Descrevemos a trajetória de *achar*, segundo levantamento bibliográfico sobre o fenômeno empreendido em dicionários e gramáticas de língua portuguesa (por exemplo, Ferreira, 2003; Borba, 1990; Houaiss & Villar, 2009), bem como nas pesquisas de Votre (2004), Galvão (1999) e Freitag (2003). Primeiramente, apresentaremos o nível semântico, em seguida as motivações cognitivas e pragmáticas, depois o nível sintático, em seguida o nível morfológico e, por fim, o nível fonológico.

A trajetória de mudança semântica de *achar* inicia no latim quando houve a abstratização de *farejar* para o sentido de *achar* (encontrar), *adflare*>*aflare*:

No latim, o verbo tinha significados relacionados aos atos de soprar, inspirar, farejar, como em *Canis afflat venatum* ('O cachorro fareja a presa'), que podia ser metaforicamente interpretado como 'O cachorro acha a presa'. Essa extensão de sentido é um indício da abstratização de *adflare* já no latim. (FERREIRA, 2003, p. 84; grifos nossos).

Votre (2004) refina mais detalhadamente esta trajetória, ainda no latim:

o verbo *achar* (*afflare*) significava primeiramente 'soprar'. No entanto, sua evolução semântica e também sintática já se iniciava nessa fase. Assim, explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem dos caçadores: do sentido primitivo do latim 'soprar' passou-se ao de 'sentir a proximidade da caça pelo odor', 'farejar' e, daí, 'descobrir', 'encontrar' (a caça). Silva Neto (1992) salienta ainda que 'a evolução semântica de *afflare* até *achar* mostra à evidência que *o ato de achar* pressupõe uma busca intencional, o resultado de quem, antes, procurou'. (VOTRE, 2004, p. 37; grifos do autor).

No latim, do sentido primitivo de *soprar* passou-se ao de *sentir a proximidade da caça pelo odor*, *farejar* e, daí, *descobrir*, *encontrar* (a caça). Este sentido ainda permanece no PB contemporâneo. O Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil,

de Borba (1990, p. 28), classifica este sentido de *achar* como processo. Neste caso, a procura anterior ao ato de encontrar pode ser intencional ou não:

(24) essas meninas pobres acham marido.²²

(25) Temos que achar o tesouro.²³

Já no português arcaico, houve transferência metafórica de sentido concreto (achar algo no espaço físico) para sentido abstrato (achar algo no mundo das ideias):

(26) Mas, por outra parte, quando vejo que, no meio de todos estes perigos e trabalhos, me quis Deus tirar sempre em salvo e pôr-me em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar.²⁴

No PB contemporâneo, o sentido abstrato permanece:

(27) Iria às fazendas achar uma solução.²⁵

Nessa trajetória de abstratização, *achar* indica ação e tem o sentido de *tentar achar*, de *procurar*:

(28) O senhor Bispo mandou que eu achasse lugar para mais uma pessoa?²⁶

O sentido de (28) está presente no PB contemporâneo. De acordo com Traugott (1986a), o processo de mudança de significado também é chamado de subjetivação. Segundo a autora, os significados modificam-se para aludir menos às situações objetivas e mais às situações subjetivas – o que inclui o ponto de vista do falante – e são empregados menos para situações descritivas e mais para situações discursivas.

De acordo com Votre (2004), também no português arcaico, surgem os sentidos de *proposicional de incerteza epistêmica* e *proposicional de percepção epistêmica*. No português contemporâneo, por sua vez, mantiveram-se todos os sentidos anteriores e surgem dois novos sentidos, *emotivo de sugestão* e *parentético epistêmico*. A classificação abaixo, seguida de ocorrências, esboça os sentidos atuais no PB²⁷:

²² Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 28) citada com a referência (CT, 30); grifos nossos.

²³ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 28), citada com a referência (PF, 158); grifos nossos.

²⁴ Ocorrência extraída de Votre (2004, p. 38); grifos do autor. A amostra utilizada pelo autor é proveniente do *corpus* Discurso e Gramática (língua falada e escrita do Rio de Janeiro). Os dados do português arcaico provem das obras: Livro das Aves, Demanda do Santo Graal, entre outras.

²⁵ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (MA, 196); grifos nossos.

²⁶ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (TSL, 122); grifos nossos.

²⁷ Ocorrências extraídas de Votre (2004, p. 31-32); grifos nossos.

Incerteza epistêmica:

- (29) **acho que** ele era nadador profissional.

Percepção:

- (30) **acho que** essa seleção não está boa apesar de ter sido classificada pra final.

Emotivo de sugestão:

- (31) **eu acho que** as pessoas deveriam contribuir.

Parentético epistêmico:

- (32) aí eu estava no colégio... era... aula de ciências... **eu acho**.

Os sentidos de incerteza epistêmica e de percepção não são definidos pelo autor, que apresenta somente as ocorrências nos exemplos (29) e (30). Para melhor compreensão sobre a que se referem estas nomenclaturas, apresentamos as definições de Borba (1990).

O sentido de incerteza epistêmica de Votre (2004) também é contemplado por Borba (1990). Nesse caso, significa *supor, calcular e presumir*, quando *achar* descreve um objeto, evento ou situação, como em:

- (33) **Acho** que me salvei.²⁸

O sentido de percepção de Votre (2004) é descrito por Borba (1990) quando *achar* expressa avaliação ou apreciação sobre um objeto, evento ou situação, e significa *considerar, reputar e qualificar*. Segundo Borba (1990), “Neste caso, pressupõe-se que o sujeito tenha experiência ou conheça não só o que se declara na oração subordinada, mas, ainda, o padrão de referência em relação ao qual aquele conteúdo é avaliado” (BORBA, 1990, p. 29):

- (34) **Achamos que** o setor agropecuário e biológico tem grande importância.²⁹

De acordo com os autores, a interpretação de qualificação é favorecida quando a oração não é mais conjuntiva, mas sim completiva, com complemento de nome + adjetivo:

- (35) **Achamos** o setor agropecuário importante.³⁰

Borba (1990) infere que, quando *achar* não é seguido de oração completiva, como na ocorrência acima, somente o contexto maior possibilitará perceber se a interpretação é de

²⁸ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (Z, 20); grifos nossos.

²⁹ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (PT, 79); grifos nossos.

³⁰ Exemplo extraído de Borba *et al.* (1990, p. 29); grifos nossos.

qualificação ou se trata-se de sentido de suposição, ou seja, conforme a classificação de Votre (2004), se *achar* é proposicional de incerteza epistêmica ou se é proposicional de percepção.

Com relação à classificação de emotivo de sugestão, Votre (2004) comenta muito brevemente que este uso diz respeito a “uma sugestão de mudar algo da realidade” (VOTRE, 2004, p. 32). O que se percebe pelo exemplo trazido pelo autor é que *achar* é seguido do verbo *dever* e esta combinação dá o tom de sugestão nomeado por Votre.

O último sentido listado por Votre corresponde ao parentético epistêmico. ‘Eu acho’, como ele descreve, trata-se de uma expressão epistêmica que deixa de ser cláusula principal “consistindo de um sujeito e de um verbo, que aparece no final de uma cláusula [...]”, deixando de ser cláusula principal (VOTRE, 2004, p. 31). Como o objetivo do autor foi a verificação do grau de integração sintático-semântica de *achar*, o parentético epistêmico foi destacado dos demais usos listados acima e denominado de sentido.

Para melhor entender os sentidos nomeados pelo autor, apresentamos ocorrências encontradas na amostra VARSUL/ Chapecó:

Incerteza epistêmica:

- (36) Mas, olha, [eu não] **eu acho que** não. Pode ser que eu não saiba, né? [que] mas **eu acho que** [não] não tem **acho que** nenhuma lenda aqui em Chapecó. (VARSUL SCCHP12-FGA)

Percepção:

- (37) A gente gosta mesmo de música gaúcha, **eu acho que** pela própria tradição aqui [do] do nosso povo, né? (VARSULSCCHP10-MGA)

Emotivo de sugestão:

- (38) Sei lá, **acho que** tem que entrar [um] uma pessoa [que] que faça alguma coisa, né? (VARSUL SCCHP01-FPA)

Parentético epistêmico:

- (39) ENT *E, em relação ao frio que está fazendo aqui, na região, sempre foi tradicional esse frio? Como é que vocês enfrentam (esta) a chuva toda?
INF* É esse frio, deste ano [foi um pouco]- foi um pouco demais. *Faziam, assim, muitos anos que não dava uma geada como deu esta semana que passou. *Muito frio mesmo. *A nossa cidade é fria, mas não tanto assim. *Ela, esse ano aqui [foi]- foi demais. *Fazia, **eu acho**, aproximadamente, uns dez anos que não se via uma geada <des->- (pausa no gravador) (VARSUL SCCHP16-FGB)

Segundo Votre (2004), no português contemporâneo, *achar* atinge um nível maior de abstratização quando se apresenta como parentético epistêmico. A ocorrência em (39)

representa a forma de *achar* delimitada para análise nesta pesquisa. Na descrição desta trajetória, traremos o argumento de Votre para a gramaticalização da forma parentética de *achar*. Mais adiante no trabalho, apresentaremos a definição de parentético epistêmico construída para este estudo, bem como sua gramaticalização. Por hora, é suficiente pontuar que, sobre a apresentação parentética de *achar*, Votre articula que “[...] os informantes especializam recursos de atenuação, ou utilizam as mesmas formas com novas acepções” (VOTRE, 2004, p. 19). No caso de *eu acho*, a forma parentética “sofre ressemantização, com perda de significação lexical de sua forma verbal e um conseqüente ganho de significação gramatical” (VOTRE, 2004, p. 36).

Atualmente, observa-se que o

processo de transferência metafórica com abstratização progressiva resulta em um caso de polissemia dinâmica, já que os diferentes sentidos de *achar* coexistem no português, desde o sentido velho (achar algo no espaço físico), até o sentido novo (achar algo no mundo das idéias). (VOTRE, 2004, p. 39).

No que tange às motivações cognitivas, Votre (2004) mostra que *achar* passou do sentido mais concreto somente de *encontrar* (com objeto direto nominal) para os sentidos mais abstratos de percepção, sugestão e incerteza. O que ratifica o que versam Heine *et al.*: “as formas associam-se a novos significados, num *continuum* temporal, num processo metafórico unidirecional, em que os significados mais abstratos são derivados progressiva e cumulativamente de sentidos mais concretos” (HEINE *et al.*, 1991 *apud* VOTRE, 2004, p. 32). Já no nível pragmático, na passagem de concreto para abstrato pode haver intenção do falante de fazer referência a algo mais concreto para melhor expressar ao ouvinte o novo sentido que aparece no discurso.

Os diversos sentidos apresentados até este ponto são retratados no PB contemporâneo, segundo o dicionário de Houaiss & Villar (2009), em que *achar* apresenta as seguintes acepções:

achar v. **1** encontrar por ter procurado ou por acaso <*achar o caminho*> <*achar a bolsa*> **2** realizar (algo novo); descobrir <*achamos a solução*> **3** alcançar (o que se quer ou procura) <*queria achar o sucesso*> **4** ter (sensação, experiência, etc.) <*achou a paz no campo*> **4.1** deparar com (algo ou alguém; encontrar <*achou tudo desordenado*> **5** estar em determinado local ou situação; encontrar-se <*acha-se fora da cidade*> <*acha-se em situação difícil*> **6** ter impressão ou opinião; considerar <*acho que vai chover*> <*achamos isso provável*> **7** pensar ou avaliar a cerca de; julgar(-se) <*acham-no louco*> <*acha-se esperto*> **8** afirmar por julgamento voluntário; julgar <*nada aconteceu como achávamos*> **9** ter uma ideia firme; decidir <*achou de tornar-se cantor*> [...] SIN/VAR assentar, avaliar, barruntar, calcular, conjecturar, considerar, crer, cuidar, devanear, encasquetar, entender, estabelecer, estimar, fantasiar, imaginar, julgar, orçar, pensar, persuadir-se, pressentir, pressupor, presumir, prever, rezear, reputar, sonhar, supor, temer [...]. (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 32; grifos dos autores).

Estes sentidos coexistem no PB atual. Veremos ainda, na sequência desta contextualização, a mudança em outros níveis, como a cristalização da forma no nível morfológico, por exemplo. Até aqui, entendemos que se trata de uma variação dos usos de *achar* demonstrada nos vários sentidos que o item agregou em sua trajetória desde o latim.

A gramaticalização de *achar* diz respeito à sua apresentação na forma parentética *eu acho*, mencionada acima, sustentada igualmente por Votre (2004):

os sentidos mais freqüentes do verbo *achar* estão numa situação de polissemia, que não implica gramaticalização, pois não houve passagem de verbo pleno a auxiliar, ou de verbo a outra classe mais gramatical, com exceção da expressão epistêmica ‘eu acho’ quando esta se comporta como parentético epistêmico. (VOTRE, 2004, p. 40; grifo do autor).

Já Galvão (1999) estende a gramaticalização de *achar* ao considerar que tal processo se deve à mudança de sentido que o verbo assumiu, ou seja, de um verbo modal epistêmico:

Nossa análise revelou que o verbo achar no português contemporâneo do Brasil encontra-se em processo de gramaticalização, à medida que, um item lexical, verbo pleno, com o significado de encontrar, influenciado por mecanismos metafóricos e metonímicos, dá origem a novos usos no domínio da modalidade - mais gramaticais -, e assume funções diferentes da de origem, comportando-se ora como um verbo modal epistêmico ora como uma espécie de advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo. (GALVÃO, 1999, p. 146).

Assim, a autora entende que a gramaticalização de *achar* não se aplica somente à sua forma parentética, mas é evidenciada também nos outros usos que o verbo assumiu durante sua trajetória de mudança, como a modalização epistêmica, exemplificada abaixo:

(40) **Eu acho** que (a prova) será na primeira semana de setembro. **Eu acho** Isso que eu tô te dizendo é pura especulação. (NS)³¹

Neste exemplo, Galvão (1999) pretendeu destacar a marca de modalização de *eu acho*, reforçada pelo uso do parentético (o segundo *eu acho* que aparece na ocorrência) e o comentário do falante que pretende reduzir o comprometimento com relação ao que está sendo dito.

Freitag (2003) considera que o processo de gramaticalização de *achar* está no nível da construção, que ela descreve como *acho (que)*, por conta da cristalização na primeira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo:

Minha discordância é suportada por Bybee (2001), que afirma que é uma construção com itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada e não um item lexical

³¹ Ocorrência extraída de Galvão (1999, p. 83); grifos nossos. O *corpus* utilizado por Galvão compreende três amostras de fala: NURC/SP, RONDON (RD) e NÃO-SISTEMATIZADA (NS). E uma amostra de dados escritos: UNESP/Ar (CE).

que se torna gramaticalizado. Bybee cita como exemplo *going to*, no inglês, como marcador de futuro: não é o verbo *go* que se torna marcador de futuro; é a expressão *going to*. (FREITAG, 2003, p. 31; grifos da autora).

Esta afirmação de Freitag reforça, em parte, nossa hipótese de que *eu acho* esteja se gramaticalizando, assim como a afirmação de Votre (2004), quando este diz que somente a “expressão epistêmica ‘eu acho’ quando esta se comporta como parentético epistêmico” implica em gramaticalização (VOTRE, 2004, p. 40). O entendimento de Freitag se remete à construção, enquanto Votre compreende a gramaticalização do item, do verbo pleno *achar*. Parcialmente, porque delimitamos nosso estudo aos parentéticos e porque nossa hipótese postula que a mudança verificada é de verbo pleno a MD e este tratamento não é incorporado no estudo de Freitag, que acredita que neste último caso o processo seria de discursivização³² (da gramática para o discurso). A autora apresenta o seguinte exemplo para a cristalização da construção:

- (41) Quando não era corrida de bastão era pata cega, aquele negócio. É porque na época eu acredito que na época, os professores de educação física não eram formados realmente em educação física. **Eu acho que** eles eram improvisados. Não posso dizer com certeza. **É o que eu acho**. Que você vê hoje um professor de educação física muito diferente do anterior.³³

Segundo a autora, a gramaticalização da construção se verifica, então, pela frequência da forma cristalizada em detrimento de formas compostas por outros tempos ou pessoas, como em *eu achei*, *achava*, *ele achou*, e porque estas formas não desempenham a mesma função da forma cristalizada, a de modalização epistêmica.

Prosseguindo a trajetória, agora no nível sintático, *achar* passou de intransitivo para transitivo ainda no latim, como em: *Canis afflat* (intransitivo) para *Canis afflat venatum* (complemento oracional - objeto direto). No português arcaico, a construção com complemento oracional se manteve:

- (42) pella quall rrazom o llobo em pomto de morte e amdaua buscamdo phisico que tirasse o osso **achou** a grua.³⁴

Também no português arcaico, *achar* tem cláusula subordinada objetiva direta, como em:

- (43) Dos gregos **achamos que** Socrates foy de doce e graciosa e festival pallavra, a que os gregos chamam ‘yronya’.³⁵

³² O conceito de discursivização não será tratado nesta pesquisa. Para leituras sobre este tema, ver Martelotta *et al.* (1996).

³³ Ocorrência extraída de Freitag (2003, p. 46); grifos nossos. O *corpus* utilizado por Freitag é o do Varsul, Florianópolis/SC.

³⁴ Ocorrência extraída de Votre (2004, p. 37); grifos nossos.

³⁵ Ocorrência extraída de Votre (2004, p. 37); grifos nossos.

Encontram-se, também, estruturas com *achar* com infinitivo de outro verbo mais o acusativo:

- (44) E seja o vagar e a folga do solitário temperada e branda, e o apartamento do êrmo seja assesssegado e pacífico e nom cruel e fero, em tal guisa que aquêles que i veerem maravilhem-se da humanidade e da caridade que viirem e **acharem** morar em o êrmo, a qual é vida esterrada das cidades.³⁶

As construções com *achar de* + infinitivo, segundo Borba (1990), são apresentadas como correntes no PB contemporâneo, com sentido de *tomar a deliberação de, decidir, resolver*:

- (45) E então a mula **achou de** empacar.³⁷

Porém, conforme Votre (2004), estruturas de *achar* com infinitivo de outro verbo mais o acusativo já eram pouco utilizadas no português arcaico e em português contemporâneo elas não são encontradas, mantendo-se a cláusula subordinada objetiva direta.

Já no português contemporâneo, manteve-se a estrutura com complemento oracional (objeto direto):

- (46) Depois de muitas voltas eles **acharam** o caminho de volta, ainda a tempo de pegar a barca das 4:00 horas. No dia seguinte eles me contaram essa história, e todos rimos muito.³⁸

Tais construções com *achar* indicam ação, com sujeito agente e que têm como complemento uma oração conjuncional ou em discurso direto, que descreve um objeto, evento ou situação (BORBA, 1990, p. 29):

- (47) O prefeito **acha que** agora talvez não fosse preciso fazer a separação.³⁹

O exemplo abaixo, nosso foco de análise, é apresentado pelos autores com esta mesma descrição:

- (48) Mas feminismo é para mulheres especiais, **eu acho**.⁴⁰

Neste caso, os sentidos de *supor, calcular e presumir* se mantêm na estrutura parentética.

No nível sintático, existe um estímulo para que a gramaticalização aconteça, isto é, os aspectos sintáticos propiciam a gramaticalização e também são agentes do caminho que a mudança irá tomar. Segundo Votre, “não havendo controle/integração entre as cláusulas, a subordinada é praticamente autônoma, em termos de codificação gramatical: seu verbo finito está conjugado, no modo indicativo, e seu sujeito tende a estar presente [...]” (VOTRE, 2004,

³⁶ Ocorrência extraída de Votre (2004, p. 38); grifos nossos.

³⁷ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29); grifos nossos.

³⁸ Ocorrência extraída de Votre (2004, p. 37); grifos nossos.

³⁹ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (RIR, 66); grifos nossos.

⁴⁰ Ocorrência extraída de Borba *et al.* (1990, p. 29), citada com a referência (É, 17); grifos nossos.

p. 14). Este formato desenhado pelo autor é verificado na forma estudada *eu acho* e na cristalização mencionada acima e se apresenta como mais um indício da gramaticalização do item para MD.

Traugott & Heine (1991, p. 6) afirmam que verbos gramaticalizados em *case markers* (marcadores de caso) tendem a perder a habilidade de serem flexionados em pessoa, tempo, aspecto e modo, o que é o caso da cristalização de *eu acho*.

Ao que diz respeito ao nível morfológico, no latim houve a mudança de *adflare* (soprar) para *aflare* (achar). A mudança de *aflare* para *achar* aconteceu no português arcaico. No português contemporâneo, quanto ao paradigma verbal, não há grande expressão na mudança, que já se iniciou no latim, para o português arcaico e depois o português contemporâneo. Porém, a cristalização da construção na primeira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo pode ser um forte indício de uma mudança neste nível. Esta característica é ainda mais evidente no uso parentético, na qual a cristalização está completamente fixa.

Passando ao nível fonológico, no português arcaico, segundo Votre,

a mudança fonológica para o verbo *achar* constata-se, segundo Mattos e Silva, após o século VIII, em que ‘podem ser situadas as palatalizações das sequências latinas /Cl/ que resultarão na africada, depois constrictivas, /tʃ/ > /ʃ/, como, por exemplo, em *afflare* > *achar*’. Mattos e Silva destaca ainda que, ‘para esse novo fonema /tʃ/ > /ʃ/ um grafema não existente na escrita do latim foi utilizado, < ch >, tal como o < nh > e o < lh > para as palatalizações do /ni/ e /li/’. (VOTRE, 2004, p. 37; grifos do autor).

Conclusivamente, no que diz respeito à mudança categorial, pleiteamos que *achar* passou de verbo pleno + complemento oracional para MD, sofrendo também mudança semântica, apresentando uso parentético (na qual o complemento oracional desaparece). Esta hipótese será sustentada pela síntese dos traços definidores dos MDs e pela análise da amostra a partir destes traços.

As seções 2.1 e 2.2 contextualizaram os fenômenos estudados nesta pesquisa. Apresentamos a trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial pela qual passaram e passam *saber* e *achar*, principalmente até chegar à apresentação das formas parentéticas dos itens sob nossa análise, *sei lá* e *eu acho*. Na sequência desse capítulo, abordaremos a caracterização dos parentéticos epistêmicos.

2.3 PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS

Partindo de uma noção ortográfica, segundo Bechara (2002), os parênteses “assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecerem maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção dos parênteses é assinalada por uma entonação especial” (BECHARA, 2002, p. 662). A marcação ortográfica dos parênteses é estendida por nós, na tentativa de conceituação da noção de parentéticos, ao uso das vírgulas, que representam uma pequena pausa do falante, funcionando como parêntese, como nas ocorrências que seguem:

- (49) ENT *Tinha igreja já ou não?
 INF *Tinha. *Só que era uma igreja de- não era essa igreja, uma igreja que foi queimada depois. *Não sei o que que aconteceu ali, dizem que botaram fogo, sei lá. (VARSUL SCCHP02-MPA)
- (50) INF *Ele foi me dar uma moeda de esmola, né? *Ele disse: “*Eu vou te dar essa-” *Eram quatrocentos réis, eu acho. (VARSUL SCCHP21-FCB)

Como mostram as ocorrências, os itens entre parênteses direcionam a compreensão do interlocutor para um quadro de interpretação estabelecido pelo falante. Baseamo-nos, igualmente, em Grice (1983 *apud* Freitag, 2004), para quem os parentéticos epistêmicos “condicionam a interpretação em que são lexicalmente encaixados” (GRICE, 1983 *apud* FREITAG, 2004, p. 84). Segundo Palmer (1986 *apud* FREITAG, 2004), os parentéticos epistêmicos relacionam-se com a força assertiva da proposição onde aparecem e representam a “atitude do falante e seu julgamento acerca da informação proposicional da oração, que pode ser de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência” (PALMER, 1986 *apud* FREITAG, 2004, p. 84). Segundo Freitag (2004), uma proposição que não apresente elementos modalizadores é mais impositiva, como nas ocorrências ilustradas pela autora⁴¹:

- (51) É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams, eu acho. E de quem fizeram a organização do GP, eu acho. SC FLP MJG 15
- (52) É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams. E de quem fizeram a organização do GP.

⁴¹ Ocorrências extraídas de Freitag (2004, p. 85): grifos nossos.

A partir deste quadro conceitual, fica clara a conexão entre os parentéticos epistêmicos e a modalização epistêmica parentética apresentada anteriormente. Os parentéticos, então, vão atuar como os elementos que colocam em prática a modalização no discurso.

Em seu reconhecimento dos marcadores de atenuação, Rosa (1992) cita os verbos e advérbios parentéticos identificados por Fraser, para quem estes elementos “modificam a força ilocutória do enunciado em que ocorrem, reduzindo o comprometimento resultante da enunciação” (ROSA, 1992, p. 37). Para a autora, esta denominação se deve à posição intermediária da unidade discursiva que ocupam, ou ainda, representam “algo que está fora do desenvolvimento sequencial da unidade discursiva (UD) e, portanto, apenas circunstancialmente inserido em seu núcleo” (ROSA, 1992, p. 37):

(53) Vai chover muito, **eu acho**, pois o céu está bem escuro.⁴²

Amparamo-nos, também, como visto no capítulo 2, no sentido de *achar* apresentado por Votre que retomamos aqui. O que o autor descreve como ‘Eu acho’ trata-se de uma expressão epistêmica “consistindo de um sujeito e de um verbo, que aparece no final de uma cláusula [...]”, deixando de ser cláusula principal (VOTRE, 2004, p. 31). Repetimos o exemplo apresentado pelo autor:

(54) aí eu estava no colégio... era... aula de ciências... **eu acho**.

Diferentemente de Votre, em nossa análise, consideramos como parentéticos epistêmicos os usos em qualquer posição da cláusula, contando que isolados na forma dos parênteses como descrito acima.

Os estudos de Thompson & Mulac (1991 *apud* FREITAG, 2003) sobre *I think* no inglês também sustentam a conceituação que tentamos dar ao que chamamos de parentético epistêmico. Isto por conta do que os autores chamam de *that-deletion* (apagamento de *that*) na construção *I think that*. Repetimos os exemplos aqui⁴³:

(55) ***I think that*** we're definitely moving towards being more technological. (**Eu acho** que estamos definitivamente caminhando para ser mais tecnológicos.)

(56) ***I think 0*** exercise is really beneficial, to anybody. (***Eu acho** exercício é realmente útil para todos.)

(57) It's just your point of view, you know what you like to do in your spare time, ***I think***. (É seu ponto de vista, você sabe o que gosta de fazer em seu tempo livre, **eu acho**.)

⁴² Ocorrência extraída de Rosa (1992, p. 37); grifos nossos.

⁴³ Ocorrências extraídas de Freitag (2003, p. 35); grifos nossos.

Acreditamos que o apagamento do complementizador *-que* torna mais evidente a configuração dos parênteses, assim como ocorre no inglês. Destacamos que (56) não é uma construção possível no PB, por isso a marca de agramaticalidade. Neste caso, se o complementizador é apagado, é justamente o formato de parênteses, nos termos conceituados aqui, que tornará a construção gramatical novamente.

Nossa escolha pelos itens no formato descrito aqui como parentéticos epistêmicos se justifica no intuito de descrever estas formas que acreditamos representarem um estágio mais avançado no processo de gramaticalização do que as formas que se apresentam com complementizador, e passaram de uma categoria gramatical a outra (conforme Votre, 2004, para *achar*, quando este autor destaca o nível maior de abstratização alcançado pelo verbo na forma parentética). Além disso, estudos como os de Votre (2004) e Freitag (2004) sobre *achar* apresentam “parentético epistêmico” como um sentido ou uma função. Aqui entendemos que “parentético” se refere à forma de apresentação dos itens e “epistêmico” diz respeito à função que a forma desempenha. Nosso intuito torna-se, portanto, averiguar quais os sentidos dentro do quadro funcional maior da modalização epistêmica parentética as formas parentéticas de *sei lá* e *eu acho* abarcam.

Na sequência dessa dissertação, abordaremos o referencial teórico que embasa os resultados e as análises que se encontram ao final do trabalho.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos que sustentam nosso estudo sobre *sei lá* e *eu acho*. Inicialmente, resumimos a perspectiva do Funcionalismo Linguístico de cunho norte-americano, com destaque para a corrente givoniana, bem como concentramos nossa atenção notadamente ao processo de gramaticalização, conforme Heine *et al.* (1991), Traugott & Heine (1991), Hopper (1991), Traugott (1995), entre outros, pois vislumbramos que *saber* e *achar* se encontram em processo de mudança semântica/pragmática e categorial via gramaticalização, passando de verbos plenos a MDs (*sei lá* e *eu acho*). Por fim, revisitamos os traços definidores dos MDs, segundo Silva & Macedo (1989), Risso *et al.* (2006), Urbano (1997).

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

De maneira geral, existe uma divisão dos diferentes funcionalismos: o conservador, o moderado e o extremado. Segundo Nichols (1984, p. 55), o funcionalismo conservador detém-se apenas à inadequação do modelo formalista e estruturalista, e não apresenta um modelo de análise. O funcionalismo moderado também assinala essa inadequação, mas propõe um modelo de análise da estrutura. Por fim, o funcionalismo extremado não admite a proposta saussureana de linguagem e propõe que a gramática pode ser reduzida ao discurso. Van Valin (1990 *apud* MOURA NEVES, 1997) enquadra alguns autores funcionalistas nesta divisão. No funcionalismo conservador, Van Valin (1990) enquadra Kuno (1987). Nomes como Thompson (1987), Hopper (1987) e Givón (1979c) integram o funcionalismo extremado. Autores que Van Valin (1990) considera como funcionalistas moderados são Dik e Halliday e ele próprio. Entretanto, as obras de Givón (1984; 1990; 1993) também são consideradas de proposta mais moderada e é nesta proposta que sustentaremos nosso trabalho.

Apesar de divergências entre as vertentes, existem, evidentemente, semelhanças que as agrupam na perspectiva teórica. Segundo Givón (1995), o postulado que une todos os funcionalistas é o da não-autonomia: língua e gramática não são um sistema autônomo, uma vez que a gramática não poderia ser considerada sem correspondência à cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. Podemos considerar, então, que são as concepções de língua e gramática o que associa as vertentes do Funcionalismo. Queremos assim dizer que este modelo teórico tem como objeto de estudo as situações reais de uso da língua, ou seja, a

língua do ponto de vista da interação comunicativa. A partir de então, temos uma teoria que “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA *et al.*, 2003, p. 29).

Assim, o Funcionalismo se preocupa com as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos na comunicação interpessoal, trata da noção de gramática emergente, ou seja, vê a estrutura da gramática através do contexto pragmático-discursivo para explicar os propósitos dos fatos linguísticos. O conceito de gramática emergente, introduzido por Hopper (1987), estabelece que a gramática é continuamente construída, pois está sujeita à mudança e é acentuadamente afetada pela maneira como é usada no cotidiano, até mesmo em teor de frequência. Trata-se da “constante renovação do sistema lingüístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes [...]” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 15). Nesta concepção, a frequência fornece as características de regularidade e sistematicidade observadas na gramática. Para Hopper, não existe gramática, mas somente gramaticalização, ou seja, o movimento em direção à estrutura (HOPPER, 1987, p. 148).

Ao funcionalismo interessa que a forma linguística provém do uso na interação comunicativa e a estruturação da gramática é dependente deste uso no discurso. Por esta perspectiva, o Funcionalismo entende uma relação entre forma e funcionalidade. E esta relação não é arbitrária, já que é elucidada na regularidade através do uso recorrente dos falantes. A funcionalidade das formas na língua é cognitiva e social e determina a estruturação da gramática. A gramática, como já vimos, é emergente, pois varia para se adequar às necessidades comunicativas dos falantes.

Os princípios e categorias reguladores da codificação linguística sob a visão da teoria funcionalista, são: a iconicidade, a marcação, a transitividade e planos discursivos (figura e fundo), a informatividade e a gramaticalização. Daremos destaque ao princípio dos planos discursivos de figura e fundo logo abaixo e ao processo da gramaticalização, que será tratado em separado na seção seguinte. Entendemos que, entre os princípios regentes da teoria funcionalista, estes são os que explicam e sustentam nossas hipóteses de mudança semântica/pragmática e categorial para *sei lá* e *eu acho*.

A transitividade⁴⁴, sob o enfoque funcionalista, compreende uma função pragmática que diz respeito à maneira como o falante organiza seu texto, baseado em seus objetivos

⁴⁴ Para maiores aprofundamentos sobre a transitividade e os planos discursivos sob a ótica funcionalista, ver Hopper & Thompson (1980). A utilização deste princípio para a explicação da mudança semântica/pragmática e

comunicativos e em sua percepção das necessidades do interlocutor. De acordo com Cunha et al. (2003)

Para que a comunicação se processe satisfatoriamente, ou seja, para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de periféricidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos de estrutura de texto, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura e fundo*. (CUNHA et al., 2003, p. 39; grifos dos autores).

De modo geral, o grau de transitividade de uma proposição diz respeito a uma função discursiva particular. Assim, proposições com alta transitividade correspondem ao que é central no enunciado (a figura) e proposições com baixa transitividade correspondem ao que é periférico (o fundo). A parte do enunciado que corresponde à figura se caracteriza por eventos acabados, pontuais, afirmativos, entre outros elementos, que integra a comunicação central de textos narrativos. A parte do enunciado que corresponde ao fundo se caracteriza por descrições de ações e eventos concomitantes à figura, comentários avaliativos, entre outros. Os contextos de uso de *sei lá* e *eu acho* se inserem no plano discursivo de fundo, já que funcionam como parênteses, assinalando, sobretudo, os comentários avaliativos do falante sobre a parte central do enunciado, a figura. Esta discussão será apresentada no capítulo 6.

3.1.1 Gramaticalização

Estudos de mudança linguística pelo processo de gramaticalização nem sempre apresentam discussões semelhantes⁴⁵. Segundo Heine et al. (1991, p. 4), o que há de consenso sobre o princípio da gramaticalização é que: se trata de um processo e é unidirecional, ou seja, o processo segue de uma unidade “menos gramatical” para uma unidade “mais gramatical”, mas não segue o caminho contrário.

Segundo Traugott & Heine, gramaticalização é

o processo linguístico, através do tempo e sincronicamente, de organização e codificação de categorias. O estudo da gramaticalização, portanto, destaca a tensão entre a expressão lexical relativamente irrestrita e codificação morfossintática mais restrita, e aponta para a indeterminação relativa na linguagem e para a não-singularidade básica de categorias. (TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 1).⁴⁶

categorial de *sei lá* e *eu acho* se pauta em Martelotta (2004). Ressalvamos que a aplicação dos planos discursivos de figura e fundo serve melhor à explicação das narrativas.

⁴⁵ Ver, por exemplo, Campbell (2001); Campbell & Janda (2001).

⁴⁶ Tradução nossa.

A gramaticalização é um tipo de mudança linguística submetido a alguns processos e mecanismos gerais de mudança e define-se por certos resultados, como por exemplo, mudanças na gramática (TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 3). Desta maneira, as formas que se rotinizam pela frequência de uso começam a fazer parte da gramática da língua. É assim que, segundo Traugott (1995), um item lexical (ou uma construção), impelido por contextos pragmáticos e morfossintáticos restritos, torna-se gramatical (TRAUGOTT, 1995, p. 1). É um processo tanto diacrônico quanto sincrônico⁴⁷ e a direção deste processo tem no seu conceito mais aceito o de que o item mais autônomo que aparece no discurso perde sua autonomia indo para a gramática, regularizando-se e perdendo liberdade de variação. Essa regularização tem sua tarefa frente à configuração de uma gramática que, sob o ponto de vista sincrônico, se modifica em razão das pressões cognitivas, mas principalmente das pressões de uso.

A perspectiva adotada neste trabalho constitui-se nos pressupostos de Traugott (1995), para quem o tipo de mudança que se observa nos MDs é o processo de gramaticalização, descartando a discursivização, por exemplo, muitas vezes associada aos MDs. A autora propõe que as características salientes do processo de gramaticalização presentes nos MDs sejam: a decategorização, a redução fonológica, o aumento de função pragmática e a subjetivação. Traugott (1995) propõe ainda que os MDs fazem parte da gramática, pois possuem restrições sintáticas e propriedades pragmáticas. A autora salienta a importância de se considerar igualmente a pragmática, e não somente a fonologia, a morfossintaxe e a semântica como componentes básicos da gramática. Trouxemos os postulados de Traugott especificamente para a gramaticalização dos MDs porque vislumbramos que a mudança verificada de *saber* e *achar* até os itens *sei lá* e *eu acho* seja de verbos plenos a MDs. Esta hipótese será testada na análise dos resultados desta pesquisa.

Neste ponto, insere-se o conceito de frequência, de acordo com Bybee (2003). Segundo a autora, a frequência é um contribuinte fundamental para as mudanças verificadas no processo de gramaticalização: “uma sequência de palavras ou morfemas utilizada frequentemente se torna automatizada, como uma única unidade de processamento”⁴⁸ (BYBEE, 2003, p. 603). A frequência de uso é um dos traços definidores dos MDs, como

⁴⁷ Segundo Gonçalves *et al.* (2007), a gramaticalização pode ser considerada *diacrônica* “se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou *sincrônica* se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 16). A associação destas perspectivas é a *pancrônia*, que também compõe uma opção metodológica.

⁴⁸ Tradução nossa.

veremos na seção 3.2. Este traço será testado no capítulo 6, quando o correlacionaremos com os resultados obtidos nesta pesquisa.

Também nos servimos dos cinco princípios da gramaticalização de Hopper (1991, p. 22), os quais embasam a identificação das tendências de gramaticalização na língua em uso:

Camadas (ou Estratificação): dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente surgindo. Enquanto isto acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com as camadas mais recentes. Entendem-se como graus de gramaticalização em esferas similares de função de diferentes formas lexicais. Tanto no que diz respeito a *saber* quanto a *achar* a polissemia dinâmica identificada no capítulo 2, ou seja, os diferentes sentidos coexistem no PB. Além disso, outras formas codificam os mesmos sentidos exercidos tanto por *sei lá* como por *eu acho*, no quadro funcional da modalização epistêmica parentética. No caso de *eu acho*, o novo sentido que decorre da forma parentética tem seu funcionamento muito próximo de *talvez*, conforme vimos na seção 2.3.

Divergência: quando uma forma lexical sofre gramaticalização para um clítico ou afixo, a forma original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças como itens lexicais comuns. É o caso de um único item lexical que se gramaticaliza em um contexto de uso, mas não em outro. A cristalização das construções *sei lá* e *eu acho* na primeira pessoa do singular do tempo presente do indicativo, como MDs parentéticos epistêmicos, é um exemplo deste princípio de gramaticalização, diferentemente dos usos das formas autônomas *achar* e *saber* como verbos plenos com complementizador, nos quais ocorrem também outros tempos e pessoas, como *ele achou que*, *nós sabemos que*, por exemplo. Observemos as ocorrências abaixo:

Saber como verbo pleno

- (58) INF *(hes) **Eu sei** que daí falaram pra nós, se nós viéssemos morar na cidade, que nós tínhamos INPS, né? (VARSUL SCCHP01-FPA)

Saber como MD

- (59) INF *Ah! *Eu imagino, assim, a Itália, [uma]- [uma]- assim, pessoas alegres, pessoas [bem]- bem falantes, bem- *Sabe? eu acho que, assim, uma cidade (hes) [com]- sem violência. ***Sei lá**, eu imagino assim. (VARSUL SCCHP16-FGB)

Achar como verbo pleno

- (60) INF *Então, é os filhos, os netos e a gente faz um churrasquinho, faz um-
*Sempre se reúne. *Isso **eu acho** muito bom, porque na vida que nós
estamos, atualmente, né? (VARSUL SCCHP16-FGB)

Achar como MD

- (61) ENT *E eles nasceram onde, os seus pais?
INF *Mas deve [ser]- ser lá em Caxias do Sul mesmo, **eu acho**, ali no
município de São Marcos. (VARSUL SCCHP01-FPA)

As ocorrências (58) a (61) aparecem na amostra VARSUL/Chapecó, confirmando a coexistência dos usos plenos e gramaticalizados de *saber* e *achar*.

Especialização: dentro de um domínio funcional, em uma fase, pode ser possível uma variedade de formas com diferentes tonalidades semânticas; conforme a gramaticalização ocorre, esta variedade de escolhas formais reduz e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. É a fase mais avançada da gramaticalização, em que o uso de um item que corresponde a umas destas nuances se torna mais frequente. Com base na análise quantitativa das amostras investigadas, verificaremos a frequência de *sei lá* e *eu acho*. Votre (2004) nos dá indícios da frequência de *eu acho* parentético epistêmico. Seu estudo sobre a trajetória de *achar* mostrou que o uso de *achar* como parentético epistêmico é pouco frequente, dos 241 dados examinados pelo autor, 2 correspondem aos usos parentéticos epistêmicos.

Persistência: quando uma forma passa por gramaticalização de uma função lexical para uma função gramatical, contanto que seja gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e os detalhes de sua história lexical podem se refletir em restrições à sua distribuição gramatical. Em uma fase intermediária da gramaticalização, uma forma pode ser polissêmica e um ou mais dos seus significados refletem um significado anteriormente dominante. Nos casos de *saber* e *achar*, o sentido pleno de conhecer para *saber* e de encontrar algo no mundo das ideias para *achar* permanecem nos itens *sei lá* e *eu acho*. Para *sei lá*, por exemplo, o sentido de conhecimento de *sei* se mantém e a partícula *lá* cancela esse conhecimento.

Decategorização: formas que sofrem gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e privilégios sintáticos, características das categorias plenas Nome e

Verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias, como Adjetivo, Particípio, Preposição, etc. É a perda da autonomia discursiva de uma forma Nome que não mais identifica participantes em um evento, mas assume papéis secundários, como adverbiais ou preposicionais, por exemplo. As formas parentéticas apresentam usos que se distanciam daqueles verificados na categoria Verbo, como se pode perceber nos exemplos (59) e (61), quando atuam como MDs.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007) diversos autores, como Bybee *et al.* (1994), Heine & Reh (1984) e Heine *et al.* (1991a), entre outros, consideram que a mudança semântica observada no processo de gramaticalização é acarretada por processos metafóricos e metonímicos. A metáfora diz respeito à abstratização de sentidos, ou seja, os sentidos mais concretos são reinterpretados para fazer referência a ideias mais abstratas. Como explica Gonçalves *et al.*,

Essa abstratização diz respeito à forma como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca. É nesse sentido que as coisas mais próximas são mais claramente estruturadas e delimitadas, menos abstratas, do que as que estão mais distantes. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 43).

A metonímia, assim como a metáfora, funciona como mecanismo de expansão de sentidos, ou seja, relação entre sentidos com base na proximidade (contiguidade). Segundo Gonçalves *et al.*,

A mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio 'abduativo', por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei. A abdução tem sido reconhecida como a base da percepção humana e como o tipo de raciocínio que pode fazer gerar novas idéias. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 48).

Os processos metafóricos e metonímicos podem ser observados na mudança semântica apresentada para *saber* e *achar* até aqui. Retomando a trajetória destes verbos, ilustrada no capítulo 2, é possível verificar que a mudança concreto > abstrato se elucida nos sentidos de *saber* pelo paladar que passa a significar *saber* pela mente e de *achar* algo no mundo físico que passa a significar *achar* algo no mundo das ideias.

Para melhor entender os processos metafóricos e metonímicos implicados na mudança via gramaticalização, trazemos o modelo de Heine *et al.* (1991):

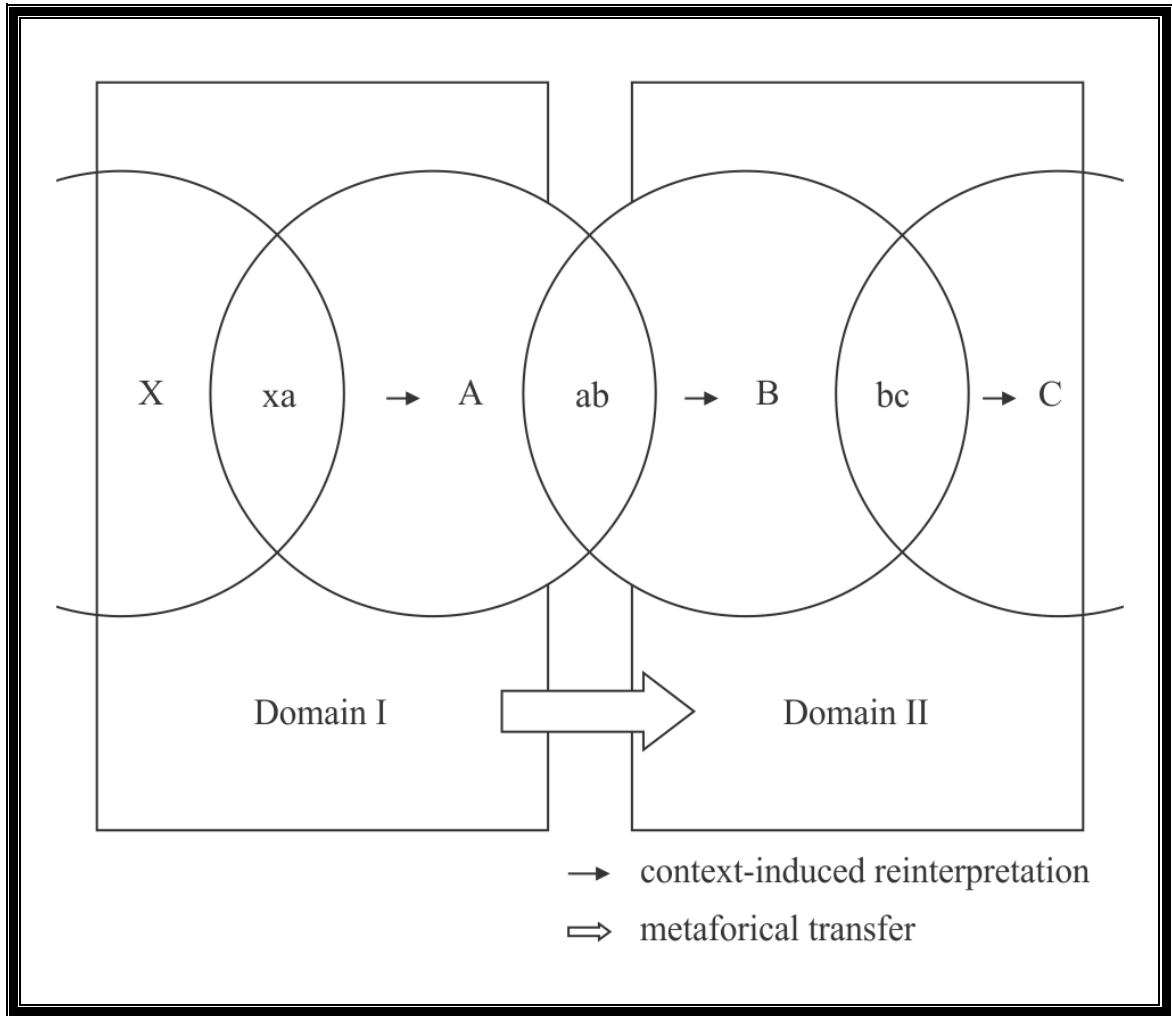


Figura 1 – The metonymic-metaphorical model
Fonte: Heine *et al.* (1991, p. 114)

O modelo aponta duas forças, uma cognitiva e outra pragmática, envolvidas no processo de gramaticalização, que compreendem dois tipos de estrutura: (i) uma estrutura mais ampla, que determina a passagem do domínio I para o domínio II, mediante transferência metafórica por relações de similaridade ou analogia (natureza cognitiva); e (ii) uma estrutura menor, que determina, em um *continuum*, uma sequência em cadeia que apresenta etapas com significados sobrepostos; a expansão destes significados ocorre através de processo metonímico, por meio de reinterpretação induzida pelo contexto, por implicatura conversacional (natureza pragmática) (HEINE *et al.*, 1991, p. 102-112). Este modelo nos servirá para apresentar a gramaticalização de *sei lá* e *eu acho* com base no *continuum* estabelecido para o domínio da modalização epistêmica parentética.

O processo de raciocínio abduativo, mencionado acima por Gonçalves *et al.* (2007), corresponde ao que se denomina *reanálise*. Esta, considerada uma das motivações para a mudança linguística, explica a mudança pela qual passam os itens sob nosso escopo. A

reanálise trata do surgimento de novas formas gramaticais, pois neste processo modificam-se os limites de constituintes de uma expressão, o que leva uma dada forma a ser reanalisada como fazendo parte de uma categoria gramatical distinta daquela de sua origem (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 50).

Na mudança categorial postulada para *sei lá* e *eu acho*, a reanálise explica a passagem de verbos plenos a MDs, ou seja, de uma categoria para outra.

3.2 MARCADORES DISCURSIVOS

Esta seção é destinada à definição dos MDs, visto que postulamos este estatuto gramatical para as formas estudadas *sei lá* e *eu acho*.

Estudos sobre os MDs, embora esparsos na década de 1980, foram abundantes em vários ramos da linguística e áreas afins. Os MDs foram estudados, desde então, em várias línguas, como o francês (CADIOT *et al.*, 1985; VINCENT, 1993; HANSEN, 1998), o espanhol (KOIKE, 1996; SCHWENTER, 1996), o português (SILVA & MACEDO, 1992), entre muitas outras: dinamarquês, finlandês, italiano, alemão, e também nas línguas orientais: chinês, japonês, coreano. Os MDs foram pesquisados em diversos gêneros e contextos interativos, como narrativas, entrevistas políticas, consultas médicas, jogos, jornais, falas de rádio, salas de aula, bem como em diversas situações de contato linguístico. Os MDs foram estudados sincronicamente e análises diacrônicas complementaram os estudos de aquisição de primeira e segunda língua, assim como os estudos de mudança linguística (SCHIFFRIN, 2003, p. 54).

De acordo com Schiffrin (2003), os MDs são um conjunto de itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual (SCHIFFRIN, 2003, p. 54). São elementos linguísticos típicos da fala. Trata-se de palavras ou expressões muito recorrentes e estereotipadas. Segundo Silva & Macedo, as funções que exercem no discurso não estão previstas nas gramáticas tradicionais:

[...] os marcadores estão envolvidos em macrofunções discursivas: a organização interna do discurso, em início e final de tópico, início e final de parágrafo, por exemplo; a manutenção da interação dialógica, incluindo-se aqui a organização dos turnos; e ainda uma função ainda mais difícil de ser sistematizada, que seria a de processamento da fala na memória (SILVA & MACEDO, 1989, p. 14).

Silva & Macedo (1989), a partir de sua análise da Amostra Censo⁴⁹, expõem alguns resultados sobre os MDs. O levantamento procedido pelas autoras apresentou a seguinte classificação: iniciadores: *ah, bom, bem, olha*; requisito de apoio discursivo: *né? ta? sabe?*; redutores: *eu acho, sei lá*; esclarecedores: *quer dizer, isto é*; preenchedores de pausa: *assim, bem*; sequenciadores: *aí, então*; resumidores: *coisa e tal, papapá*; argumentadores: *eu pra mim, é mas, não mas*; finalizadores: *então tá, é isso aí*. Ocorrências apresentadas pelas autoras ilustram o uso destes elementos:

(62) *Olha*, eu em questão de cozinha eu gosto de fazer tudo.⁵⁰

(63) Mas eu não fico muito, assim, *sei lá*, muito assim confiante de ser carioca da gema.⁵¹

Após a investigação de alguns destes MDs em separado, levando em conta elementos como sentido, função e posição no discurso, bem como o gênero de discurso e as variáveis sociais (sexo, idade, escolaridade), as autoras sintetizam algumas características:

- a) não são vícios de linguagem, pela regularidade no seu emprego;
- b) alguns têm função interativa;
- c) alguns aparecem em certos gêneros de discurso e não em outros;
- d) alguns sofrem influência das variáveis sociais;
- e) alguns se mostram correlacionados ao grau de dificuldade do que está sendo dito.

Uma análise bastante elaborada dos MDs é exibida por RISSO *et al.* (2006)⁵². Ela contempla “MDs linguísticos, verbalizados como palavras de fundo lexical (*claro*) ou gramatical (*mas*), locuções (*quer dizer*), contrações (*né*), reduções (*tá*), ou mesmo como segmentos fônicos não dicionarizados (*uhn uhn*)” (RISSO *et al.*, 2006, p. 404). Inclui ainda

alguns vocativos e interjeições, exemplares de modalizadores (como *realmente*), de operadores argumentativos (como *inclusive*) e, mesmo, um pequeno número de formas homônimas cujo emprego poderia, em princípio, gerar pontos de dúvida, ou algum suporte de análise quanto à sua distribuição entre advérbios, conjunções e

⁴⁹ Corpus constituído de 64 entrevistas da “Amostra Censo, com a seguinte estratificação: sexo, idade dividida em quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos e mais de 50 anos), e graus de escolaridade correspondentes aos antigos primário, ginásio e 2º grau.

⁵⁰ Ocorrência extraída de Silva e Macedo (1989, p. 11); grifo das autoras.

⁵¹ Ocorrência extraída de Silva e Macedo (1989, p. 12); grifo das autoras.

⁵² O corpus utilizado é uma seleção de entrevistas do Projeto NURC/Brasil (Projeto Norma Linguística Urbana Culta) estratificado por informantes de formação universitária selecionados entre pessoas nascidas na cidade, filhas de pais igualmente nascidos na cidade, divididos por igual em homens e mulheres e distribuídos por três faixas etárias (25-35 anos, 36-55 anos e mais de 56 anos). As cidade selecionadas para a composição da obra Gramática do Português Culto Falado no Brasil (2006) são: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador. As falas foram gravadas nas seguintes situações: EF, Elocução Formal; DID, Diálogo entre o Informante e o Documentador e D2, Diálogo entre Dois Informantes.

possíveis MDs (como *agora* advérbio e *agora* marcador; e conjunção e *e* marcador). (RISSO *et al.*, 2006, p. 405).

Alguns exemplos expostos pelos autores ajudam a entender melhor sua classificação:

- (64) Inf. – olha... só sei jogar buraco ... e só o que eu sei ... *sabe?*⁵³
- (65) L1 – vão pagar vinte por cento e que quem quiser os quarenta por cento ... *quer dizer* ... quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora⁵⁴

A caracterização dos MDs, a partir de traços definidores, apresentada pelos autores é sintetizada no Quadro 1:

ALTA RECORRÊNCIA	Alta reiteração da forma ao longo do discurso.
EXTERIORIDADE AO CONTEÚDO PROPOSICIONAL	Não contribuem diretamente para o conteúdo referencial, mas para a sua modalização e seu movimento organizacional.
TRANSPARÊNCIA SEMÂNTICA PARCIAL	São portadores de uma significação canalizada para a sinalização de relações dentro do espaço discursivo, sem prejuízo total de aspectos da referência denotativa, em alguns casos.
INVARIABILIDADE FORMAL OU VARIABILIDADE RESTRITA	São normalmente cristalizações usadas automaticamente no discurso, e não propriamente unidades formuladas <i>ad hoc</i> .
INDEPENDÊNCIA SINTÁTICA	Não-integração sintática à estrutura oracional.
DEMARCAÇÃO PROSÓDICA	Oscilação no teor das realizações prosódicas, mas comumente presença de alguma pauta demarcativa.
NÃO-AUTONOMIA COMUNICATIVA	Não-portadores de um conteúdo proposicional em si próprios.
MASSA FÔNICA REDUZIDA	Predominância de formas mais curtas, com até 3 sílabas.
SEQUENCIADOR E NÃO-SEQUENCIADOR TÓPICO	Estabelecem, ou não, aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechados de tópicos.
SECUNDARIAMENTE E BASICAMENTE ORIENTADOR	Como mecanismos com estatuto textual, cumprem sempre uma função orientadora, ainda que fragilmente.

Quadro 1 – Traços identificadores dos MDs
Fonte: adaptado de RISSO *et al.* (2006)

Corroborando com o quadro apresentado acima, Urbano (1997, p.86-93)⁵⁵ apresenta os traços que definem os MDs⁵⁶ a partir das seguintes perspectivas:

⁵³ Ocorrência extraída de Risso *et al.* (2006, p. 417, DID POA 45:159); grifo dos autores.

⁵⁴ Ocorrência extraída de Risso *et al.* (2006, p. 417, RJ D2 355:13-15); grifo dos autores.

- a) Quanto ao aspecto formal, MDs podem ser linguísticos (em contraposição aos não linguísticos ou paralinguísticos como o olhar, o riso, a gesticulação), verbais e prosódicos. Os verbais são lexicalizados, como em *sabe? eu acho que*, (distintos dos não lexicalizados *ahn ahn, eh eh*). Os prosódicos são a pausa, a entonação, por exemplo. MDs verbais ainda podem apresentar-se como simples (*sabe?*) ou oracionais (*eu acho que*).
- b) Quanto ao aspecto semântico, o autor lista 5 tipos de MDs de sua análise e conclui que a maior parte é esvaziada de conteúdo semântico. Os mais esvaziados seriam os elementos prosódicos, em seguida os elementos verbais não lexicalizados (*eh, ah*). Elementos como *certo?* e *sabe?* também seriam vazios e funcionariam mais como “estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor” (URBANO, 1997, p. 87). Outras expressões como *eu acho que, eu tenho a impressão que* continuam semanticamente válidas, porém “a informação que passam não integra nem colabora diretamente para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura tópica” (URBANO, 1997, p.88). Um último tipo é considerado pelo autor, são os elementos que conservam uma parte de seu sentido. “Com efeito, eles mantêm parcialmente o sentido e função sintática original, assumindo, por acréscimo, uma função pragmática” (URBANO, 1997, p. 88), como *assim*, por exemplo.
- c) Quanto ao aspecto sintático, os MDs verbais lexicalizados e não lexicalizados têm independência sintática, como *sabe? certo? né?* para os lexicalizados e como *ah, ahn, eh* para os não lexicalizados, pois não integram sintaticamente a estrutura oracional, pronunciados em turnos autônomos. Há casos de integração sintática no nível oracional, como *eu acho que* que sintaticamente é oração principal de outra oração encaixada, porém é independente no que tange ao conteúdo da oração seguinte.
- d) Quanto às funções comunicativo-interacionais ou usos na linguagem, dividem-se em marcadores ideacionais e marcadores interacionais⁵⁷. Segundo Castilho, os marcadores interpessoais “servem para administrar os turnos conversacionais” (CASTILHO, 1989, p. 273). Já os marcadores ideacionais, segundo o autor, “são acionados pelos falantes para negociação do tema e seu desenvolvimento” (CASTILHO, 1989, p. 274). Estas

⁵⁵ A partir de sua análise de dados de um corpus constituído de parte do inquérito n. 360 do Projeto NURC/SP, da série Projetos Paralelos, V. 1, obra *Análise de textos orais* (1993), que compreende um diálogo no qual interagem uma Documentadora (Doc.) e duas informantes, a Locutora 1 (L1) com 37 anos, casada, pedagoga, e a Locutora 2 (L2) com 36 anos, casada, advogada. Os tópicos discursivos do trecho analisado foram: atividades profissionais do marido de L1; avaliação de L1 em relação ao seu afastamento profissional; e os projetos para o futuro de L1.

⁵⁶ Urbano (1997) utiliza igualmente a denominação “marcadores conversacionais”.

⁵⁷ Castilho (1989) usa o termo “marcadores interpessoais”.

seriam funções gerais, que quase todos os MDs exercem, contudo, podem desempenhar funções mais específicas que marcam num determinado contexto, especificamente um fenômeno ou procedimento.

Seguindo uma análise resumitiva dos postulados acima apresentados, quanto à sua função, entendemos que os MDs são interativos, pois se mostram indicadores da correspondência interativa dos interlocutores; quanto ao seu contexto, são usados em tipos diferentes de gêneros discursivos; e quanto à frequência, apresentam alta reiteração e regularidade em seu uso.

Destacamos que os MDs se mostram indicadores pragmáticos do monitoramento do texto oral, pois “são mecanismos envolvidos na organização textual-interativa dos textos de língua falada” (RISSO *et al.*, 2006, p. 403). São, igualmente, indicadores da correspondência interativa dos interlocutores, já que auxiliam na articulação dos mesmos na co-produção dinâmica, ou seja, assinalando as condições de produção do texto com enfoque conversacional, pois, como vimos, eles são agentes da “manutenção da interação dialógica, incluindo-se aqui a organização dos turnos” (RISSO *et al.*, 2006, p. 403). Este contexto é explicado com base em Castilho:

A língua oral é por excelência o ‘modo pragmático’ da linguagem, isto é, ela se apóia fortemente nas situações de fala. É isto que rege sua produção e assegura sua interpretação, a despeito da forte fragmentação da sintaxe, assinalada pelas repetições, falsos começos e processamento incompleto da informação, entre outras peculiaridades [...]. (CASTILHO, 1989, p. 249).

Deste cenário interacional emergem convenções de postura social entre os interlocutores, dentre estas convenções situa-se a modalização epistêmica parentética, por exemplo, da qual trataremos mais adiante na descrição do comportamento linguístico de *sei lá* e *eu acho*.

Veremos que as características apresentadas aqui para os MDs são presentes nas formas e funções de *sei lá* e *eu acho*. Este referencial é retomado na discussão dos resultados desta pesquisa a fim de embasar os argumentos sobre a mudança categorial de verbos plenos a MDs.

4 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia empregada neste estudo para descrever e analisar os usos de *sei lá* e *eu acho* na fala de 32 chapecoenses, com base numa amostra sincrônica do banco VARSUL e do projeto VMPOSC. Para tanto, descrevemos a origem de onde foram extraídos os dados que compõem os *corpora*. Apresentamos, também, a metodologia para codificação e rodagem estatística dos dados.

4.1 OS CORPORA

Os *corpora* desta pesquisa são constituídos por 32 entrevistas sociolinguísticas de chapecoenses, das quais 24 derivam da amostra VARSUL/Chapecó⁵⁸ e 8 são provenientes do projeto VMPOSC.

A escolha por trabalhar com duas amostras se justifica pelo fato de as entrevistas do banco VARSUL terem sido coletadas entre 1990 e 1996 e as estratificações de idade infantil (de 7 a 14 anos) e jovem (de 15 a 24 anos) e de escolaridade (superior) do município de Chapecó/SC não terem sido contempladas. Assim, o projeto VMPOSC vem preencher esta lacuna, pois trabalhamos com duas sincronias diferentes, com faixas etárias e escolaridades distintas. Segundo Paiva & Duarte (2003),

O comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas. (PAIVA & DUARTE, 2003, p. 14).

A possibilidade de identificação de processos de mudança em tempo real permite visualizar mudanças que se manifestam de maneira gradual em toda a comunidade lingüística.

4.1.1 O banco VARSUL

O banco VARSUL integra um núcleo de pesquisa interinstitucional e começou a ser planejado em 1982 pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade

⁵⁸ Situada a oeste de Santa Catarina, Chapecó limita-se ao sul com o rio Uruguai, estabelecendo fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul. Apresenta extensão territorial de 626.060 Km² e, segundo o recenseamento de 2010, uma população de 183.530 habitantes. A criação do município de Chapecó data de 25 de agosto de 1917 e foi colonizado por migrantes gaúchos, principalmente das antigas colônias italianas e alemãs do Rio Grande do Sul⁵⁸. A população da cidade compreende, também, indígenas Kaingáng e Guaranis e descendentes de imigrantes italianos, alemães, poloneses, etc. Chapecó está situada na Mesorregião, área marcada pelo contato do português e do espanhol na região de fronteira do Brasil com a Argentina (ROST SNICHELOTTO, 2012).

Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e Universidade Federal do Paraná – UFPR. Em março de 1990, deu-se início a coleta das entrevistas e a finalização ocorreu em 1996. Em 1992, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS ingressou no projeto. O objetivo do projeto é

Pôr à disposição da comunidade acadêmica um banco de dados com amostras de fala representativas das variedades linguísticas dos estados da Região Sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Descrever o português falado no Sul do país, levando em conta as diferentes áreas de análise linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, semântica e discurso. (UFRGS – Instituto de Letras).⁵⁹

O banco foi constituído de acordo com a metodologia sociolinguística variacionista⁶⁰. O acervo base do VARSUL é formado por 288 entrevistas, distribuídas igualmente entre três estados, sendo 24 por município: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja); Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati). A cidade de Florianópolis conta com uma amostra complementar de fala de 12 informantes jovens (da faixa de 15 a 24 anos)⁶¹. O banco foi constituído de acordo com a metodologia sociolinguística variacionista⁶².

Além da dimensão diatópica, o banco VARSUL apresenta a seguinte estratificação dos informantes: etnia (alemã, açoriana, italiana e eslava, além dos núcleos de descendentes de gaúchos e catarinenses), sexo/gênero (masculino e feminino), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e idade (A = de 25 até 49 anos e B = acima de 50), que combinada resulta em 12 células sociais (dois informantes por células). A distribuição da estratificação do VARSUL/Chapecó, bem como de cada uma das cidades, é visualizada no Quadro 2:

⁵⁹ Disponível em: http://www.ufrgs.br/letras/projetos_varsul.html. Acesso em: 12 de janeiro de 2014).

⁶⁰ ROST, Cláudia Andrea. Olha e veja: multifuncionalidade e variação. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]; VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=1>. Acesso em: 03 de novembro de 2013.

⁶¹ Informações adicionais sobre as amostras complementares do VARSUL podem ser acessadas em <http://www.varsul.org.br/?modulo=pagina&id=48>.

⁶² ROST, Cláudia Andrea. Olha e veja: multifuncionalidade e variação. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]; VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=1>. Acesso em: 03 de novembro de 2013.

	Escolaridade					
	Nível Fundamental I		Nível Fundamental II		Nível Médio	
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F
A = 25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
B = mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	4
Total	8		8		8	
Total de 24 informantes						

Quadro 2 – Distribuição da Amostra Chapecó/SC do banco VARSUL

Fonte: a autora

Segundo Bisol (2005, p. 151), a faixa de idade estabelecida a partir de 25 anos se deve ao interesse do projeto em constituir uma amostra com indivíduos atuantes no mercado de trabalho. Quanto ao grau de instrução, o projeto não contemplou os extremos (analfabetos e universitários), pois escapavam aos objetivos do projeto ou já faziam parte de outras pesquisas. Com respeito às etnias, foram selecionados os grupos mais expressivos culturalmente na formação dos três estados. A amostra de Chapecó ficou representada como zona de colonização italiana.

O banco VARSUL comporta somente dois indivíduos por célula de cada amostra. De acordo com Bisol (2005), “faltaram recursos e tempo para organizar a amostra ideal que, nos termos de Labov (1981), deveria ser constituída de cinco indivíduos por célula” (BISOL, 2005, p. 151).

Além da estratificação social acima apresentada, outros critérios para seleção dos informantes também foram exigidos: a) falar apenas português (exigência para os entrevistados nas capitais, mas não nas áreas bilíngues); b) ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida; c) não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa. As entrevistas, gravadas em fita cassete, apresentam duração de 45 a 60 minutos e tratam de aspectos da vida pessoal do informante e da história da cidade, dentre outros⁶³.

Em cada entrevista, as sequências discursivas podem ser definidas como narrativa de experiência de vida, opinião, explanação e descrição. Os assuntos que podem ser identificados nas entrevistas são: saúde e drogas, relações familiares, lazer e entretenimento, Chapecó (o falante discorre a respeito da sua cidade), trabalho, política e economia, religião, infância e

⁶³ ROST, Cláudia Andrea. Olha e veja: multifuncionalidade e variação. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]; FREITAG, Raquel Meister Ko. Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis: UFSC, 2003. [Dissertação de Mestrado].

juventude, acontecimento (o falante fala a respeito de um fato pontual ocorrido), turismo e ecologia e educação⁶⁴.

4.1.2 O projeto VMPOSC

O projeto VMPOSC encontra-se em desenvolvimento por pesquisadores da UFFS, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto e contempla dados linguísticos de fala e de escrita da comunidade chapecoense monolíngue em português

O objetivo do projeto é, neste momento, constituir uma amostra de fala, de acordo com a metodologia da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972a]), de 32 informantes de Chapecó, monolíngues em português, estratificados em: sexo/gênero (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Fundamental: 1º Ciclo (1º/5º ano) e 2º Ciclo (6º/9º ano); Ensino Médio e Ensino Superior) e idade (Crianças = 7 a 14 anos; Jovens = 15 a 24 anos; A = 25 a 49 anos e B = mais de 50 anos). Como demonstra o Quadro 3⁶⁵:

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
C = 7 até 14 anos	2	2	2	2	-	-	-	-
J = 15 a 24 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
A = 25 a 49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
B = mais de 50 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total	8		8		4		12	
Total de 32 informantes								

Quadro 3 – Distribuição da Amostra Chapecó/SC do projeto VMPOSC

Fonte: Rost Snichelotto (2012, p. 6)

Para a seleção dos informantes, foram exigidos os seguintes critérios: (a) falante de português; (b) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (c) não morar fora por mais de um ano; (d) não causar estranheza a outros falantes da região; e (e) os pais do informante serem nascidos na cidade (ROST SNICHELOTTO, 2012).

⁶⁴ ROST, Cláudia Andrea. Olha e veja: multifuncionalidade e variação. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]; FREITAG, Raquel Meister Ko. Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis: UFSC, 2003. [Dissertação de Mestrado].

⁶⁵ Os hífens da tabela correspondem a células em que não há informantes, pois estas células foram contempladas no banco Varsul.

Destacamos que, até o momento, o projeto acima descrito conta com as 8 entrevistas da faixa C, de 7 a 14 anos. O período de realização destas entrevistas compreendeu os meses de março e abril de 2014 e foram coletas por membros do projeto. Foram selecionados informantes que residem na região central da cidade. As entrevistas, que têm duração média de 35 minutos, foram ouvidas e transcritas para posterior análise e compreendem as seguintes sequências discursivas: descritiva, narrativa e dissertativa.

A escolha pela cidade de Chapecó contempla a região de atuação objeto da linha de pesquisa “Diversidade e Mudança Linguística” e também do projeto VMPOSC, que visa contribuir para a descrição do PB falado na região oeste de Santa Catarina. A região se constitui em uma área rica em dados linguísticos, tanto do português, como de línguas faladas por diferentes grupos étnicos. (ROST SNICHELOTTO, 2012).

4.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados provenientes da amostra VARSUL/Chapecó foram codificados para rodagem estatística no programa GoldVarb. Trata-se de um aplicativo para a realização de análise de regra variável e manipulações e demonstrações de dados associados. Baseia-se em programas previamente divulgados por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk. O programa executa a combinação de variáveis que derivam resultados de frequência, percentagem e peso relativo. Quanto à amostra do projeto VMPOSC, as entrevistas foram ouvidas e os dados foram transcritos para fins de análise qualitativa.

5 O COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE *SEI LÁ* E *EU ACHO*

Este capítulo é destinado a retratar o comportamento linguístico de *sei lá* e *eu acho* nas amostras sob análise e apresentar seus contextos de uso. Primeiramente, apresentamos as formas dos itens que foram encontradas. Em seguida, as funções que os itens exercem na fala, segundo classificação já existente na literatura, bem como nossa classificação, sobretudo para *sei lá*. Visamos ainda distribuir as formas em termos de frequência de uso, com a pretensão de verificar quais são as mais recorrentes nas amostras investigadas. Por fim, caracterizamos os contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais) que caracterizam o uso de *sei lá* e *eu acho* e prevemos possíveis especializações, com base no princípio da especialização de Hopper (1991), segundo o qual, como vimos no Capítulo 3, em um domínio funcional, co-existe uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas.

Destacamos que sempre retrataremos primeiramente os resultados relativos a *sei lá* na amostra VARSUL/Chapecó e posteriormente na amostra VMPOSC; em seguida, passamos aos resultados de *eu acho* em cada amostra na mesma ordem que aplicamos para *sei lá*.

5.1 APRESENTAÇÃO FORMAL

Preliminarmente, o total de dados levantados na amostra do VARSUL/Chapecó foi de 123 dados que compreendiam os dois itens. Das 24 entrevistas, 19 (79,2%) apresentaram ocorrências de *sei lá* e *eu acho*. As 5 entrevistas que não apresentaram ocorrências de *sei lá* e *eu acho* parentéticos mostraram usos com complementizador, como por exemplo, *eu acho que* e *sei lá se*. Após este levantamento preliminar, decidimos por descartar a entrevista 1 que apresentava produção dos itens muito superior às demais (27/123, 22% dos dados). Esta decisão visou não distorcer os dados percentuais que seriam encontrados na análise quantitativa⁶⁶. Feita esta exclusão, totalizamos 96 dados em 18 entrevistas.

A frequência de uso de *sei lá* na amostra VARSUL/Chapecó é de 50 ocorrências que representam 52,1% do total de dados. *Eu acho* apresenta 46 ocorrências que correspondem a 47,9% dos dados desta amostra. Verificamos que *sei lá* é ligeiramente mais frequente na amostra investigada.

Como já mencionado anteriormente, o projeto VMPOSC conta, até o momento, com 8 entrevistas da faixa C, de 7 a 14 anos. Nossa análise demonstrou que destas, 50%

⁶⁶ Um trabalho futuro pode incluir este informante e, neste caso, trabalhar com a perspectiva do indivíduo e dar um tratamento diferenciado aos dados.

apresentaram ocorrências dos itens. O total de dados na amostra VMPOSC é de 23 dados, sendo 15 de *sei lá* (65,2%) e 8 de *eu acho* (34,8%). É importante salientar que, de 8 entrevistas, há ocorrências de *eu acho* em 4 entrevistas, enquanto *sei lá* ocorre somente em 2. As entrevistas nas quais houve ocorrência de *sei lá* foram as que mais produziram os dois itens em comparação às outras duas.

Segundo Traugott (2003, *apud* Freitag, 2004) uma das evidências para a gramaticalização dos parentéticos epistêmicos é a frequência de uso intensificada, postulado também por Hopper (1991) pelo princípio da especialização. Nas amostras aqui investigadas, as formas parentéticas se apresentaram pouco frequentes. Esta constatação pode significar que os itens ainda se encontrem em uma instância menos avançada no processo de gramaticalização.

Passamos à apresentação do detalhamento das formas dos itens *sei lá* e *eu acho* parentéticos epistêmicos.

5.1.1 Formas de *sei lá*

As formas variantes de *sei lá* na amostra VARSUL/Chapecó apresentam construções com sujeito pronominal anteposto, posposto e sujeito não preenchido: *eu sei lá*, *sei lá eu* e *sei lá*. A ocorrência abaixo retrata o uso na ordem canônica, com sujeito pronominal anteposto:

- (66) ENT *[Em termos]- é muito difícil lidar com empregado aqui [na]- em Chapecó?
 INF *É, é difícil.
 ENT *Porque?
 INF *[Empregado ele]- eu sei lá, ele [est]- deve estar orientado pelo sindicato (inint), ele não, empregado é brincadeira, não tem condição de lidar. (VARSUL SCCHP11-MGA)

A ocorrência seguinte é exemplo da construção com sujeito pronominal posposto:

- (67) ENT *Escuta, e o que que a senhora assim acha [da]- da adolescência hoje?
 *É bem diferente do seu tempo, né?
 INF *Ah! Deus o livre! *Está louco! *Hoje em dia a gente só vê falar de porcaria e tudo. *E sequestro e mais sequestro [e]- só pra quê? *Decerto não trabalham, querem viver na boa, né? pra ganhar dinheiro, sei lá eu, pra que isso? *Não sei pra que que estão fazendo isso. (VARSUL SCCHP06-FPB)

E por fim, a forma se apresenta sem preenchimento de sujeito, mas com marca de primeira pessoa do singular na flexão verbal:

- (68) INF *Até eu tentei ir atrás ver o que que ele me dizia sobre isso, mas o vô, sei lá, ele, acho que esqueceu um pouco, né? ele não se lembra mais direito. (VARSUL SCCHP18-MCA)

Passamos, então, aos resultados percentuais das formas de *sei lá* na amostra VARSUL/Chapecó, conforme o Gráfico 1:

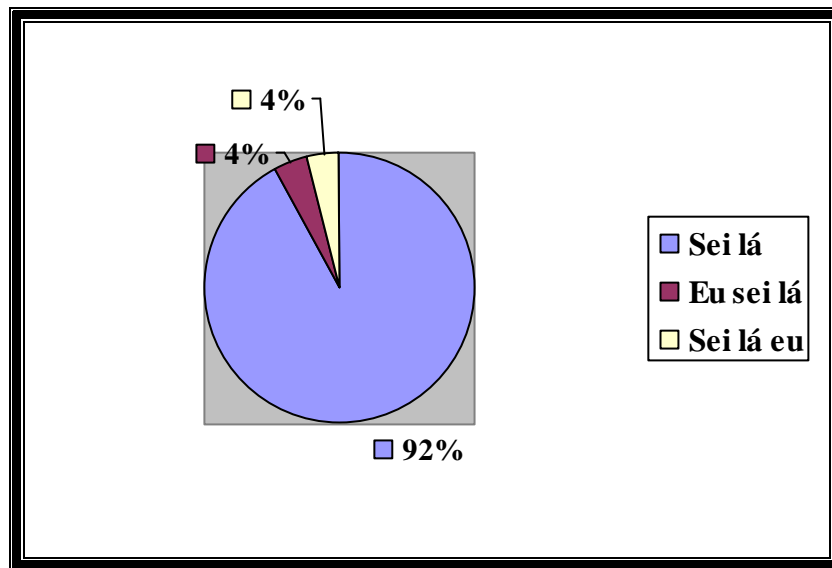


Gráfico 1 – Formas variantes de *sei lá*

Percebe-se que a forma mais recorrente é *sei lá*, com 46 ocorrências (92%) e apenas 4 ocorrências (8%) com sujeito preenchido (anteposto ou posposto). Estes resultados permitem-nos inferir que *sei lá* é a forma que codifica os usos do item, dado que ela representa 92% dos dados, enquanto *eu sei lá* e *sei lá eu* apresentam frequência muito inferior.

A amostra VMPOSC não apresentou variação quanto à apresentação formal de *sei lá*. A única forma encontrada foi *sei lá* (15 ocorrências, 65,2% do total de dados), corroborando com a maior frequência desta forma encontrada nos dados do VARSUL/Chapecó.

Duarte (2003) afirma que o PB tem apresentado aumento de preenchimento de sujeito pronominal. O argumento da autora para este incremento é a simplificação dos paradigmas flexionais verbais para a segunda e terceira pessoas do singular e a variação da primeira pessoa do plural. O resultado da apresentação formal de *sei lá* contraria esta constatação, provavelmente, por se tratar de flexão de primeira pessoa do singular, e neste caso, não concorrer com nenhuma outra flexão do paradigma verbal de *saber*. Além disso, acreditamos que a motivação para o maior uso de *sei lá* com sujeito não preenchido seja o fato de se tratar de uma construção cristalizada.

5.1.2 Formas de *eu acho*

As formas variantes de *eu acho* encontradas na amostra VARSUL/Chapecó são: *eu acho*, *acho eu* e *acho*. A primeira forma a ser retratada é aquela construída com sujeito pronominal anteposto, ou seja, na ordem canônica:

- (69) INF *O Rio Grande do Sul, por incrível que pareça, eu nasci lá, mas só voltei lá umas quatro vezes, **eu acho**, né? (VARSUL SCCHP21-FCB)

A segunda forma a ser apresentada é a forma com sujeito pronominal posposto:

- (70) INF *Eu acho que, pra mim, são pessoas assim bem marcantes, né? (hes) tipo assim: *"Eu penso isso e está pensado, né? *Você tem que me conquistar". *Tá, outra coisa (hes) são pessoas (hes) como é que poderia dizer, é o que mais marca é isso, que são pessoas assim, né? são pessoas de personalidade forte, **acho eu**, e de sangue quente (hes) falam alto, né? (VARSUL SCCHP19-FCA)

A última forma encontrada nos dados é mais reduzida, pois não apresenta preenchimento do sujeito, embora se verifique a marca de pessoa na desinência verbal:

- (71) ENT *[E] foi bem recente isso, é?
INF *Sim, faz uns três meses, **acho**, né? ("acho que foi isso"). *E diariamente estão acontecendo coisas tristes. (VARSUL SCCHP23-FCB)

Os resultados percentuais da amostra VARSUL/Chapecó para as formas variantes de *eu acho* podem ser constatados Gráfico 2:

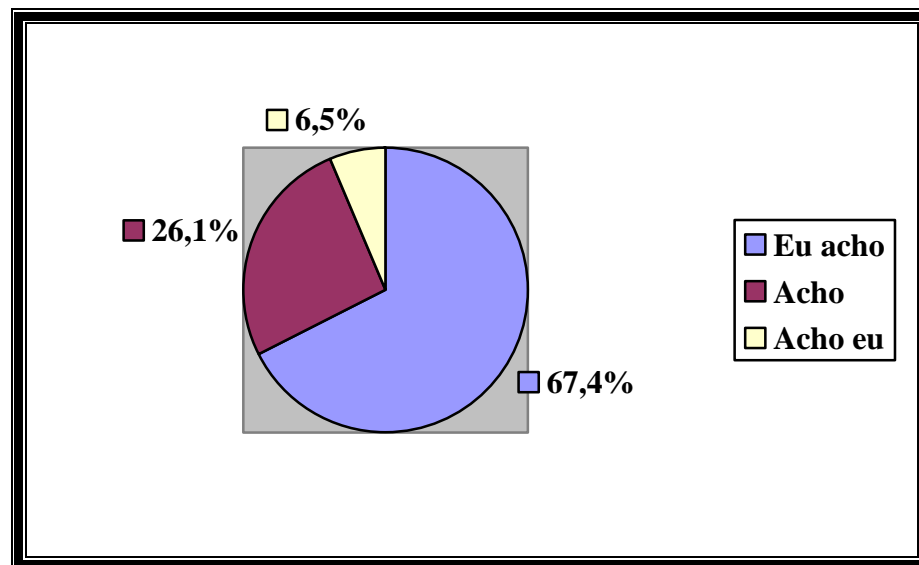


Gráfico 2 - Formas variantes de *eu acho*

Como é possível perceber, a forma mais recorrente é *eu acho* com 31 ocorrências (67,4%) do total na amostra. Em seguida, temos a forma sem sujeito preenchido com 12 dados (26,1%) e, por fim, a forma menos frequente é *acho eu*, com apenas 3 dados (6,5%). Postulamos que a forma *eu acho* codifique os usos deste item.

A amostra VMPOSC não apresentou variação quanto à apresentação formal. A única forma encontrada foi *eu acho* (8 ocorrências, 34,8% do total de dados), corroborando com a maior frequência encontrada nos dados do VARSUL/Chapecó.

Em nossos resultados, verificamos que ainda a forma com sujeito anteposto é mais frequente, porém, consideramos que o número de ocorrências de *acho* seja significativo para representar uma possível mudança que esteja ocorrendo na língua.

Retomando o estudo de Duarte (2003) sobre o aumento de preenchimento de sujeito pronominal, *eu acho* apresenta marca de primeira pessoa do singular, o que não demanda preenchimento de sujeito, pois a flexão verbal não concorre com outras pessoas do paradigma. Todavia, postulamos que a maior frequência da forma *eu acho* seja reflexo da mudança para sujeito pronominal preenchido observada no PB. Esta hipótese se sustenta nos resultados da amostra VMPOSC, já que a faixa etária de 7 a 14 anos produziu somente a forma com sujeito preenchido.

Vale destacar as formas *sei lá eu* e *acho eu*, construídas com a estrutura VS (verbo-sujeito). Segundo Cunha *et al.* (2003), a posposição do sujeito pronominal diz respeito a contextos discursivos específicos em que o enunciado, normalmente, corresponde ao plano discursivo de fundo.

5.2 DOMÍNIO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA PARENTÉTICA

Verificamos no capítulo 2 e 3 que *sei lá* e *eu acho* expressam sentidos mais abstratizados, pois passaram por processos metafóricos e metonímicos de mudança (conforme Votre, 1998; Heine *et al.*, 1991). Neste ponto, insere-se o princípio da persistência de Hopper (1991), pois o domínio funcional da modalização epistêmica parentética recobre funções mais específicas exercidas nos contextos de uso das formas.

Alguns elementos linguísticos carregam graus de certeza dos interlocutores face ao que dizem, e sob este aspecto eles codificam, sobretudo, a modalização epistêmica⁶⁷. Os

⁶⁷ Adotamos o termo *modalização* com base nos dizeres de Castilho & Castilho (1993, p. 217), para quem a modalização representa a expressão do relacionamento do falante com o conteúdo proposicional, na forma de avaliação de seu teor de verdade ou na forma de julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse

marcadores modalizadores indicariam o grau de adesão do sujeito enunciador em relação ao conteúdo da unidade discursiva que desenvolve. Abrangeriam as expressões linguísticas que veiculam falta de certeza do locutor enunciador e que indicam uma atitude pouco assertiva, ou imprecisa (ROSA, 1992, p. 91). Através da modalização epistêmica o falante qualifica as crenças, opiniões e o comprometimento com aquilo que diz.

Segundo Givón (1995, p. 112), a modalização epistêmica não trata realmente da verdade ou certeza das asserções, mas, sobretudo, da interação humana intencional, parecendo assinalar a atitude do falante com relação à proposição.

Castilho (2010) afirma que uma sentença apresenta dois componentes: o *dictum* e o *modus*. Para o autor,

o *dictum* é a informação contida na sentença, é seu conteúdo proposicional, representados gramaticalmente pelos constituintes [sujeito-predicado]. O *modus* é a avaliação que fazemos sobre o *dictum*, que podemos apresentar como uma certeza, uma dúvida, uma ordem, etc.; ele é representado gramaticalmente pela entonação, pelo modo verbal e por advérbios e adjetivos sentenciais. (CASTILHO, 2010, p. 321).

O *modus* representa a modalização epistêmica, definida por nós como o propósito com que se enuncia uma proposição, como por exemplo, marcar graus de certeza.

O estudo⁶⁸ de Hoffnagel (1997) apontou que “os itens lexicais verbais do tipo *acreditar, achar, imaginar, saber* são os modalizadores epistêmicos mais frequentes e que o *achar* é responsável por mais de 50% das ocorrências” (HOFFNAGEL, 1997, p. 2). Ocorrências de *eu acho* parentético foram encontradas nos dados de Hoffnagel são⁶⁹:

(72) uma uma atitude **eu acho** lógica né?

(73) é a melhor **eu acho**

(74) eu até que compro bastante coisa **eu acho**

De acordo com Casseb-Galvão & Gonçalves (2001), a modalização epistêmica diz respeito à “avaliação que o falante faz do conteúdo da proposição, baseada no seu mundo de conhecimentos e crenças, é o que o leva a se comprometer ou não com a verdade expressa por ela” (CASSEB-GALVÃO & GONÇALVES, 2001, p. 6).

conteúdo (CASTILHO & CASTILHO, 1993, p. 217). A modalização distingue-se, então, da *modalidade* que, para os autores, diz respeito à apresentação pelo falante do “conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa)” (CASTILHO & CASTILHO, 1993, p. 217).

⁶⁸ O *corpus* utilizado pela autora consiste em 31 interações orais, totalizando 155.955 palavras de texto corrido, incluindo conversas espontâneas, entrevistas, aulas e palestras.

⁶⁹ Grifos nossos.

Este quadro conceitual auxilia a seguinte definição que estabelecemos para fins da análise das funções desempenhadas pelos contextos de uso de *sei lá* e *eu acho*. A modalização epistêmica parentética implica a qualificação que o falante faz de seu grau de conhecimento sobre o conteúdo proposicional enunciado. É como elucida seu conhecimento ou saber como um tipo de experiência. Nestes termos, dispomos a modalização epistêmica parentética em um *continuum* que recobre as funções mais específicas desempenhadas pelos contextos de uso dos itens:

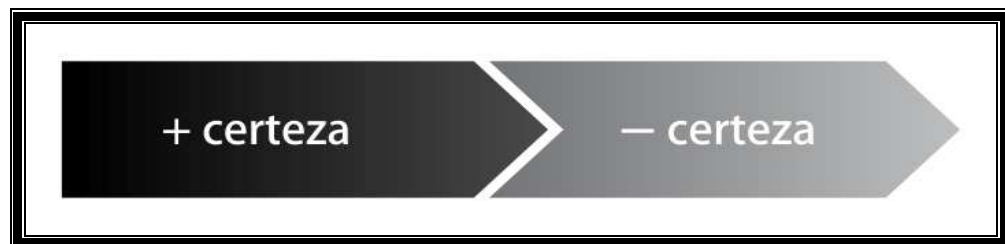


Figura 2 – Continuum da modalização epistêmica parentética de *sei lá* e *eu acho*

Estabelecida esta gradação, nossa hipótese é de que o uso de um item ou outro represente a qualificação que o falante faz do seu grau de conhecimento sobre o que é enunciado e implique em especificidades funcionais, conforme a Figura 3:

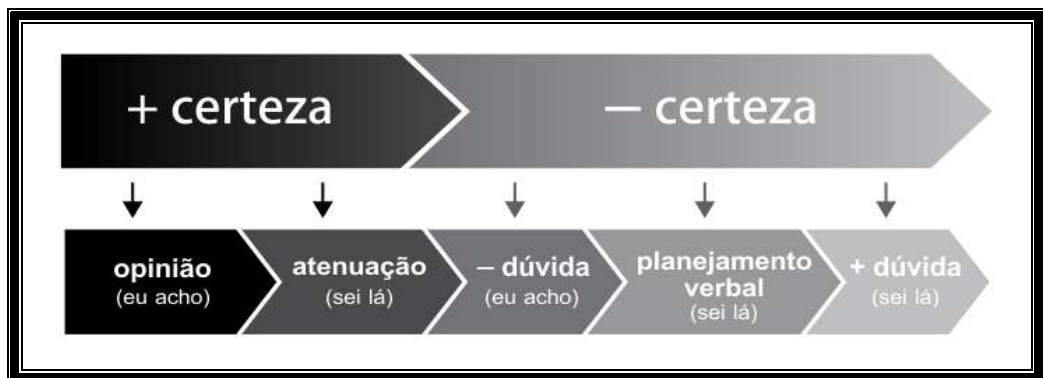


Figura 3 – Continuum das funções de *sei lá* e *eu acho*

Estas especificidades se dispõem nas escalas do *continuum* que vai da maior certeza a menor certeza. Sob o escopo da escala de +certeza, *eu acho* veicula sentido de *opinião* e *sei lá* de *atenuação*, sendo que *eu acho* denota maior certeza que *sei lá*, pois está posicionado mais à esquerda no *continuum*, dentro desta escala. Sob o escopo da escala de –certeza, *eu acho* apresenta sentido de –*dúvida* e *sei lá* de *planejamento verbal* e +*dúvida*. Esta disposição

representa que, dentro da escala de –certeza, quanto mais à direita do *continuum*, o sentido é de menor certeza.

Em uma observação preliminar, *sei lá* e *eu acho*, aparentemente, compartilham a função de dúvida. Entretanto, uma análise mais refinada dos contextos de uso desta função nas amostras mostrou que *sei lá* está representado no *continuum* pela marca maior dúvida, enquanto que *eu acho* está representado pela marca de menor dúvida. Outros aspectos considerados para a não intercambialidade dos itens são o uso em sequência, encontrado em algumas ocorrências e a distinção do escopo sobre o qual recai a dúvida denotada do uso dos itens. Observemos a ocorrência abaixo:

- (75) ENT *É, o que que é? uma fazenda? (hes) uma firma? *Quem que cuida disso? *Quem que dá o dinheiro pra isso?
 INF *É [o]- a comunidade, eu acho, porque é da prefeitura, né? (VARSUL SCCHP11-MGA)

Em (75) o grau de certeza do falante é maior, representado pelo uso de *eu acho*, que carrega traços dos usos de opinião que denotam maior certeza. Na ocorrência, o falante dizer que é a comunidade não é um mero palpite, ele fornece esta informação específica por ter quase certeza de que é esta a resposta. O uso de *eu acho* assinala a falta de confirmação desta informação. A troca de *eu acho* por *sei lá* acarretaria em maior dúvida e denotaria que a resposta poderia ser a comunidade, como qualquer outra coisa. A justificativa para esta mudança de sentido são os traços de negação ou cancelamento do conhecimento que *sei lá* carrega. O mesmo se aplica aos usos de *sei lá* quando tentamos intercambiar por *eu acho*:

- (76) ENT *[Em termos]- é muito difícil lidar com empregado aqui [na]- em Chapecó?
 INF *É, é difícil.
 ENT *Porque?
 INF *[Empregado ele]- eu sei lá, ele [está]- deve estar orientado pelo sindicato (inint), ele não, empregado é brincadeira, não tem condição de lidar. (VARSUL SCCHP11-MGA)

A marca de maior dúvida de (76), representada pelo uso de *eu sei lá*, se confirma pelo emprego de *deve*, que prefacia a proposição que argumenta porque é difícil lidar com empregado. A troca por *eu acho* denotaria menor dúvida e é possível que não ocorresse o uso do modalizador *deve*.

Optamos, na próxima seção, por apresentar o detalhamento funcional de *sei lá* e *eu acho* a partir do *continuum* da modalização epistêmica parentética, apresentado acima.

5.2.1 Escala de +certeza

A escala de +certeza compreende os contextos de uso representados pelas funções opinião e atenuação. Definimos +certeza, tomando como base o grau de conhecimento qualificado pelo falante, como aquilo que ele considera certo, aquilo de que ele tem convicção, que é de seu conhecimento. A função de opinião recobre os contextos de uso de *eu acho* em que a informação veiculada diz respeito ao julgamento do falante, sua avaliação sobre determinado tópico discursivo. A função de atenuação recobre os contextos de uso de *sei lá* que modalizam uma sugestão, uma opinião ou a abordagem de um assunto embaraçoso. Seguimos ao detalhamento das funções compreendidas nesta escala do *continuum*⁷⁰.

5.2.1.1 Opinião

Nossa classificação da função de opinião corresponde ao que Votre (2004) denomina de proposicional de percepção epistêmica e se pauta na descrição de Borba (1990) repetida aqui: “expressa avaliação ou apreciação sobre um objeto, evento ou situação, e significa *considerar, reputar e qualificar*”. Segundo Galembeck (1999b), o uso de verbos de opinião expressa certeza e convicção do falante. A ocorrência em (77) representa um uso desempenhando função de opinião:

- (77) INF *Porque somos poucos os professores que trabalhamos por missão. *Que [a]- [a]- o trabalho do professor não é uma profissão, **eu acho**. (VARSUL SCCHP17-FCA)

Vimos no capítulo 2 que Borba (1990) infere que no uso de *achar* com sentido de opinião o falante tem experiência ou conhecimento sobre aquilo que declara. Em (77), a função de opinião é evidente, pois o falante tem experiência, conhece o conteúdo veiculado por sua proposição. O uso de *eu acho* na ocorrência acima sinaliza que a afirmação “o trabalho do professor não é uma profissão” trata-se de uma avaliação do falante, a sua opinião.

A amostra VMPOSC também apresentou usos de opinião para *eu acho*, conforme a ocorrência a seguir:

- (78) ENT E por que será que tem escolas mais comprometidas, outras menos?
INF As escolas comprometidas, **eu acho**, por causa que os professores mesmos que querem ajudar os alunos. (VMPOSC 07)

⁷⁰ Destacamos que em algumas ocorrências pode haver sobreposição de funções.

O contexto de certeza se repete no uso de *eu acho* em (78). O falante tem experiência a respeito daquilo sobre o que discorre, pois é um estudante e apresenta sua avaliação com relação aos professores.

5.2.1.1 Atenuação

A classificação como *atenuação* provém da denominação de Rosa (1992) de *sei lá* como *hedge da força ilocutória* e da conceituação de Borba (1990) de *sei lá* como exprimindo atenuação de uma afirmação. Este uso diz respeito à modificação que o item opera na proposição, diluindo a força das asserções. É possível detalhar alguns contextos mais específicos em que *sei lá* desempenha função de atenuação, encontrados na amostra VARSUL/Chapecó:

Atenuação de sugestão

Estes usos compreendem as situações em que *sei lá* antecede uma sugestão que será apresentada pelo falante:

- (79) ENT *O que o senhor acha desse pessoal, assim? *O que o senhor pensa a respeito?
 INF *Ah, sei lá. *Eu acho que o governo devia fazer essa reforma agrária de uma vez e colocar essas pessoas, né? tchê. (VARSUL SCCHP02-MPA)

Na ocorrência acima, o uso do tempo verbal passado imperfeito no verbo da sugestão – *devia* – mostra outro elemento atenuador utilizado pelo falante e evidencia que as sugestões proferidas pelos falantes, geralmente, vêm acompanhadas de atenuadores.

Atenuação de opinião

Este uso diz respeito aos contextos em que o escopo da atenuação de *sei lá* recai sobre uma opinião proferida pelo falante:

- (80) ENT *E a senhora gosta de ver televisão, então?
 INF *Sim, [eu]- (hes) televisão eu gosto. *Jornal, mais que eu assisto e alguma novela, sei lá, interessante. (VARSUL SCCHP01-FPA)

Em uma primeira análise, é possível pensar que este uso seja de busca de palavra. Entretanto, o falante está em busca de um adjetivo e este contexto denota avaliação do falante, uma avaliação de natureza qualitativa.

Atenuação de assunto embaraçoso

Outro uso que compreende a função de atenuação foi encontrado sinalizando que o falante discorre sobre algo embaraçoso, algo que, talvez, não goste de se lembrar:

- (81) ENT *Sim. *E o que que tu achas da política do (ruído) Brasil, brasileira?
 INF *Ah, política eu não gosto de falar, não. *(falando rindo) Não! *Não, isso é uma das coisas [que]- que eu não gosto (hes). ***Eu sei lá**, a gente acompanha alguma coisa, assim, de política no jornal, na televisão, mas é o tipo da coisa que a gente procura acompanhar às vezes só pra ter [um]-alguma coisa pra comentar com alguma pessoa que- *É que nem eu te disse, no nosso ramo de trabalho, a gente está sempre convivendo com pessoas que cada pouco estão te puxando um assunto. (VARFUL SCCHP10-MGA)

O falante deixa claro que não se sente confortável para discutir o tópico “política”. *Sei lá* é usado posteriormente a esta afirmação juntamente com a justificativa do falante sobre como ele trata deste assunto embaraçoso para ele.

Quanto à amostra do VMPOSC, verificamos que os usos que denotam função de atenuação de sugestão foram os únicos que não ocorreram nos dados. Vejamos as ocorrências da função de atenuação de opinião e de assunto embaraçoso:

Atenuação de opinião

- (82) ENT Você não tem nenhuma opinião, assim, sobre o que- dessas pessoas que moram mais afastadas do centro?
 INF Tem pessoas que se- podem ser, **sei lá**, ter um sotaque diferente porque (along) tem pessoas aqui, como é que eu posso dizer, sotaque da região, né, sul (hes) é isso. (VMPOSC 05)

Percebe-se que o falante faz uso de *sei lá* para atenuar sua opinião de que as pessoas que moram mais afastadas do centro da cidade têm um sotaque diferente daquelas que moram na região central. Outros elementos corroboram com esta classificação da função de atenuação, por exemplo, o uso de “como é que eu posso dizer”. É notável o cuidado que o falante tem em modalizar seu discurso.

Atenuação de assunto embaraçoso

- (83) ENT E quem é o mais chato?
 INF Ai, **sei lá**, às vezes é a mãe porque ela cobra demais as minhas nota e as coisa da escola. (VMPOSC 05)

Nesta ocorrência, o entrevistador está perguntando quem é a pessoa mais chata da família, um assunto delicado para ser desenvolvido pelo falante. A evidência disto é o uso de *sei lá* que antecede a resposta.

5.2.2 Escala de –certeza.

Conferimos aos contextos de –certeza os usos nos quais a informação veiculada é tida como incerta, quando o falante demonstra dúvida, hesitação e imprecisão em suas proposições, ou seja, quando o grau de conhecimento do falante sobre sua proposição é menor. Fazem parte desta escala do *continuum* três funções mais específicas: a função de –dúvida para os usos de *eu acho*; as funções de planejamento verbal e +dúvida para os usos de *sei lá*. Passemos ao detalhamento destas funções.

5.2.2.1 Planejamento verbal

No quadro da modalização epistêmica parentética, os usos classificados como sendo de planejamento verbal se inserem na escala de –certeza, pois o planejamento, por meio das hesitações e falsos começos, reflete a menor certeza do falante tanto sobre o conteúdo da pergunta que lhe foi feita, como da resposta que irá enunciar. A análise de *sei lá* com função de planejamento verbal se pauta em Galembeck & Carvalho (1997), para quem a fala é um tipo de texto planejado localmente, e este planejamento co-ocorre com sua execução. Desta forma, são frequentes as hesitações ou pausas para a construção dos enunciados. Segundo os autores, “o problema é que o silêncio (pausas não-preenchidas) torna particularmente vulnerável a posição do locutor, pois permite que o turno venha a ser ocupado pelo outro interlocutor” (GALEMBECK & CARVALHO, 1997, p. 13). O uso de *sei lá*, nestes contextos, assegura o turno do falante enquanto planeja sua fala.

Na amostra VARSUL/Chapecó, foram levantados alguns usos específicos da função de planejamento verbal que são elencados a seguir.

Busca de palavra

Este uso específico de *sei lá* representa os contextos em que o falante busca uma palavra para expressar com mais exatidão algo que está dizendo:

- (84) INF *Põe o coalho, deixa ele coalhar, e daí mexe ele, esmaga bem, com as mãos, sei lá, (est) e tem umas formas, (est) e imprensa ele ali, e deixa. (VARSUL SCCHP03-MPA)

Na ocorrência acima, o falante faz uso de *sei lá* no lugar de alguma outra palavra ou expressão que não lhe ocorre no momento da enunciação e que informaria com o que mais se esmagava o coalho.

Elaboração de resposta

A classificação como elaboração de resposta se deve aos vários falsos começos e hesitações que o falante produz até que elabore uma resposta à pergunta do interlocutor.

- (85) ENT *E como é que você acha agora, em termos de contato, por exemplo, com a capital, Chapecó com a capital, é fácil o contato?
 INF *Não, [não é]- não é muito fácil não porque [a gente já não]- a capital, [uma vez]- eu fui uma vez só na capital [e]- e eu, sei lá, eu acho que é isolada mesmo, não tem muito contato com- (VARFUL SCCHP11-MGA)

Em (85), o falante tenta elaborar sua resposta várias vezes e somente após o uso de *sei lá* ele constrói um enunciado que atende a pergunta do interlocutor.

Tomada de turno

A *tomada de turno* diz respeito a uma tentativa do falante de responder à pergunta do interlocutor. Há casos em que a pergunta apresenta muitos elementos e o falante toma o turno com o uso de *sei lá*, ganhando tempo para a compreensão da pergunta e elaboração da resposta.

- (86) ENT *(hes) Dona Aldair, fala pra gente sobre a sua infância, como é que foi? conta tudo pra gente, assim, o que a senhora lembra da sua infância, seus amigos-
 INF *Ah, sei lá, tinha, né? [desde o tempo de colégio]- tempo de colégio, depois- *É infância. *Sei lá, eu não tive, assim, uma, né? porque a gente sempre foi pobre, assim, né? mas dava pra passar, né? *A gente se divertia bastante, brincava, aprontava, né? (VARFUL SCCHP09-FGA)

O segundo *sei lá* da ocorrência (86) desempenha função de *elaboração de resposta*. Somente após alguma hesitação e o uso, novamente, do item o falante desenvolve a resposta à pergunta do interlocutor.

Como vimos, Rosa (1992) denomina estes usos como *hedges indicadores de atividades cognitivas*, porém a autora assinala que, além do planejamento verbal, co-ocorre a função de atenuação. Em nossa classificação, separamos estas funções, mesmo que, em alguns casos, elas se sobreponham. Procuramos identificar, então, qual das funções apresentasse mais saliente.

A amostra VMPOSC apresentou os mesmos usos encontrados acima:

Busca de palavra

- (87) ENT Há pouco tempo aconteceu o carnaval. Na TV, passava bastante, assim, desfiles, né? E qual que é a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?
 INF Bom, eu acho- bom, depende da região onde a pessoa mora. Por exemplo, eu moro em Santa Catarina que é mais afastado lá do Rio de Janeiro, os lugares onde se comemora realmente o carnaval. Antigamente, acho que era mais legal o carnaval, porque as mulheres não andavam pintadas, porque uma vez elas usavam roupa, pelo menos, né? Mas, daí passaram a usar roupas, praticamente lingerie, assim, e hoje elas pintam o corpo. Eu acho que isso, pra outros países, eles devem achar que o Brasil é, como é que eu posso dizer, sei lá, (hes) as mulheres andam peladas na rua. Praticamente, isso.

Elaboração de resposta

- (88) ENT Acha que demorava mais pra ficar pronto?
 INF Acho, demorava mais.
 ENT Tu acha que isso mudou pra hoje em dia?
 INF Mudou!
 ENT Como que é hoje?
 INF Ah, hoje em dia você compra lá congelado, você coloca no micro-ondas e (along) tá pronto. Ou (hes), sei lá, é mais fácil de você fazer as coisas, eu acho. (VMPOSC 08)

Tomada de turno

- (89) ENT Mas e o que que você acha disso, assim?
 INF (hes) Sei lá, tem muitas- pelo, por exemplo, as minhas amigas pelo menos elas são de família e tal, não são esse tipo de gente. (VMPOSC 05)

Percebemos que na faixa de 7 a 14 anos também ocorrem os contextos de uso de *sei lá* que desempenham função de planejamento verbal, inclusive com as mesmas especificidades de busca de palavra, elaboração de resposta e tomada de turno.

5.2.2.2 Dúvida

Neste uso, o falante não assume inteiramente a responsabilidade sobre o conteúdo proposto, que pode ser tomado como suposição e hipótese. A função de dúvida está inserida na escala –certeza do *continuum* estabelecido. Esta função é compartilhada somente aparentemente por *sei lá* e *eu acho*, pois os usos de *eu acho* representam –dúvida, enquanto os de *sei lá* representam +dúvida. Passemos às particularidades de cada uso.

-Dúvida

Os contextos de uso de *eu acho* se caracterizam por –dúvida pois o item carrega traços dos usos de opinião, em que há certeza e convicção. O falante indica uma informação como sendo quase certa, como uma hipótese que requer confirmação, por isso a menor dúvida decorrente deste uso, conforme a definição do sentido *achar* de Borba (1990) de *supor*, *calcular* e *presumir*. Observemos a seguinte ocorrência:

- (90) ENT *É, o que que é? uma fazenda? (hes) uma firma? *Quem que cuida disso? *Quem que dá o dinheiro pra isso?
 INF *É [o]- a comunidade, **eu acho**, porque é da prefeitura, né? (VARSUL SCCHP11-MGA)

Em (90), o falante responder que é a comunidade não é um palpite qualquer. Ele dá essa informação específica por ter quase certeza de que é esta a resposta. Ele só precisaria da confirmação desta informação. Ele, inclusive, justifica com “porque é da prefeitura”. Com o uso de *eu acho* o falante qualifica seu grau de conhecimento sobre o que é enunciado como de –dúvida.

A amostra VMPOSC apresentou uso de *eu acho* com função de –dúvida:

- (91) ENT E você já leu alguma coisa sobre Chapecó antigamente?
 INF Já, ela come- eu sei que ela começou no (along) bairro lá no Bormann que foi o início dela, ela cresceu muito. Antigamente ela ia mais ou menos até Joaçaba, ela era bem grande, depois elas foram se dividindo em cidades, daí ela ficou desse tamanho que é agora. Os habitantes (hes) tem muito mais agora e tem 200, **eu acho**, ou 180 mil habitantes. Ela cresceu bastante, evoluiu bastante. (VMPOSC 05)

A ocorrência (91) compreende o uso de *eu acho* desempenhando função de –dúvida, pois o falante não tem certeza sobre o número exato de habitantes da cidade. Todavia, ele tem alguma informação sobre este número.

+Dúvida

Sei lá representa os usos de +dúvida na escala de –certeza, pois ele carrega o traço proveniente da negação, ou seja, do cancelamento do saber oriundo da construção com o advérbio *lá*. É utilizado quando o falante não tem muita ou nenhuma informação sobre aquilo que diz. Como anteriormente mencionado no capítulo 2, Rosa (1992) denomina os itens que desempenham esta função de *hedges que expressam incerteza*. Segundo a autora, estes itens marcam “o grau de certeza com que os locutores aderem aos seus enunciados, veiculando a

avaliação epistêmica que o enunciador faz sobre o que diz” (ROSA, 1992, p. 52). Nestes termos, o uso de *sei lá* implica que o falante qualifica seu grau de conhecimento sobre aquilo que enuncia como baixo, de +dúvida. Vejamos a seguinte ocorrência:

- (92) ENT *[Em termos]- é muito difícil lidar com empregado aqui [na]- em Chapecó?
 INF *É, é difícil.
 ENT *Porque?
 INF *[Empregado ele]- eu sei lá, ele [está]- deve estar orientado pelo sindicato (inint), ele não, empregado é brincadeira, não tem condição de lidar. (VARSUL SCCHP11-MGA)

Na ocorrência acima, a maior dúvida é evidenciada com o uso de *deve* como possibilidade. O falante não conclui sua proposição sobre a orientação sindical, pois lhe faltam elementos para responder por que é difícil lidar com empregado. Ele passa a uma crítica mais generalista que reitera a dificuldade que foi apontada, mas que não explica o motivo desta dificuldade. A tentativa de resposta “ele deve estar orientado pelo sindicato” é um palpite que o falante tem e revela a maior dúvida que *sei lá* carrega nos contextos de –certeza.

Na amostra VMPOSC também houve ocorrência de *sei lá* desempenhando função de +dúvida:

- (93) ENT Mas como é que ela é? Ela é grande?
 INF Ela é grande, ela é de uma quadra, né? Sei lá (hes), não sei mais que que eu posso falar. (VMPOSC 08)

Em (93), *sei lá* prefacia o enunciado que evidencia a dúvida do falante sobre o que mais ele pode falar sobre a escola.

Determinamos o domínio funcional dos contextos de uso dos itens como o da modalização epistêmica parentética. Este domínio é representado pelo *continuum +certeza > –certeza*, que recobre as funções mais específicas que os itens desempenham.

5.2.3 Análise dos resultados quantitativos relativos às escalas do *continuum*

A partir do estabelecimento do domínio da modalização epistêmica parentética para *sei lá* e *eu acho* postulamos algumas hipóteses com relação à frequência de uso dos itens. Postulamos que *sei lá* apresente maior frequência da escala –certeza, já que duas das funções que desempenha são recobertas por esta escala. O levantamento dos contextos de uso de *sei lá* nos fornece o seguinte gráfico da amostra VARSUL/Chapecó:

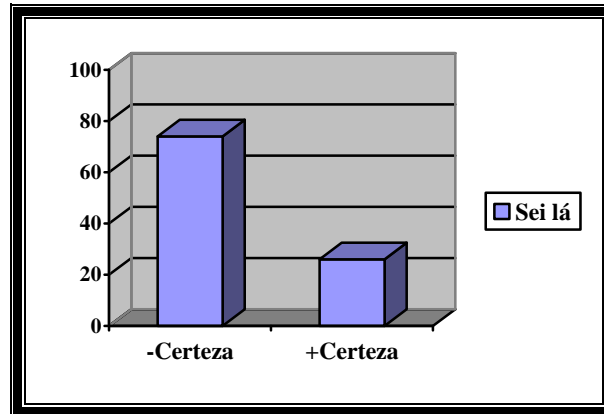


Gráfico 3 – Escalas de *sei lá* – amostra VARSUL

Verificamos que a escala –certeza é consideravelmente mais frequente para *sei lá*, representando 37 das 50 ocorrências do item (74% dos dados). A escala de +certeza representa 13 das 50 ocorrências (26% dos dados). Estes resultados confirmam, então, nossa hipótese da maior recorrência da escala –certeza para os usos de *sei lá*.

De maneira que a escala –certeza é mais recorrente nos usos de *sei lá*, postulamos que as funções recobertas por esta macrofunção, ou seja, as funções de +dúvida e de planejamento verbal, sejam mais frequentes. Abaixo é possível observar o detalhamento da frequência das funções de *sei lá*, na amostra VARSUL/Chapecó:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
+Dúvida	17/20	85	1/20	5	2/20	10	20/50	40
Planejamento verbal	17/17	100	0/17	0	0/17	0	17/50	34
Atenuação	12/13	92,3	1/13	7,7	0/13	0	13/50	26
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 1 - Funções de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, a função de +dúvida foi a mais recorrente para *sei lá*. Ela representa 40% dos usos do item. Porém, a função de planejamento verbal apresenta frequência bastante parecida, constituindo 34% dos usos. Logo em seguida aparece a função de atenuação, com 12 ocorrências, 26% dos usos. De modo específico, a distribuição das funções em relação às formas indica que para as três funções do item, a forma *sei lá* é mais frequente, representando

85% das ocorrências de +dúvida, 100% das ocorrências de planejamento verbal e 92,3% das ocorrências da função de atenuação. *Eu sei lá* ocorreu 1 vez na função de +dúvida e 1 vez na função de atenuação, não apresentando ocorrências na função de planejamento verbal. *Sei lá eu* tem suas 2 ocorrências na função de +dúvida, não ocorrendo nas demais funções. Estes resultados permitem-nos inferir que é pela função de +dúvida que as três formas concorrem na apresentação parentética. A maior frequência das funções que estão sob o escopo da escala –certeza confirma nossa hipótese sobre o comportamento linguístico de *sei lá*.

Os resultados da amostra VMPOSC apresentam, igualmente, maior frequência da escala –certeza, conforme o Gráfico 4:

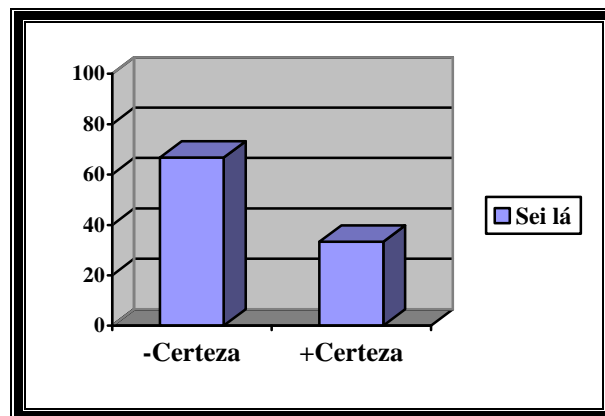


Gráfico 4 – Escalas de *sei lá* – amostra VMPOSC

A escala –certeza representa 10 das 15 ocorrências de *sei lá* (66,7% dos dados), enquanto a escala +certeza representa 5 das 15 ocorrências do item (33,3% dos dados). Os resultados da amostra VMPOSC também confirmam nossa hipótese da maior frequência da escala –certeza para os usos de *sei lá*. A distribuição das funções desempenhadas pelo item pode ser observada no Gráfico 5:

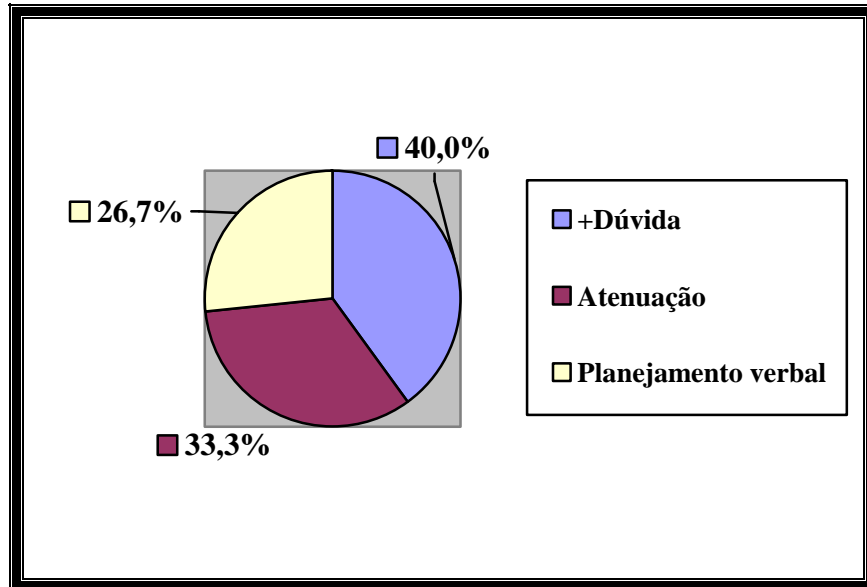


Gráfico 5 - Funções de *sei lá* – amostra VMPOSC

Percebe-se que a função de +dúvida foi mais frequente e representa 6 das 15 ocorrências de *sei lá* (40% dos dados), seguida da função de atenuação que compreende 5 das 15 ocorrências do item (33,3% dos dados) e a função menos frequente é a de planejamento verbal que representa 4 das 15 ocorrências de *sei lá* (26,7% dos dados). Os resultados nos mostram que nesta amostra os usos que exercem função de atenuação são um pouco mais frequentes que os da função de planejamento verbal.

No que diz respeito a *eu acho*, postulamos que a distribuição das escalas seja proporcional entre elas, pois o item comporta uma função recoberta por cada uma das escalas. Vejamos o Gráfico 6:

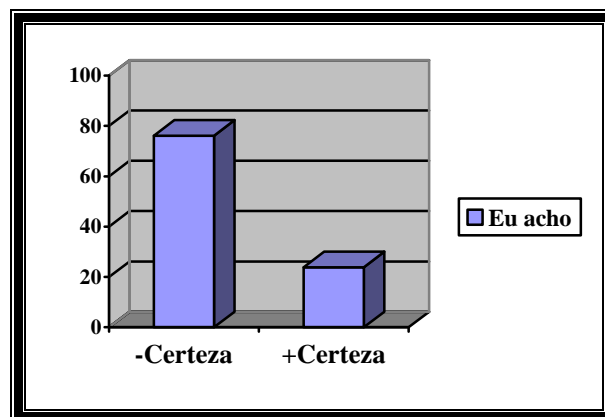


Gráfico 6 – Escalas de *eu acho* – amostra VARSUL

Verificamos que a escala de –certeza é mais frequente nos usos de *eu acho*, representando 35 das 46 ocorrências do item (76,1% dos dados). A escala +certeza representa 11 das 46 ocorrências (23,9% dos dados). Observamos que há recorrência muito maior da escala –certeza nos usos de *eu acho*, não confirmando, assim, nossa hipótese. Este resultado está diretamente ligado à frequência da função recoberta por esta escala: a função de –dúvida, que se apresentou muito mais recorrente em comparação aos usos de *eu acho* que desempenham a função de opinião, conforme pode ser verificado na Tabela 2:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
–Dúvida	24/35	68,6	11/35	31,4	0/35	0	35/46	76,1
Opinião	7/11	63,6	1/11	9,1	3/11	27,3	11/46	23,9
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 2 – Funções de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, a função de –dúvida é a mais recorrente entre os contextos de uso de *eu acho*, representando 76,1% dos usos deste item. A função de opinião representa 23,9% dos usos. De modo específico, percebemos que a função de –dúvida tem representação formal de 68,6% de *eu acho* e 31,4% de *acho*, não apresentando ocorrências de *acho eu*. A função de opinião apresentou 63,6% de ocorrência de *eu acho*, 9,1% de ocorrências de *acho* e 27,3 de *acho eu*. *Eu acho* é a forma mais recorrente nas duas funções. *Acho* é muito mais recorrente na função de –dúvida (11/12 ocorrências, 91,7%). *Acho eu* ocorreu exclusivamente na função de opinião. A partir destes resultados, podemos inferir que a função de –dúvida codifica os usos de *eu acho* na apresentação parentética.

Os resultados da amostra VMPOSC mostram, também, maior frequência da escala –certeza. Vejamos o Gráfico 7:

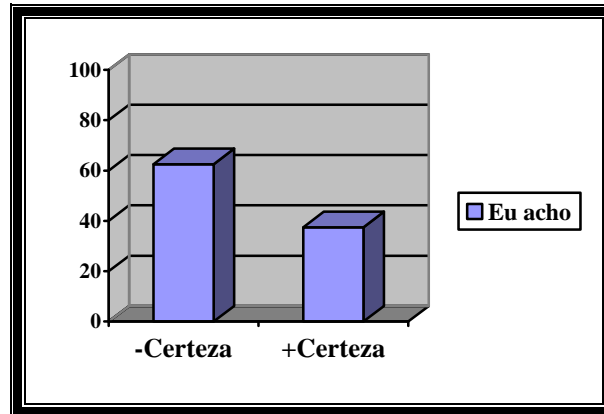


Gráfico 7 – Escalas de *eu acho* – amostra VMPOSC

A amostra VMPOSC também apresentou maior frequência da escala –certeza para *eu acho*: das 8 ocorrências do item, 5 são de –certeza (62,5% dos dados). A escala +certeza representa 3 das 5 ocorrências (37,5% dos dados). Este é o mesmo resultado para as funções do item, como podemos verificar no Gráfico 8:

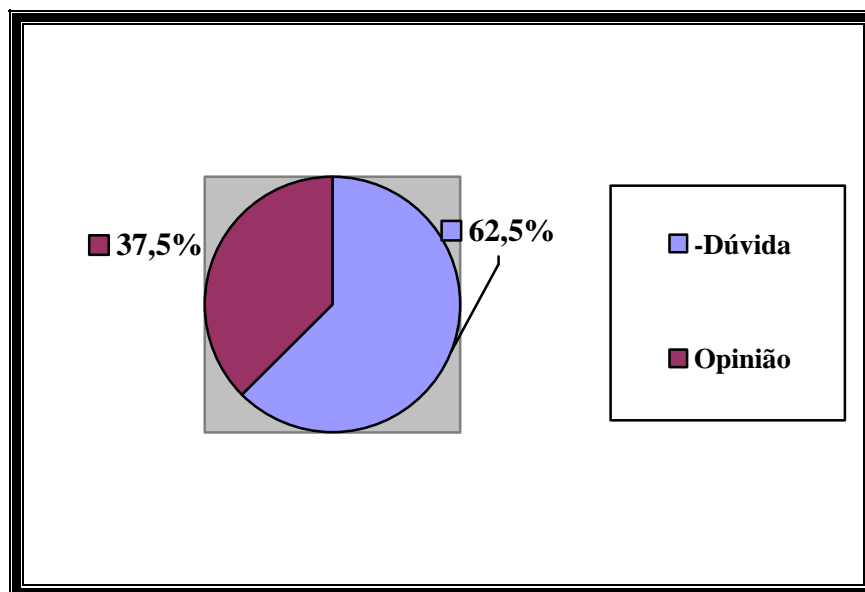


Gráfico 8 - Funções de *eu acho* – amostra VMPOSC

Percebemos que este resultado se assemelha àquele encontrado na amostra VARSUL/Chapecó. Os contextos de uso que desempenham a função de –dúvida são mais frequentes e compreendem 62,5% das ocorrências de *eu acho*, enquanto os contextos de uso que desempenham a função de opinião representam 37,5%.

A análise da frequência das escalas do *continuum* e funções dos itens mostrou que a escala –certeza é consideravelmente mais frequente para *sei lá* nas duas amostras

investigadas. A partir deste resultado, as funções mais recorrentes para o item, na amostra VARSUL/Chapecó foram aquelas recobertas pela escala –certeza: +dúvida e planejamento verbal. A amostra VMPOSC também apresentou maior frequência para a função de +dúvida, todavia, a segunda função mais recorrente é a de atenuação que é recoberta pela escala +certeza.

Os resultados para *eu acho* revelaram que a escala –certeza é mais recorrente nas duas amostras investigadas. Desta forma, a função de –dúvida é mais frequente que a função de opinião. Este resultado, não postulado pela nossa hipótese, também foi encontrado por Votre (2004). Em seu estudo, o sentido de incerteza epistêmica, como ele denomina, é o mais frequente (124/241 ocorrências) na amostra investigada pelo autor.

5.3 CONTEXTOS LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

Além da caracterização do domínio funcional de *sei lá* e *eu acho*, também foi efetuado um refinamento dos contextos linguísticos e extralinguísticos de uso dos itens como: sequência discursiva, tópico discursivo, envolvimento do falante com o tópico discursivo, complexidade do tópico discorrido, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Este refinamento visa detalhar o comportamento de *sei lá* e *eu acho* nas amostras investigadas.

5.3.1 Sequência discursiva

As sequências que caracterizam a entrevista sociolinguística podem ajudar a minimizar os efeitos do paradoxo do entrevistador. Segundo Labov (2008 [1972a]), em sequências do tipo relatos da vida pessoal, é possível atingir um menor monitoramento da fala, ao abordar assuntos (tópicos) que reproduzam emoções experienciadas pelo falante, como a clássica pergunta: “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morte?” (LABOV, 2008 [1972a], p. 245). De maneira geral, a resposta a esta pergunta vem seguida de uma narrativa, na qual se observa mudança de estilo, que se aproxima mais do vernáculo do falante.

A classificação das sequências discursivas adotada nesta pesquisa se pauta em Rost Snichelotto (2014). Segundo a autora, as sequências da entrevista sociolinguística podem ser sistematizadas da seguinte forma: narrativas, descritivas e dissertativas. As sequências narrativas são caracterizadas pela dinamicidade e sequenciação cronológica de eventos, acabados e inacabados:

A *sequência discursiva narrativa* se constitui por relatos (predominantemente) de fatos ou fenômenos organizados em episódios. Remetem a acontecimentos ocorridos no passado, que podem se prolongar por um determinado tempo em que aparecem ambientes e pessoas. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 5; grifos da autora).

A ocorrência abaixo exemplifica uma sequência discursiva narrativa:

- (94) INF *Tá, e um dia, de lá de Chalana, eu vim- não, [do]- de Pocinhos, onde eu dava aula, eu vim à Xaxim fazer umas compras, (ruído) né? eu tinha recebido o dinheiro, vim aqui receber, voltei e fui fazer umas compras na loja e quando eu saí da loja- [desliga um pouco]- *Que eu saí da loja pra ir embora, tinha um senhor lá (hes) a cavalo, mais uns outros lá a pé, estavam com animais, porque só se andava a cavalo naquela época, calçado de bota e ele viu que eu sou deficiente física. *Ele foi me dar uma moeda de esmola, né? *Ele disse: "*Eu vou te dar essa-" *Eram quatrocentos réis, **eu acho**. *Na época era bastante dinheiro, daí eu disse: "*Eu não preciso disso." *Disse assim: "*Eu trabalho." *Mas o homem ficou uma fera. (VARSUL SCCHP21-FCB)

Como é possível verificar, a sequência está intercalada de outros tipos de sequência, incluindo o discurso reportado. A classificação deste trecho como narrativa se deve ao fato de, na maior parte do seu turno, o falante narrar um fato acontecido que comporta as características de uma sequência narrativa, como descrevemos acima.

As sequências descritivas, por sua vez, veiculam um conteúdo informacional que situa os contextos narrativos e que justifica os contextos argumentativos. Muitas vezes, sinalizam avaliação do falante dos conteúdos expressos no discurso: se expressam pelas marcas linguísticas do tipo verbos estáticos e dinâmicos, intensificadores, adjetivos e tempos verbais para veicular não somente informações referenciais, mas também avaliativas (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 8). Por esta razão, as sequências descritivas aparecem, em geral, intercaladas dos outros dois tipos de sequência. A ocorrência abaixo ilustra uma sequência descritiva:

- (95) INF *(hes) Mesmo Chapecó aqui [é uma]- (hes) é a capital dá pra se dizer, **eu acho**, brasileira e <s-> (hes) da América Latina aqui, **eu acho**, [de]- de frigoríficos. *Aqui nós temos são três grandes frigoríficos: Sadia, (hes) Chapecó [e]- e a Cooper Central Aurora. (VARSUL SCCHP10-MGA)

Em (95), é possível observar o caráter informativo que é veiculado pela proposição, por isso a classificação da ocorrência como de sequência descritiva.

Já as sequências dissertativas são constituídas por

entidades, as proposições sobre elas e as relações entre essas proposições, sobretudo as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contrajunção), de adição (ou conjunção), de disjunção, de ampliação, de comprovação, etc. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 8)

Por meio da sequência dissertativa o falante apresenta um determinado assunto, expondo uma argumentação sobre ele que pode ser positiva ou negativa. Trabalhos já concluídos que levaram em conta a variável linguística sequência discursiva adotaram uma classificação bipartida para as sequências argumentativas, baseados em Guy *et al.* (1989): opiniões e explicações⁷¹. Esta pesquisa não adota esta diferenciação e a nomenclatura utilizada se resume à sequências dissertativas. A ocorrência abaixo ilustra nossa classificação:

- (96) ENT *[E tu] e tu como professora o que tá achando da educação?
 INF *A nossa educação, gente, não sei se é devido ao baixo salário, eu acho que ela está decaindo bastante. *Eu vejo assim: (hes) muitos professores que trabalham não por vocação, trabalham, assim, quase que um bico, fazem da educação um bico. *Então [eu aí]- eu acho que é isso que a nossa educação decaiu bastante. *Porque somos poucos os professores que trabalhamos por missão. *Que o trabalho do professor não é uma profissão, **eu acho**.
 (VARSUL SCCHP17-FCA)

Segundo Rost Snichelotto (2014), a caracterização linguística da sequência dissertativa se evidencia por meio de verbos proposicionais, como *eu sei*, *eu acho*, com predominância do tempo presente do indicativo.

Na entrevista sociolinguística são observados aspectos de variação estilística. O estilo do falante nesta situação comunicativa tende a ser mais formal do que as conversas cotidianas com amigos e familiares, pois o falante tende a monitorar mais sua fala. Segundo Rost Snichelotto (2014), no que diz respeito ao grau de atenção prestada à fala, a divisão da entrevista sociolinguística em sequências discursivas pode organizá-la em um contínuo no qual as sequências narrativas e descritivas, em uma extremidade, se relacionam com o estilo menos formal, e as sequências dissertativas, na outra extremidade, se relacionam com o estilo mais formal (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 4). A classificação em sequências narrativas, descritivas e dissertativas se deve, segundo a autora, ao predomínio destas nas entrevistas sociolinguísticas do banco VARSUL:

Conforme Knies e Costa (1996), o entrevistador era orientado a estimular o entrevistado a produzir predominantemente sequências narrativas (pessoal, recontada) e descritivas (de lugar e procedimento), permeadas de sequências dissertativas (opinião/argumentação) [...]. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 2).

Passamos à análise das sequências discursivas na amostra VARSUL/Chapecó. Primeiramente, levantamos alguns estudos preliminares sobre *sei lá* a fim de estabelecer em que tipo de sequência discursiva este item é mais frequente.

⁷¹As opiniões indicam o ponto de vista do falante a respeito de um dado assunto. As explicações assinalam as justificativas do falante, ou seja, este apresenta o motivo ou a razão de determinados assuntos (BACK *et al.*, 2004, p. 5).

O estudo empreendido por Oliveira & Santos (2011) adotou a classificação por gênero textual e uma classificação complementar a que denominam de sequência tipológica. Os resultados para os tipos de texto apontam que *sei lá* é mais frequente em relatos de opinião, em seguida em narrativas experienciais, depois em descrições de local, em seguida em relatos de procedimento e por fim a menor frequência de *sei lá* é em narrativas recontadas. Os resultados para as sequências indicam incidência muito maior de *sei lá* em sequências expositivas, em seguida vêm as narrativas, depois as descritivas e finalmente as injuntivas. Como esta classificação é complementar, os autores elaboram algumas aproximações: as sequências narrativas surgem em relatos experienciais, sequências descritivas têm relação com descrição de local, relatos de opinião são o ambiente comum das sequências expositivas. Para acomodar os resultados do estudo de Oliveira & Santos (2011) em nossa classificação das sequências discursivas, estabelecemos que os resultados encontrados pelos autores podem ser resumidos da seguinte maneira: maior frequência de *sei lá* em sequências dissertativas, segunda maior frequência em sequências narrativas e, por fim, menos recorrência do item em sequências descritivas.

Pressupomos que nossos resultados se aproximarão daqueles encontrados por Oliveira & Santos (2011) para maior frequência de *sei lá* em sequências dissertativas, pois os contextos argumentativos favorecem a modalização epistêmica parentética.

Apresentados os resultados obtidos em estudos anteriores sobre *sei lá* e a hipótese com a qual trabalhamos, partimos para os resultados alcançados na análise da amostra VARSUL/Chapecó:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Dissertativa	28/31	90,3	2/31	6,5	1/31	3,2	31/50	62
Narrativa	10/10	100	0/10	0	0/10	0	10/50	20
Descritiva	8/9	88,9	0/9	0	1/9	11,1	9/50	18
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 3 – Sequência discursiva de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados indicam que os usos de *sei lá* são mais recorrentes em sequências dissertativas, que representam 62% das ocorrências. As narrativas correspondem a

20% e as descritivas correspondem a 18% dos usos de *sei lá*. De modo específico, a forma *sei lá* ocorreu em 90,3% das sequências dissertativas e em 88,9% das descritivas e mostra-se categórica nas sequências narrativas. Quanto à forma, *sei lá* é mais frequente em todas as sequências discursivas, devido à baixa incidência de *eu sei lá* e *sei lá eu* na amostra.

Os resultados por nós obtidos, de fato, se assemelham aos de Oliveira & Santos (2011) conforme esperávamos. Observemos, então, a distribuição das sequências em relação às funções de *sei lá*:

	+Dúvida		Planejamento verbal		Atenuação	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Dissertativa	12/31	38,7	9/31	29	10/31	32,3
Narrativa	5/10	50	2/10	20	3/10	30
Descritiva	3/9	33,3	6/9	66,7	0/9	0
Total	20/50	40	17/50	34	13/50	26

Tabela 4 – Correlação entre função e sequência discursiva de *sei lá* – amostra VARSUL

Os resultados apontam distribuição quase proporcional das funções nas sequências dissertativas: 38,7% para +dúvida, 32,3% para atenuação e 29% para planejamento verbal. De modo específico, nas sequências narrativas há maior uso do item desempenhando função de +dúvida (50%). Nas sequências descritivas, há maior frequência da função de planejamento verbal (66,7%). A função de +dúvida apresenta maior frequência nas sequências dissertativas (12/20 ocorrências, 60%). A função de planejamento verbal é mais frequente nas dissertativas (9/17 ocorrências, 52,9%), sendo frequente também nas descritivas (6/17 ocorrências, 35,3%). A função de atenuação é mais frequente nas dissertativas (10/13 ocorrências, 76,9%).

Os usos de *sei lá* predominam em sequências dissertativas. Este era um resultado esperado, pois as sequências dissertativas são contextos favoráveis aos usos que envolvem planejamento verbal, por exemplo, em que o falante emprega o item para ganhar tempo na elaboração de seu argumento. As sequências dissertativas também são ambiente favorável ao emprego de *sei lá* desempenhando função de atenuação, pois os usos nesta função, como vimos, são de teor argumentativo, permeados de opiniões e sugestões.

A frequência significativa da função de planejamento verbal em sequências descritivas se deve, provavelmente, aos contextos de busca de palavra. Era esperado que em sequências

descritivas a busca de palavras para a caracterização do que está sendo detalhado fosse frequente.

Quanto à função de +dúvida, era esperado que ocorresse com mais frequência em sequências dissertativas, pois se sua localização no *continuum* é na escala de –certeza, postulamos que a pergunta do entrevistador que desencadeia uma sequência dissertativa aborde tópicos que, presumivelmente, não sejam dominados pelo falante. Nestes contextos, seu grau de conhecimento é menor. Já as sequências narrativas e descritivas pressupõem um grau maior de conhecimento do falante.

No que diz respeito à amostra VMPOSC, dos 15 usos de *sei lá*, 9 (60%) ocorreram em sequências dissertativas, 6 (40%) em sequências descritivas e não houve ocorrências de *sei lá* em sequências narrativas. Este resultado confirma aquele observado na amostra VARSUL/Chapecó para a maior frequência de uso do item em sequências dissertativas.

Passando ao tratamento de *eu acho*, servimo-nos do estudo de Freitag (2004) que controlou as variantes dos parentéticos epistêmicos *acho (que)* e *parece (que)*, na fala de Florianópolis. A autora procedeu à seguinte classificação para as sequências discursivas: narrativa de experiência de vida, opinião, explanação e descrição. Segundo a definição de Freitag (2004) para cada sequência, podemos aproximar sua classificação daquela por nós descrita acima da seguinte forma: narrativa de experiência de vida corresponde ao que chamamos de narrativa; opinião e explanação correspondem ao que chamamos de dissertativa; e descrição ao que chamamos de descritiva. Assim posto, os resultados encontrados por Freitag (2004) apontam que *acho (que)* e *parece (que)* são mais frequentes nas sequências narrativas, porém a autora chama a atenção para o fato de esta sequência discursiva ser predominante nas entrevistas do banco VARSUL. Os resultados indicam também o uso categórico de *acho (que)* parentético nas sequências de opinião e relevante maior frequência nas sequências explanativas, ou seja, aquelas que amalgamamos em nossa classificação de dissertativas. Conclusivamente, a relação apresentada pela autora é: *parece (que)* é mais frequente em sequências narrativas e *acho (que)* em sequências argumentativas (opinião e explanação).

Nossa hipótese é de que nossos resultados se aproximarão daqueles encontrados por Freitag (2004) para a maior recorrência de *eu acho* em sequências dissertativas. Porém, acreditamos que haja também frequência significativa do item nas demais sequências, pois elas exigem maior grau de conhecimento do falante sobre o tópico discorrido e as escalas onde se localizam o item no *continuum* que estabelecemos prevê que os usos de *eu acho* sejam tanto de +certeza como –certeza. Vejamos os nossos resultados:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Dissertativa	12/17	70,6	3/17	17,6	2/17	11,8	17/46	37
Narrativa	10/15	66,7	5/15	33,3	0/15	0	15/46	32,6
Descritiva	9/14	64,3	4/14	28,6	1/14	7,1	14/46	30,4
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 5 – Sequência discursiva de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados da análise estatística mostram que os usos de *eu acho* são mais recorrentes em sequências dissertativas, representando 37% das ocorrências. Em seguida, temos as sequências narrativas, com 32,6% e as descritivas, com 30,4%. De modo específico, observa-se que não há grande diferença nos usos de *eu acho* em relação às sequências discursivas, ou seja, o item se distribui em todas elas de maneira quase equivalente, não havendo uma sequência específica que predisponha os usos de *eu acho*. Quanto à apresentação formal, as sequências dissertativas apresentam mais usos de *eu acho* (70,6%), seguido de *acho* (17,6%) e de *acho eu* (11,8%). As sequências narrativas apresentam, igualmente, maior frequência de *eu acho* (66,7%), seguido de *acho* (33,3%) e não há ocorrência de *acho eu*. As sequências descritivas exibem, também, maior frequência de *eu acho* (64,3%), seguido de *acho* (28,6%) e apenas 1 ocorrência de *acho eu* (7,1%).

Verificamos que nossos resultados divergem, de certa forma, daqueles encontrados por Freitag (2004) apresentados acima. Mesmo com a maior frequência do item em sequências dissertativas, como vimos, os usos são praticamente proporcionais, confirmando nossa hipótese para a frequência significativa de *eu acho* em sequências narrativas e descritivas. Os dizeres de Freitag (2003, p. 76) corroboram com nossa hipótese e resultados, já que, para a autora, na função de marcador de dúvida, por exemplo, espera-se que o item ocorra em todos os tipos de sequências discursivas.

Todavia, *eu acho* ocorre em dois contextos de uso e postulamos que a função mais frequente nas dissertativas seja a de opinião. Vejamos se podemos confirmar esta hipótese através do cruzamento entre as funções desempenhadas pelo item e as sequências discursivas:

	-Dúvida		Opinião	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Dissertativa	7/17	41,2	10/17	58,8
Narrativa	15/15	100	0/15	0
Descritiva	13/14	92,9	1/14	7,1
Total	35/46	76,1	11/46	23,9

Tabela 6 – Correlação entre função e sequência discursiva de *eu acho* – amostra VARSUL

Percebemos que os usos em sequências dissertativas são relativamente maiores da função de opinião (58,8%) e a função de -dúvida representa 41,2%. Nas narrativas há uso categórico da função de -dúvida. Nas sequências descritivas há maior frequência da função de -dúvida (92,9%) e apenas 1 ocorrência de opinião (7,1%). A função de -dúvida ocorre mais em narrativas (42,9%), seguida das descritivas (37,1%) e das dissertativas (20%). A função de opinião é muito mais frequente nas sequências dissertativas (10/11 ocorrências, 90,9%), não apresentando ocorrências nas sequências narrativas e apenas 1 ocorrência nas descritivas (9,1%). A literatura dá suporte a este resultado. Os achados de Freitag (2004) revelaram uso categórico de *eu acho* em contextos de opinião, os quais ela classifica como fazendo parte das sequências argumentativas, aqui denominadas sequências dissertativas.

Os resultados da amostra VMPOSC confirmam aqueles encontrados na amostra VARSUL/Chapecó para frequência equivalente dos usos de *eu acho* nas sequências discursivas. Das 8 ocorrências do item, 3 (37,5%) ocorreram em sequências dissertativas, outros 3 em sequências descritivas e 2 (25%) em sequências narrativas.

Os resultados obtidos mostraram que o contexto linguístico sequência discursiva é condicionante dos usos de *sei lá* nas duas amostras investigadas. Observamos maior recorrência do item em sequência dissertativas, ambiente mais favorável aos usos que envolvem planejamento verbal quando *sei lá* desempenha função de atenuação. Com relação às ocorrências de *eu acho*, as sequências discursivas não se mostraram relevantes para o condicionamento dos usos do item. Os resultados apontaram frequência quase equivalente de *eu acho* distribuída nas três sequências consideradas nesta pesquisa para as duas amostras investigadas.

5.3.2 Tópico discursivo

Uma rotulagem dos tipos de tópicos discursivos que sucedem nas amostras analisadas foi empreendida a fim de verificar quais propiciam o uso de *sei lá* e *eu acho*.

Freitag (2003, p. 78) identificou, nas entrevistas sociolinguísticas do banco VARSUL/Florianópolis, onze grandes grupos de tópicos: saúde e drogas, relações familiares, lazer e entretenimento, Florianópolis, trabalho, política e economia, religião, infância e juventude, acontecimento, turismo e ecologia e educação. O tópico Florianópolis diz respeito às informações do falante sobre a cidade. Para nós, evidentemente, o nome deste tópico muda para Chapecó.

Com base nesta classificação, formulamos um rol de tópicos abordados nas entrevistas do VARSUL/Chapecó, que identificamos como distinto do da autora em alguns aspectos, visto que leva em conta, justamente, diferenças econômicas, socioculturais e étnicas entre as duas cidades. Neste caso, inserimos o tópico língua, cultura e etnia italianas. Nossa classificação também se distingue pelo fato de introduzirmos tópicos que dizem respeito à sociedade em geral, seu comportamento, como casamento e separação, por exemplo, este tópico leva o nome de sociedade e comportamento. O tópico turismo e ecologia não foi contemplado em nossa listagem, pois não foi abordado nas entrevistas de Chapecó.

Os tópicos levantados em nossa leitura e audição das entrevistas da amostra VARSUL/Chapecó são: *história da família* (compreende a procedência dos familiares, as tradições em datas comemorativas, a culinária, o transporte, as relações familiares, por exemplo); *Chapecó* (compreende assuntos relacionados à cidade, como: agricultura, festas, acontecimentos, clima, etc.); *infância e juventude* (compreende as vivências destes períodos da vida dos falantes); *relações sociais* (compreende as relações fora da história da família); *língua, cultura e etnia italianas* (compreende os assuntos relacionados às tradições italianas, a culinária, o comportamento dos descendentes de italianos); *saúde e drogas* (compreende a abordagem de temas sobre gravidez, doenças e vícios); *atividade de lazer e entretenimento* (compreende temas como: futebol, televisão, passeios, férias); *exposição a meios de comunicação* (compreende a história dos meios de comunicação, como os primeiros jornais, por exemplo); *política e economia* (compreende a situação política e econômica tanto da cidade quanto do estado ou do país); *sociedade e comportamento* (compreende assuntos que não dizem respeito ao falante, mas à sociedade em geral e seu comportamento); *educação* (compreende a situação da educação de forma geral e como profissão, no caso dos falantes

professores); e *religião* (compreende a relação que o falante tem com a religião, as religiões da cidade e a Igreja Católica).

Para o controle dos tópicos discursivos, estabelecemos que, presumivelmente, em alguns tópicos, o falante discorre sobre situações experienciadas por ele, contextos nos quais o grau de conhecimento do falante é maior, pois ele tem mais informações sobre o que é enunciado. Em outros tópicos, o falante discorre, presumivelmente, sobre a sociedade em geral, contextos nos quais o grau de conhecimento do falante é menor, pois não foi experienciado por ele. Desta maneira, determinamos que os tópicos presumivelmente experienciados são: história da família, Chapecó, infância e juventude, relações sociais, língua, cultura e etnia italianas, atividade de lazer e entretenimento e exposição a meios de comunicação. Os tópicos em que o falante discorre, presumivelmente, sobre a sociedade em geral são: política e economia, sociedade e comportamento, educação, saúde e drogas e religião.

Postulamos que *sei lá* seja mais frequente na abordagem de tópicos que tratam sobre a sociedade em geral. Conforme o *continuum* estabelecido e a maior frequência da escala –certeza constatada nas ocorrências de *sei lá*, é esperado que o item ocorra na abordagem de tópicos que falam, presumivelmente, sobre outras pessoas que não o falante e que revelam seu menor grau de conhecimento sobre o tópico.

A frequência dos tópicos discursivos para *sei lá* pode ser observada na Tabela 7:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Política e Economia	10/11	90,9	1/11	9,1	0/11	0	11/50	22
História da Família	9/9	100	0/9	0	0/9	0	9/50	18
Chapecó	6/7	85,7	0/7	0	1/7	14,3	7/50	14
Sociedade e Comportamento	6/7	85,7	0/7	0	1/7	14,3	7/50	14
Infância e Juventude	3/3	100	0/3	0	0/3	0	3/50	6
Relações Sociais	2/3	66,7	1/3	33,3	0/3	0	3/50	6
Língua, Cultura e Etnia Italianas	3/3	100	0/3	0	0/3	0	3/50	6
Atividade de Lazer e entretenimento	2/2	100	0/2	0	0/2	0	2/50	4
Educação	2/2	100	0/2	0	0/2	0	2/50	4
Saúde e Drogas	1/1	100	0/1	0	0/1	0	1/50	2
Religião	1/1	100	0/1	0	0/1	0	1/50	2
Exposição a Meios de Comunicação	1/1	100	0/1	0	0/1	0	1/50	2
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	50/50	100

Tabela 7 – Tópico discursivo de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados nos mostram que os usos de *sei lá* são mais recorrentes na abordagem do tópico política e economia (22%). Em segundo lugar, os usos se apresentam mais frequentes na abordagem do tópico história da família (18%). Em seguida, temos os tópicos Chapecó e sociedade e comportamento (14%). Os tópicos infância e juventude, relações sociais e língua, cultura e etnia italianas representam 6% das ocorrências de *sei lá*. Na sequência temos os tópicos atividade de lazer e entretenimento e educação representando 4% das ocorrências. Por fim, os tópicos saúde e drogas, religião e exposição a meios de comunicação correspondem a 2% dos usos de *sei lá*. De modo específico, a forma *sei lá* é mais frequente na abordagem do tópico política e economia (90,0% das ocorrências) e se mostra categórica em quase todas os outros tópicos. Isto se deve a baixa ocorrência das formas *eu sei lá* e *sei lá eu*.

Percebemos que nossa hipótese se confirma. Todavia, é preciso levar em conta que o item ocorre também com bastante frequência na abordagem de tópicos experienciados, como história da família e Chapecó, por exemplo. A distribuição dos tópicos em relação às funções desempenhadas por *sei lá* nos mostra com mais detalhe seu comportamento:

	+Dúvida		Planejamento verbal		Atenuação	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Política e Economia	1/11	9,1	3/11	27,3	7/11	63,6
História da Família	4/9	44,4	3/9	33,3	2/9	22,2
Chapecó	5/7	71,4	2/7	28,6	0/7	0
Sociedade e Comportamento	3/7	42,8	3/7	42,8	1/7	14,4
Infância e Juventude	0/3	0	2/3	66,7	1/3	33,3
Relações Sociais	2/3	66,7	0/3	0	1/3	33,3
Língua, Cultura e Etnia Italianas	3/3	100	0/3	0	0/3	0
Atividade de Lazer e entretenimento	1/2	50	½	50	0/2	0
Educação	0/2	0	½	50	1/2	50
Saúde e Drogas	0/1	0	1/1	100	0/1	0
Religião	0/1	0	1/1	100	0/1	0
Exposição a Meios de Comunicação	1/1	100	0/1	0	0/1	0
Total	20/50	40	17/50	34	13/50	26

Tabela 8 – Correlação entre tópico discursivo e função de *sei lá* – amostra VARSUL

O tópico política e economia apresenta a função de atenuação como a mais frequente (63,3%), seguida da função de planejamento verbal (27,3%) e apenas 1 ocorrência desempenhando a função de +dúvida (9,1%). O tópico história da família expressa maior frequência da função de +dúvida (44,4%), seguida da função de planejamento verbal (33,3%) e da função de atenuação (22,2%). No que diz respeito ao tópico Chapecó, a maior recorrência é da função de +dúvida (71,4%), seguida da função de planejamento verbal (28,6%) não apresentando ocorrências da função de atenuação. O tópico sociedade e comportamento contem usos proporcionais das funções de +dúvida de planejamento verbal (42,8%) e 1 ocorrência de atenuação (14,4%). Infância de juventude encerra mais usos exercendo a função de planejamento verbal (66,7%), seguida da função de atenuação (33,3%) e não apresenta usos desempenhando a função de +dúvida. O tópico relações sociais apresenta maior frequência da função de +dúvida (66,7%) e 1 ocorrência de atenuação, o que representa 33,3%, não havendo ocorrências que exerçam função de planejamento verbal para este tópico. Língua, cultura e etnia italianas tem seus usos desempenhando categoricamente a função de +dúvida. O tópico atividade de lazer e entretenimento apresenta 50% das ocorrências

exercendo a função de +dúvida e outros 50% a função de planejamento verbal, sem ocorrências de atenuação. Os usos no tópico educação são de 50% de planejamento verbal e 50% de atenuação, sem ocorrências da função de +dúvida. As ocorrências de saúde e drogas desempenham, exclusivamente, a função de planejamento verbal, assim como as ocorrência do tópico religião. Exposição a meios de comunicação também apresenta uso categórico de uma função: a de +dúvida.

Notamos que o tópico política e economia apresentou maior frequência de uso da função que é recoberta pela escala +certeza. Isto se deve ao fato de que, na abordagem deste tópico, por se tratar da sociedade em geral, o falante usa o item de forma a atenuar os comentários que muitas vezes são de sugestão ou opinião, como vimos na descrição da função de atenuação. Percebemos que a função de +dúvida é bastante frequente na abordagem de tópicos experienciados pelo falante, como história da família, Chapecó, língua, cultura e etnia italianas e exposição a meios de comunicação (nestes dois últimos, a função +dúvida é categórica, inclusive).

No que diz respeito a *eu acho*, postulamos que as ocorrências do item sejam mais frequentes na abordagem de tópicos experienciados pelo falante, aqueles em que seu grau de conhecimento é maior. De acordo com o *continuum* estabelecido, os contextos de uso de *eu acho* são de maior certeza. Assim, esperamos que o item ocorra com mais frequência na abordagem de tópicos que tratam, presumivelmente, de situações experienciadas pelo falante. Apresentamos, em seguida, a frequência dos tópicos discursivos para *eu acho*:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
História da Família	9/12	75	3/12	25	0/12	0	12/46	26,1
Chapecó	6/9	66,7	3/9	33,3	0/9	0	9/46	19,6
Política e Economia	4/4	100	0/4	0	0/4	0	4/46	8,7
Sociedade e Comportamento	3/4	75	0/4	0	¼	25	4/46	8,7
Infância e Juventude	1/3	33,3	2/3	66,7	0/3	0	3/46	6,5
Relações Sociais	3/3	100	0/3	0	0/3	0	3/46	6,5
Saúde e Drogas	1/33	33,3	1/3	33,3	1/3	33,3	3/46	6,5
Atividade de Lazer e entretenimento	1/2	50	½	50	0/2	0	2/46	4,3
Educação	2/2	100	0/2	0	0/2	0	2/46	4,3
Religião	1/2	50	½	50	0/2	0	2/46	4,3
Língua, Cultura e Etnia Italianas	0/1	0	0/1	0	1/1	100	1/46	2,2
Exposição a Meios de Comunicação	0/1	0	1/1	100	0/1	0	1/46	2,2
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 9 – Tópico discursivo de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados mostram que a frequência de *eu acho* é maior na abordagem do tópico discursivo história da família (26,1% dos dados). Logo após, temos o tópico Chapecó (19,6%). Em terceiro lugar aparecem política e economia e sociedade e comportamento (8,7%). Em seguida, três tópicos representam 6,5% das ocorrências de *eu acho*: infância e juventude, relações sociais e saúde e drogas. Atividade de lazer e entretenimento, educação e religião figuram 4,3%. Os tópicos língua, cultura e etnia italianas e exposição a meios de comunicação aparecem como menos frequentes com a mesma porcentagem de 2,2%. De modo específico, a forma *eu acho* é mais frequente na abordagem dos tópicos história da família, Chapecó e sociedade e comportamento, mostrando-se categórico nos tópicos política e economia, relações sociais e educação. Houve somente um tópico que apresentou maior frequência da forma *acho*: infância e juventude.

Os resultados acima confirmam nossa hipótese, pois os usos de *eu acho* ocorreram com mais frequência na abordagem de tópicos experienciados pelo falante, como história da família e Chapecó, por exemplo. Correlacionamos os tópicos discursivos com as funções de *eu acho*, a fim de uma melhor descrição de seus usos:

	–Dúvida		Opinião	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
História da Família	12/12	100	0/12	0
Chapecó	8/9	88,9	1/9	11,1
Política e Economia	4/4	100	0/4	0
Sociedade e Comportamento	0/4	0	4/4	100
Infância e Juventude	3/3	100	0/3	0
Relações Sociais	1/3	33,3	2/3	66,7
Saúde e Drogas	2/3	66,7	1/3	33,3
Atividade de Lazer e entretenimento	2/2	100	0/2	0
Educação	½	50	1/2	50
Religião	½	50	1/2	50
Língua, Cultura e Etnia Italianas	0/1	0	1/1	100
Exposição a Meios de Comunicação	1/1	100	0/1	0
Total	35/46	76,1	11/46	23,9

Tabela 10 – Correlação entre tópico discursivo e função de *eu acho* – amostra VARSUL

O tópico história da família apresenta ocorrências que desempenham categoricamente a função de –dúvida. Chapecó tem a maior parte dos usos exercendo também a função de –dúvida (88,9%) e apenas 1 ocorrência de opinião (11,1%). Política e economia também tem uso exclusivo da função de –dúvida. Sociedade e comportamento apresenta uso categórico na função de opinião. A totalidade dos usos no tópico infância e juventude desempenham função de –dúvida. Em relações sociais, a maior frequência é para a função de opinião (66,7%) e a função de –dúvida corresponde a 33,3%). Saúde e drogas encerra mais usos de –dúvida (66,7%) e apenas 1 ocorrência de opinião (33,3%). Os usos no tópico atividade de lazer e entretenimento são exclusivamente de –dúvida. Educação e religião apresentam 50% dos usos exercendo a função de –dúvida e 50% a função de opinião. Língua, cultura e etnias italianas tem uso categórico na função de opinião. Por fim, o tópico exposição a meios de comunicação apresentam uso categórico da função de –dúvida.

Os resultados obtidos apontam que *sei lá* ocorre com frequência tanto em tópicos que tratam da sociedade em geral, quanto em tópicos que abordam situações experienciadas pelo falante. Quanto a *eu acho*, a maior frequência de uso foi constatada na abordagem de tópicos

experienciados pelo falante, aqueles em que seu grau de conhecimento sobre o que é enunciado é maior.

5.3.3 Envolvimento do falante com o tópico discursivo

De maneira específica, verificaremos, agora, o envolvimento do falante com o tópico discorrido para testagem do *continuum* estabelecido e averiguação da caracterização que este contexto linguístico proporciona aos itens. O envolvimento, nos termos em que será estabelecido, pode confirmar a definição que apresentamos para a modalização epistêmica parentética como conhecimento ou saber como um tipo de experiência. Para determinar este envolvimento, nos pautamos, igualmente, no critério de Freitag (2004). Para a autora, o envolvimento pode ser classificado como direto (o falante viveu/experenciou a situação), mediano (o falante soube da situação através de pessoas muito próximas, amigos, familiares) e indireto (o falante soube da situação por outras fontes)⁷². As ocorrências abaixo ilustram os três tipos de envolvimento:

Envolvimento direto

- (97) ENT *É que a Religião Católica ainda é contra [a]- o comprimido, por exemplo, né? a pílula anticoncepcional. *Mas se tivesse alguma coisa por parte do governo, né? pra que, né? houvesse um esclarecimento. *O que que a senhora acha disso?
 INF *Isso eu acho assim [que]- (hes) que nem a Igreja Católica é contra a pílula, contra (hes) a <laqueadura>, **sei lá**, que eu trabalhei muito com isso, eu, dentro da religião eu sei. (VARFUL SCCHP07-FPB)

Envolvimento mediano

- (98) ENT *E, como assim a sua mãe, o seu pai falavam dos seus avós, os pais deles, né? *O que que eles contavam, assim?
 INF *Ah, que foram muito aventureiros, né? porque eles vieram, imagina, eles ficaram seis meses no navio, pra vir [do]- da Itália pro Brasil naquela época, né? *Então [<che->]- quando eles chegaram no Brasil, meu avô tinha oito anos, né? *E os pais deles, né? e os outros irmãos mais velhos, mais novos, **sei lá**, acharam assim que era uma descoberta, né? porque o Brasil era assim: matos, né? não tinha nada, não tinha habitação nenhuma, (hes) chegavam, faziam as casas [de]- [de]- de madeiras, cortavam árvores, faziam ali e depois vinham se erguendo, né? trabalhando. (VARFUL SCCHP07-FPB)

⁷² Outro critério que ajudaria a estabelecer o grau de envolvimento do falante com o tópico discursivo seria a marca da impessoalidade ou indeterminação do sujeito do enunciado nos termos de Rosa (1992, p. 41). Porém, tanto *sei lá* quanto *eu acho* apresentam marca de primeira pessoa na flexão cristalizada dos verbos *achar* e *saber*. *Achar* não apresenta nenhum uso possível de distanciamento do enunciado e a mudança para outras pessoas do discurso resulta em alteração dos sentidos pretendidos. *Saber* apresenta a forma *saber lá*, como visto na descrição das formas de *sei lá*, porém, houve apenas uma ocorrência desta forma. Logo, esta distinção não é possível de ser estabelecida.

Envolvimento indireto

- (99) ENT *Outro assunto que está polêmico agora, antes [do]- do estado do Iguaçu, é mudarem a capital, né? para Curitibaanos.
 INF *É ***Sei lá**. *(falando rindo) Pra começar, eu nem conheço Curitibaanos,
 (f) eu nem sei como é que é. *Então, sei lá se é uma boa ou não é. (VARFUL
 SCCHP02-MPA)

Postulamos que *sei lá* seja mais frequente em contextos de envolvimento mediano e indireto, aqueles em que o falante não experienciou a situação contada por ele, visto que no *continuum* estabelecido a maior ocorrência de *sei lá* está sob o escopo da escala –certeza, que sinaliza que o grau de conhecimento do falante sobre seu enunciado é menor. E porque acreditamos que, em situações não experienciadas, o falante modalize mais frequentemente sua fala. Vejamos os resultados:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Direto	25/26	96,2	1/26	3,8	0/26	0	26/50	52
Indireto	17/20	85	1/20	5	2/20	10	20/50	40
Mediano	4/4	100	0/4	0	0/4	0	4/50	8
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 11 – Envolvimento do falante com o tópico discursivo de *sei lá* – amostra VARFUL

De modo geral, os resultados revelam que o envolvimento direto do falante com o tópico discursivo é mais frequente para os usos de *sei lá* (52%), aqueles em que o falante viveu/experienciou a situação contada. O segundo tipo de envolvimento mais frequente foi o indireto (40%), aquelas situações em que o falante fica sabendo do assunto por meio de fontes externas. O envolvimento mediano representa 8% dos usos de *sei lá*. De modo específico, quanto à apresentação formal, o envolvimento direto apresenta maior frequência de usos de *sei lá* (96,2%), 1 ocorrência de *eu sei lá* (3,8%) e não apresenta usos na forma *sei lá eu*. O envolvimento indireto também apresenta uso mais recorrente de *sei lá* (85%), seguido de *sei lá eu* (10%) e de *eu sei lá* (5%). O envolvimento mediano exibe uso categórico de *sei lá*. Os usos de *sei lá* se apresentam da seguinte forma: 54,3% para o envolvimento direto; 37% para o envolvimento indireto e 8,7% para o envolvimento mediano. Os usos de *eu sei lá* correspondem a 50% para o envolvimento direto e os outros 50% correspondem ao envolvimento indireto. Para *sei lá eu* o uso é categórico no envolvimento indireto.

Percebemos que os resultados não confirmam nossa hipótese, pois a maior frequência de *sei lá* se dá em contextos de envolvimento direto do falante com o tópico discorrido. Porém, não há grande diferença de frequência em relação ao envolvimento indireto, que apresentou 40% de recorrência. Esta diferença pode ser justificada pelos usos de +certeza de *sei lá*, quando desempenha função de atenuação. Para confirmar esta hipótese, averiguaremos a correlação do envolvimento com o tópico e as funções desempenhadas pelo item:

	+Dúvida		Planejamento verbal		Atenuação	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Direto	9/26	34,6	11/26	42,3	6/26	23,1
Indireto	8/20	40	5/20	25	7/20	35
Mediano	3/4	75	1/4	25	0/4	0
Total	20/50	40	17/50	34	13/50	26

Tabela 12 - Correlação entre envolvimento e função de *sei lá* – amostra VARSUL

Na correlação entre o envolvimento direto do falante com o tópico discorrido e as funções desempenhadas por *sei lá*, temos maior frequência da função de planejamento verbal (42,3%), seguida da função de +dúvida (34,6%) e 23,1% corresponde à da função de atenuação. No que tange o envolvimento indireto, a maior frequência é da função de +dúvida (40%) das ocorrências, sendo 35% correspondente à função de atenuação e 25% à função de planejamento verbal. Os usos de *sei lá* classificados como de envolvimento mediano apresentam maior frequência da função de +dúvida (75%), 1 ocorrência da função de planejamento verbal e não exibe ocorrências na função de atenuação.

Nossa hipótese não se confirma novamente. Notamos que há maior frequência dos contextos de envolvimento direto para as funções que se encontram sob o escopo da escala –certeza (+dúvida e planejamento verbal). E que a função de atenuação, recoberta pela escala +certeza, apresenta, na verdade, maior frequência em contextos de envolvimento indireto. Todavia, os contextos de envolvimento mediano confirmam que, nas situações não experienciadas, os usos de *sei lá* desempenham função de –certeza: a função de +dúvida.

A amostra VMPOSC apresentou os mesmos resultados para *sei lá*. Das 15 ocorrências, 7 (46,7%) são de envolvimento direto, 6 (40%) de envolvimento indireto e 2 (13,3%) de envolvimento mediano.

Passando à análise de *eu acho*, auxiliamo-nos dos resultados encontrados por Freitag (2004) que indicam maior frequência de *acho (que)* e *parece (que)* relativamente ao envolvimento indireto do falante com o tópico. Quando os dados são relativizados, os resultados se apresentam como *parece (que)* tendendo a ocorrer mais em contextos de envolvimento indireto e *acho (que)* em contextos de envolvimento direto.

Postulamos encontrar os mesmos resultados de Freitag para maior frequência de *eu acho* em contexto de envolvimento direto, pois estabelecemos com o *continuum* que os usos de *eu acho* marcam maior certeza, então o grau de conhecimento do falante é maior e é nas situações experienciadas que este grau de conhecimento tende a ser maior. Observemos os resultados:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Direto	19/28	67,9	8/28	28,6	1/28	3,6	28/46	60,9
Indireto	8/12	66,7	2/12	16,7	2/12	16,7	12/46	26,1
Mediano	4/6	66,7	2/6	33,3	0/6	0	6/46	13
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 13 - Envolvimento do falante com o tópico discursivo de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, a distribuição da frequência do envolvimento do falante com o tópico para *eu acho* é de maior recorrência para o envolvimento direto (60,9%). Em seguida, temos o envolvimento indireto (26,1%) e, por fim, o envolvimento mediano representa 13% dos usos de *eu acho*. De modo específico, quanto às formas, percebemos que no envolvimento direto a forma mais recorrente é *eu acho* (67,9%), seguida da forma *acho* (28,6%) e houve 1 ocorrência de *acho eu* (3,6%). No envolvimento indireto é também a forma *eu acho* a mais frequente (66,7%) das ocorrências, as formas *acho* e *acho eu* representam 16,7%, cada uma. No que diz respeito ao envolvimento mediano, há também mais recorrência de *eu acho* (66,7%), *acho* representa (33,3%) e não há ocorrência de *acho eu* para este envolvimento.

Os resultados confirmam nossa hipótese e os resultados encontrados por Freitag (2004). Para melhor detalhar este funcionamento, examinamos a distribuição entre as funções desempenhadas por *eu acho*:

	–Dúvida		Opinião	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Direto	22/28	78,6	6/28	21,4
Indireto	7/12	58,3	5/12	41,7
Mediano	6/6	100	0/6	0
Total	35/46	76,1	11/46	23,9

Tabela 14 – Correlação entre envolvimento e função de *eu acho* – amostra VARSUL

Nesta correlação, verificamos que o envolvimento direto tem maior frequência de usos que denotam –dúvida (78,6%), e a função de opinião corresponde a 21,4%. Para o envolvimento indireto há também maior frequência da função –dúvida (58,3%) e 41,7% para opinião. O envolvimento mediano apresenta usos que exercem categoricamente a função de –dúvida.

Percebemos que é a função recoberta pela escala –certeza que apresenta maior frequência nos contextos de envolvimento direto.

Quanto à amostra VMPOSC, os resultados divergem daqueles encontrados acima para *eu acho*. O envolvimento indireto é ligeiramente mais frequente, e corresponde a 50% das ocorrências do item. O envolvimento direto representa 37,5% dos usos de *eu acho* e houve apenas 1 ocorrência (12,5%) de envolvimento mediano.

Os resultados obtidos apontaram maior frequência de *sei lá* em relação ao envolvimento direto nas duas amostras investigadas. Pautando-nos no *continuum* estabelecido, imaginávamos que *sei lá* fosse mais frequente em contextos de envolvimento indireto, já que não experienciados pelo falante resultariam em menor certeza, escala mais frequente para *sei lá*. Concluimos que o envolvimento do falante com o tópico discursivo não caracteriza a funcionalidade de *sei lá*, como esperávamos. Para *eu acho*, postulávamos que a maior frequência deveria aparecer nos contextos de envolvimento direto, já que estabelecemos com o *continuum* que os usos de *eu acho* marcam maior certeza, então o grau de conhecimento do falante é maior e é nas situações experienciadas que este grau de conhecimento tende a ser maior. Para a amostra VARSUL, confirmamos nossa hipótese, mas para a amostra VMPOSC não, pois houve ligeiramente maior recorrência do envolvimento indireto para *eu acho*. Acreditamos que o contexto linguístico envolvimento do falante com o

tópico discorrido caracterize a funcionalidade de *eu acho*, mesmo com os resultados divergentes da amostra da faixa de 7 a 14 anos.

5.3.4 Complexidade do tópico discorrido

Acreditamos que a complexidade do tópico discorrido também caracterize os usos de *sei lá* e *eu acho*. Freitag (2003) definiu que determinados assuntos sejam genericamente mais complexos e menos complexos. Considerou-se para essa distinção o fato de o falante ter experienciado ou não o tipo de tópico discursivo. Com base neste critério, a autora infere que, de maneira geral, alguns tópicos são mais complexos, como política e economia, religião, saúde e drogas, educação, turismo e ecologia; enquanto outros tópicos são menos complexos, como lazer e entretenimento, infância e juventude, acontecimento, trabalho, relações familiares, Florianópolis.

Baseados no critério de Freitag⁷³ (2003), estabelecemos que os tópicos considerados menos complexos, porque presumivelmente experienciados pelos falantes são: história da família, Chapecó, infância e juventude, relações sociais, língua, cultura de etnia italianas e atividade de lazer e entretenimento. Os tópicos considerados mais complexos, porque presumivelmente não experienciados pelos falantes são: saúde de drogas, exposição a meios de comunicação, política e economia, sociedade e comportamento, educação e religião.

Pressupomos que *sei lá* seja mais recorrente no trato de tópicos mais complexos, devido ao estabelecido no *continuum*, os usos sob escopo da escala –certeza tendem a manifestar menor grau de conhecimento do falante sobre aquilo que diz e acreditamos que tópicos mais complexos evidenciem este menor grau de conhecimento.

⁷³ Ressalvamos que a complexidade do tópico é variável de acordo com cada indivíduo. Como esta especificação não foi possível de ser estabelecida, nos baseamos no critério de Freitag que destaca a presumibilidade da complexidade de cada tópico.

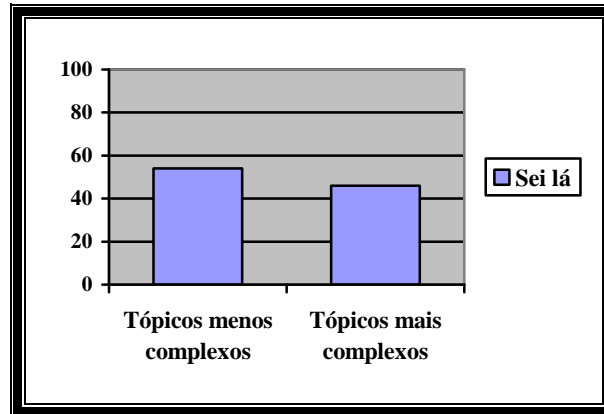


Gráfico 9 – Complexidade do tópico discorrido de *sei lá* – amostra VARSUL

Nossos resultados mostram que das 50 ocorrências de *sei lá*, 27 correspondem a tópicos menos complexos (54%) e 23 a tópicos mais complexos (46%). Nosso pressuposto não é confirmado, porém a frequência dos tópicos menos complexos e mais complexos é quase proporcional para os usos de *sei lá*.

No que tange a *eu acho*, o estudo de Freitag (2004) constatou que o uso de parentéticos epistêmicos é bastante frequente em tópicos menos complexos, tanto para *acho (que)* como para *parece (que)*. A autora chama a atenção para o fato de, nas entrevistas do Varsul, a maior recorrência ser de tópicos menos complexos. Desta maneira, em termos probabilísticos, tópicos menos complexos favorecem ligeiramente o uso de *acho (que)* e tópicos mais complexos favorecem o uso de *parece (que)*.

Acreditamos encontrar os mesmos resultados de Freitag (2004) na análise de nossos dados, ou seja, uso mais frequente de *eu acho* no trato de tópicos menos complexos. Aqueles em que o grau de conhecimento do falante é maior, porque experienciado por ele.

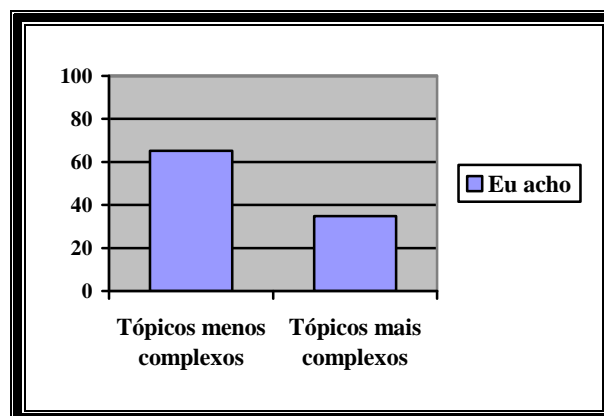


Gráfico 10 – Complexidade do tópico discorrido de *eu acho* – amostra VARSUL

É possível verificar que tópicos menos complexos são mais frequentes nos usos de *eu acho* e correspondem a 65,2% das ocorrências. Os tópicos mais complexos correspondem a 34,8%, confirmando, então, nossa hipótese.

Foi possível observar que *sei lá* mostrou maior frequência de uso na abordagem de tópicos menos complexos, contrariando nossa hipótese de sua maior recorrência no trato de tópicos mais complexos. Embasados no *continuum* da modalização epistêmica parentética, postulávamos que os tópicos mais complexos, porque presumivelmente não experienciados pelo falante, seriam o âmbito mais favorável aos usos sob escopo da escala –certeza, que manifestam menor grau de conhecimento do falante em relação aquilo que diz. Quanto a *eu acho*, a hipótese de uso mais frequente no trato de tópicos menos complexos, contextos em que o grau de conhecimento do falante é possivelmente maior, porque experienciado por ele, se confirmou: a frequência de *eu acho* é superior na abordagem de tópicos menos complexos.

5.3.5 Sexo/gênero

Passando à variável social sexo/gênero, objetivamos averiguar o comportamento dos falantes, considerando a adequação de estilo face a uma dada interação comunicativa. Conforme Labov (2008 [1972a]), as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas. Em seu estudo da realização do /r/ pós-vocálico nas lojas de departamento de Nova York, o autor constatou que mulheres tendiam a escolher a pronúncia retroflexa do /r/, a variante de maior prestígio social. Neste estudo, o autor averiguou que o comportamento das mulheres era mais conformista, ou seja, em maior conformidade com regras sociolinguísticas preestabelecidas.

O *Paradoxo da Conformidade* (inicialmente denominado *Paradoxo do Gênero*) se divide em comportamento conformista, quando há maior uso de variantes de prestígio, e comportamento não conformista, quando do aumento de variantes inovadoras. Segundo observação do autor, em mudanças com consciência social (*changes from above*), mulheres usam mais as variantes de prestígio do que os homens. Porém, em mudanças sem consciência social (*changes from below*), mulheres usam mais as formas inovadoras. Isto se explicaria, segundo o autor, porque as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas (LABOV, 2001, p. 293).

Assim, “em variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres mostram taxas mais baixas de variantes estigmatizadas e taxas mais altas de prestígio do que os homens”

(LABOV, 2001, p. 266; 367). Em seus estudos, Labov (2003) constatou que a principal diferença entre os sexos são as atitudes com relação à língua, e é neste nível que inserimos nossa proposta.

É importante salientar que o autor estudou um fenômeno fonético-fonológico. Em nosso estudo estamos tratando de um fenômeno semântico-pragmático. Estendemos a constatação de Labov para a sensibilidade das mulheres ao prestígio social da língua a uma interpretação de que as mulheres tendem a preocupar-se mais com a modalização de sua fala, usando maior número de elementos que visam esta modalização de declarações, sinalizando uma postura menos autoritária. Pautamo-nos em Silva & Macedo (1989) que, em seu estudo sobre MDs, postulam a tendência das mulheres no maior uso destes itens, pois elas apresentariam um estilo de fala menos assertivo do que os homens. Segundo as autoras, “o estilo feminino seria menos assertivo por influência da educação e socialização dos dois sexos” (SILVA & MACEDO, 1989, p. 16). Em seu estudo sobre o MD *assim*, Silva e Macedo verificaram o uso maior deste MD por mulheres como “estratégia de polidez, servindo para manter a boa imagem do interlocutor na abordagem de temas considerados delicados” (SILVA & MACEDO, 1989, p. 39).

Outros estudos, apontados por Trudgill (2000), sobre o inglês da Austrália, África do Sul e Nova Zelândia mostram, igualmente, que, em geral, mulheres usam formas que mais se aproximam da variedade padrão ou do sotaque de prestígio do que as formas usadas por homens. Ou seja, mulheres falantes de inglês tendem a usar formas linguísticas tomadas como “melhores” do que as formas faladas por homens falantes de inglês (TRUDGILL, 2000, p. 70). Segundo o autor, a diferenciação de gênero na língua se dá porque, sendo um fenômeno social, ele está intimamente ligado a atitudes sociais. Socialmente, homens e mulheres são diferentes e a própria sociedade estabelece papéis distintos para cada um e espera diferentes modelos de comportamento de cada um. A língua simplesmente refletiria este fato (TRUDGILL, 2000, p. 79). Por exemplo, é mais aceitável, na maioria das sociedades que homens jurem ou usem palavras tabus (TRUDGILL, 2000, p. 69). Porém, Trudgill salienta que é importante deixar claro que homens e mulheres não falam línguas diferentes, mas variedades diferentes de uma mesma língua (TRUDGILL, 2000, p. 65).

Dada esta exposição e considerando que as 5 entrevistas da amostra VARSUL/Chapecó nas quais não se constatou uso de *sei lá* são de informantes homens, postulamos que as mulheres utilizem mais a forma *sei lá* do que os homens, com base no estabelecimento do *continuum* da modalização epistêmica parentética. Nossa hipótese é de

que as mulheres, apresentando estilo de fala menos assertivo, usariam mais o item que denota menor certeza. Observemos os resultados para *sei lá*:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Mulheres	28/30	93,3	0/30	0	2/30	6,7	30/50	60
Homens	18/20	90	2/20	10	0/20	0	20/50	40
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 15 – Sexo/gênero de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, percebemos o maior uso de *sei lá* pelas mulheres (60%) e 40% pelos homens. As mulheres usaram muito mais a forma *sei lá* (93,3%), a forma *sei lá eu* aparece com 6,7% dos usos das mulheres, que não produziram a forma *eu sei lá*. Os homens, por sua vez, também preferiram o uso de *sei lá* (90%), produziram *eu sei lá* (10%) e não produziram *sei lá eu*. Os resultados corroboram, assim, com nossa hipótese. Todavia, é importante salientar que das 18 entrevistas analisadas da amostra VARSUL/Chapecó, 11 são de mulheres, o que representa 61,1% das entrevistas.

A fim de melhor detalhar os usos de *sei lá* por mulheres e homens e estabelecemos a correlação entre sexo/gênero e faixa etária:

	Mulheres		Homens	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
25-49 anos	22/40	55	18/40	45
50 anos ou mais	8/10	80	2/10	20
Total	30/50	60	20/50	40

Tabela 16 - Correlação entre sexo/gênero e faixa etária de *sei lá* – amostra VARSUL

Na correlação, percebemos que, na faixa mais jovem, as mulheres produziram mais *sei lá* (55%) e os homens produziram 45% dos usos do item. Na faixa etária mais velha as mulheres também produziram mais o item (80%), enquanto os homens produziram 20%.

Verifica-se que a maior diferença dos usos de *sei lá* se encontra na faixa mais velha. Neste refinamento, permanece a maior frequência de uso do item por mulheres.

Prosseguindo o detalhamento, estabelecemos a correlação sexo/gênero e escolaridade:

	Mulheres		Homens	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	19/25	76	6/25	24
Nível fundamental 1	4/15	26,7	11/15	73,3
Nível médio	7/10	70	3/10	30
Total	30/50	60	20/50	40

Tabela 17 – Correlação entre sexo/gênero e escolaridade de *sei lá* – amostra VARSUL

Os resultados nos mostram que a maior frequência de uso de *sei lá* é por mulheres do nível fundamental 2: 76% das ocorrências nesta escolaridade, e 24% dos usos são dos homens. Logo após, temos maior frequência de uso por homens do nível fundamental 1 (73,3%) e 26,7% dos usos são de mulheres. Por fim, as mulheres de nível médio de escolaridade produziram mais o item (70%) e os homens 30%. Nesta correlação, observa-se que os usos de *sei lá* são mais frequentes entre os homens do nível fundamental 1. Este resultado demonstra que, no detalhamento dos usos de *sei lá*, nossa hipótese para o sexo gênero de que as mulheres utilizam mais *sei lá* do que os homens não se confirma.

Concluiu-se que os usos de *sei lá* são predominantes entre as mulheres, já que há maior frequência de uso por elas, mesmo na correlação com a faixa etária. Somente a correlação com a escolaridade nos revelou a maior frequência de uso de *sei lá* por homens do nível fundamental 1.

Quanto à amostra VMPOSC, os usos de *sei lá* são exclusivamente de mulheres, ou seja, na faixa etária de 7 a 14 anos são as mulheres que mais produzem o item. Este resultado corrobora aquele encontrado acima para a amostra VARSUL/Chapecó.

No que concerne aos usos de *eu acho*, postulamos que os homens utilizem mais o item do que as mulheres, visto que teriam um estilo de fala mais assertivo. A partir do *continuum* da modalização epistêmica parentética, os usos de *eu acho* denotam maior certeza, logo o item seria empregado mais por homens do que por mulheres. Vejamos os resultados:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Mulheres	18/25	72	6/25	24	1/25	4	25/46	54,3
Homens	13/21	61,9	6/21	28,6	2/21	9,5	21/46	45,7
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 18 – Sexo/gênero de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, vemos que as mulheres apresentam taxas relativamente um pouco mais altas de uso de *eu acho* (54,3%) do que homens (45,7%). Lembramos que das 22 entrevistas em que o item ocorreu 11 são de mulheres e 7 são de homens. De modo específico, as mulheres preferem a forma *eu acho* (72%), seguida da forma *acho* (24%) e de *acho eu* (4%). Os homens também preferem a forma *eu acho* (61,9%), seguida de *acho* (28,6%) e de *acho eu* (9,5%). Estes resultados contrariam nossa hipótese para o maior uso de *eu acho* pelos homens.

Passamos ao detalhamento destes usos, correlacionando o sexo/gênero com a faixa etária dos falantes:

	Mulheres		Homens	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
25-49 anos	9/27	33,3	18/27	66,7
50 anos ou mais	16/19	84,2	3/19	15,8
Total	25/46	54,3	21/46	45,7

Tabela 19 – Correlação entre sexo/gênero e faixa etária de *eu acho* – amostra VARSUL

Como é possível observar, a maior frequência de uso de *eu acho* é entre os homens mais jovens, compreendendo 66,7% das ocorrências. As mulheres mais jovens produziram 33,3% dos usos. Na faixa etária mais velha, as mulheres apresentaram maior frequência de uso do item (84,2%) e os homens produziram 15,8%. Esta correlação nos permitiu constatar que, entre os jovens, são os homens que mais produzem *eu acho*, confirmando nossa hipótese para a maior frequência de uso de *eu acho* pelos homens.

Prosseguindo o detalhamento, passamos à correlação sexo/gênero e escolaridade:

	Mulheres		Homens	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	15/22	68,2	7/22	31,8
Nível fundamental 1	1/13	7,7	12/13	92,3
Nível médio	9/11	81,8	2/11	18,2
Total	25/46	54,3	21/46	45,7

Tabela 20 – Correlação entre sexo/gênero e escolaridade de *eu acho* – amostra VARSUL

Verificamos que as mulheres do nível fundamental 2 produziram mais *eu acho* (68,2%), enquanto os homens desta escolaridade produziram 31,8%. No nível fundamental 1, os homens apresentam maior produção do item (92,3%) e os usos das mulheres representam 7,7%. No nível médio as mulheres produziram mais *eu acho* (81,8%) que os homens (18,2%). Novamente, a correlação possibilitou verificar que, no nível fundamental 1, são os homens que mais produzem *eu acho*, confirmando, novamente, nossa hipótese para maior uso de *eu acho* por homens.

Nossa hipótese inicial sobre a maior frequência de uso de *eu acho* por homens não foi comprovada nos dados gerais da frequência do item, pois constatamos uso ligeiramente mais recorrente entre as mulheres. Quando fazemos a correlação com a faixa etária, constatamos que, na verdade, ao menos entre os jovens, os homens lançam mão da modalização através de *eu acho* mais frequentemente do que as mulheres. Assim como quando da correlação com a escolaridade, que apresentou maior uso do item por homens do nível fundamental 1.

A amostra VMPOSC apresentou maior frequência de uso de *eu acho* pelo sexo/gênero feminino. Das 8 ocorrências do item na amostra, 1 (12,5%) corresponde ao sexo/gênero masculino. Lembramos que das 4 entrevistas em que o item ocorreu, somente 1 corresponde ao sexo masculino. Este resultado diverge de nossa hipótese para os usos de *eu acho* e do resultado encontrado acima na amostra VARSUL/Chapecó para os homens jovens, pois a maior frequência de uso na faixa de 7 a 14 anos é do sexo/gênero feminino.

Sei lá apresentou maior frequência de uso por mulheres nas duas amostras investigadas. *Eu acho* apresentou uso quase equivalente entre mulheres e homens na amostra VARSUL/CHAPECÓ e foi muito mais frequente entre as mulheres da amostra VMPOSC. A partir das correlações estabelecidas nesta seção, foi possível constatar que as mulheres,

diferentemente dos homens, apresentam certa estabilidade nos usos dos itens entre as faixas mais jovem e mais velha, incluindo a faixa de 7 a 14 anos da amostra VMPOSC.

5.3.6 Faixa etária

Como visto no capítulo 4, a faixa etária dos falantes é uma das estratificações levantadas pelo banco VARSUL e pelo projeto VMPOSC.

Oliveira & Santos (2011) constataram que a faixa de jovens entre 13 a 16 anos tende a utilizar mais *sei lá*. As autoras concluem que jovens e adultos utilizam mais *sei lá* do que crianças. Silva & Macedo (1989) postularam, em seu estudo sobre os MDs, que quanto menor é a faixa etária maior é a utilização destes itens (SILVA & MACEDO, 1989, p. 15). Acreditamos também encontrar maior frequência de uso de *sei lá* pela faixa etária mais jovem, ressalvadas as diferenças de idade da faixa considerada pelos autores e aquela considerada pelas amostras aqui investigadas.

Vejamos os resultados da amostra VARSUL/Chapecó:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
25-49 anos	37/40	92,5	2/40	5	1/40	2,5	40/50	80
50 anos ou mais	9/10	90	0/10	0	1/10	10	10/50	20
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 21 – Faixa etária de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados nos mostram que *sei lá* é mais produtivo na faixa etária mais jovem (80%). A faixa de 50 anos ou mais encerra 20% das ocorrências do item. De modo específico, quanto à apresentação formal, a faixa dos jovens utiliza mais *sei lá* (92,5%), seguido de *eu sei lá* (5%) e de *sei lá eu* (2,5%). A faixa de 50 anos ou mais também utiliza mais *sei lá* (90%), seguido de *sei lá eu* (10%) e não apresenta ocorrências de *eu sei lá*. Percebemos que nossa hipótese se confirma e corrobora com os resultados dos estudos anteriores, apresentados acima.

A fim de pormenorizar os resultados por nós obtidos, correlacionamos a faixa etária do falante com seu nível de escolaridade:

	25-49 anos		50 anos ou mais	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	22/25	88	3/25	12
Nível fundamental 1	12/15	80	3/15	20
Nível médio	6/10	60	4/10	40
Total	40/50	80	10/50	20

Tabela 22 – Correlação entre faixa etária e escolaridade de *sei lá* – amostra VARSUL

A tabela 22 nos mostra que os jovens do nível fundamental 2 utilizam mais *sei lá* (88%), enquanto os mais velhos desta mesma escolaridade produziram 12% das ocorrências do item. No nível fundamental 1, também são os jovens que mais produziram o item (80%). A faixa de 50 anos ou mais desta escolaridade produziram 20% das ocorrências de *sei lá*. Para o nível médio é novamente os mais jovens que apresentam maior frequência de uso do item (60%), e os usos dos mais velhos correspondem a 40% das ocorrências.

A amostra VMPOSC representa somente uma faixa etária: 7 a 14 anos. Nesta faixa, o uso de *sei lá*, como vimos no início deste capítulo, é de 15 ocorrências sobre o total de 23 dados, ou seja, 65,2%. Trata-se de uma frequência significativa que corrobora com os resultados encontrados na amostra VARSUL/Chapecó para maior frequência de uso de *sei lá* pelos jovens.

Passando à análise de *eu acho*, o estudo de Freitag (2000)⁷⁴ apontou que falantes mais velhos tendem a utilizar a forma (*eu*) *acho* (*que*), enquanto os falantes da faixa etária mais jovem tendem a utilizar a forma *talvez*. Destoando dos achados de Freitag, acreditamos que encontraremos maior frequência de uso de *eu acho* por jovens, com base no estudo sobre os MDs de Silva & Macedo (1989), mencionado acima. Vejamos os resultados:

⁷⁴ A autora utiliza 24 entrevistas do banco de dados Varsul/Florianópolis, estratificadas em sexo, faixa etária (25 a 50 anos; mais de 50 anos) e escolarização (até 4 anos; até 8 anos; até 11 anos).

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
25-49 anos	18/27	66,7	6/27	22,2	3/27	11,1	27/46	58,7
50 anos ou mais	13/19	68,4	6/19	31,6	0/19	0	19/46	41,3
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 23 – Faixa etária de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, percebemos que os jovens produzem mais *eu acho* (58,7%). Os usos pelos mais velhos correspondem a 41,3% das ocorrências de *eu acho*. De forma mais específica, a forma mais frequente entre os jovens é *eu acho* (66,7%), seguida de *acho* (22,2%) e de *acho eu* (11,1%). Entre os mais velhos, *eu acho* também é mais frequente (68,4%), seguido de *acho* (31,6%) e não houve ocorrências de *acho eu* nesta faixa etária. Percebe-se que nossa hipótese se confirma. *Eu acho* sendo um MD é mais utilizado por jovens.

A correlação entre a faixa etária e a escolaridade dos falantes pode ser observada abaixo:

	25-49 anos		50 anos ou mais	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	12/22	54,5	10/22	45,5
Nível fundamental 1	9/13	69,2	4/13	30,8
Nível médio	6/11	54,5	5/11	45,5
Total	27/46	58,7	19/46	41,3

Tabela 24 – Correlação entre faixa etária e escolaridade de *eu acho* – amostra VARSUL

Os resultados da correlação estabelecida mostram que nos níveis de escolaridade fundamental 2 e médio os jovens produziram mais *eu acho* (54,5%) e a faixa etária mais avançada produziu 45,5%. Para o nível fundamental 1 também se apresentam mais usos pelos jovens (69,2%) e menos usos pelos mais velhos (30,8%).

A amostra VMPOSC apresenta somente uma faixa etária: 7 a 14 anos, que apontou uso de *eu acho*, como vimos, de 8 ocorrências sobre o total de 23 dados, ou seja, 34,8%.

Consideramos um número baixo de ocorrências deste item o que contraria os resultados encontrados na amostra VARSUL/Chapecó de maior frequência de uso do item por jovens.

As hipóteses foram, portanto, comprovadas. A recorrência dos itens na faixa mais jovem corrobora com os postulados de Silva & Macedo (1989) para os usos dos MDs. Quanto a *eu acho*, encontramos os mesmos resultados de Freitag (2000). Quanto a *sei lá*, mesmo que a faixa etária considerada por Oliveira & Santos (2011) não seja contemplada em nossa amostra, consideramos, então, seus resultados para os jovens e adultos, o que compreende nossa faixa de 25 a 49 anos.

Vimos que os itens são mais frequente entre os jovens e observamos que são os do nível fundamental 2 que mais produzem *sei lá* e *eu acho*, seguidos dos jovens do nível fundamental 1. *Sei lá* é muito mais frequente entre os jovens de escolaridade ginásial e seu uso comparado com os mais velhos pode indiciar que este item é codificado pela correlação faixa etária e escolaridade, e os resultados da amostra VMPOSC reforçam este argumento quanto à faixa etária. Os usos dos jovens do nível fundamental comparados aos dos mais velhos corrobora esta constatação quanto à escolaridade. Em contrapartida, *eu acho* não apresenta esta variação no nível de escolaridade fundamental 2 entre as faixas etárias, apresentando frequência equivalente de usos, bem como no nível médio, que apresentou a mesma distribuição no que tange às faixas etárias.

5.3.7 Escolaridade

A estratificação das entrevistas do VARSUL por escolaridade se apresenta, como vimos na Metodologia desta pesquisa, da seguinte forma: nível fundamental I que compreende 1 a 4 anos de escolaridade; nível fundamental II que compreende 5 a 8 anos de escolaridade; e nível médio que compreende 9 a 11 anos de escolaridade.

Estudos anteriores que levaram em conta este contexto extralinguístico podem nos auxiliar a formular hipóteses para o condicionamento dos usos de *sei lá* e *eu acho*. Oliveira & Santos (2011) verificaram que os falantes do ensino fundamental são os que mais utilizam a forma *sei lá*, seguidos dos universitários.

Esperamos encontrar resultados semelhantes na análise de nossos dados, levando-se em conta a experiência e domínio linguístico dos falantes para articulação em contextos que tratam com objetos abstratos e polissêmicos, que envolvem referências mais complexas, por isso a maior frequência em níveis mais altos de escolaridade. Neste caso, postulamos maior

frequência de *sei lá* nos níveis fundamental 2 e médio. Vejamos os resultados da amostra VARSUL/Chapecó:

	<i>Sei lá</i>		<i>Eu sei lá</i>		<i>Sei lá eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	22/25	88	2/25	8	1/25	4	25/50	50
Nível fundamental 1	14/15	93,3	0/15	0	1/15	6,7	15/50	30
Nível médio	10/10	100	0/10	0	0/10	0	10/50	20
Total	46/50	92	2/50	4	2/50	4	50/50	100

Tabela 25 - Escolaridade de *sei lá* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados mostram que os falantes do nível fundamental 2 são os que mais produzem *sei lá* (50%), seguidos dos do nível fundamental 1 (30%) e dos do nível médio (20%). De modo específico, a forma mais recorrente no nível fundamental 2 é *sei lá* (88%), *eu sei lá* representa 8% dos usos neste nível de escolaridade e *sei lá eu* representa 4% das ocorrências. No nível fundamental 1, também há mais frequência para *sei lá* (93,3%), 1 ocorrência de *sei lá eu* (6,7%) e não há ocorrências de *eu sei lá*. Para o nível médio, o uso de *sei lá* é categórico.

Nossa hipótese não se confirma, nossos dados divergem, em partes, daqueles encontrados por Oliveira & Santos (2011). O nível intermediário de escolaridade apresenta maior frequência de uso de *sei lá*. O nível mais alto de escolaridade (o nível médio) demonstrou a menor recorrência de usos do item.

O mesmo se apresenta para a amostra VMPOSC, visto que das 15 ocorrências de *sei lá*, 9 (60%) correspondem ao 1º ciclo de escolaridade e 6 (40%) ao 2º ciclo.

No que diz respeito a *eu acho*, Freitag (2000) constatou que falantes mais escolarizados tendem a utilizar a forma *talvez* e que falantes menos escolarizados tendem a utilizar a forma *(eu) acho (que)*. Votre (2004, p. 32) diz que, em sua análise de *achar*, o verbo ocorreu com mais frequência nas entrevistas dos falantes mais escolarizados. Sua explicação é que *achar* é uma “forma mais abstrata de emitir parecer”.

Permanecemos com a hipótese que se sustenta nos achados de Votre (2004), ou seja, maior frequência de uso de *eu acho* por falantes de nível de escolaridade mais alto. Passemos aos resultados:

	<i>Eu acho</i>		<i>Acho</i>		<i>Acho eu</i>		Total	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Nível fundamental 2	16/22	72,7	6/22	27,3	0/22	0	22/46	47,8
Nível fundamental 1	6/13	46,2	5/13	38,5	2/13	15,4	13/46	28,3
Nível médio	9/11	81,8	1/11	9,1	1/11	9,1	11/46	23,9
Total	31/46	67,4	12/46	26,1	3/46	6,5	46/46	100

Tabela 26 - Escolaridade de *eu acho* – amostra VARSUL

De modo geral, os resultados apontam maior frequência de *eu acho* no nível de escolaridade fundamental 2 (47,8%). Em seguida temos o nível fundamental 1 (28,3%). O nível médio representa 23,9% das ocorrências de *eu acho*. De modo específico, quanto à apresentação formal, o nível fundamental 2 apresenta mais usos de *eu acho* (72,7%), seguido de *acho* (27,3%) e não há ocorrências de *acho eu* neste nível de escolaridade. No nível fundamental 1, há também maior uso de *eu acho* (46,2%), seguido de *acho* (38,5%) e de *acho eu* (15,4 %). No nível médio a maior frequência é de *eu acho* (81,8%), e as formas *acho* e *acho eu* apresentaram a mesma porcentagem de 9,1%.

Para a amostra VMPOSC, os usos de *eu acho* são mais frequentes no 1º ciclo de escolaridade e representa 62,5% das ocorrências do item.

Nossos resultados divergem daqueles encontrados pelos estudos anteriores. Todavia, se considerarmos que houve maior frequência dos itens na escolaridade intermediária do que na primária, podemos inferir que os itens são produzidos mais frequentemente por falantes mais escolarizados. Porém, a faixa mais escolarizada, a do nível médio, apresentou menos ocorrências de *sei lá* e *eu acho* e esta constatação diverge dos resultados das pesquisas anteriores. A amostra VMPOSC também apresenta resultados que diferem dos estudos anteriores, visto que tanto para *sei lá* como para *eu acho* a maior frequência dos itens corresponde aos falantes menos escolarizados.

6 GRAMATICALIZAÇÃO DE *SEI LÁ* E *EU ACHO*

Este capítulo objetiva discutir a trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial de *sei lá* e *eu acho* com base em uma perspectiva funcionalista de gramaticalização a partir dos estudos levantados nesta pesquisa, por exemplo, Martelotta & Leitão (1996), Galvão (1999), Freitag (2000; 2003; 2004), Votre (2004), Oliveira & Santos (2011), entre outros, e a partir dos resultados estatísticos obtidos das duas amostras investigadas.

O estudo de Oliveira & Santos, vastamente citado nesta pesquisa, trata da gramaticalização de *sei lá*, em que a forma verbal *sei* e o pronome locativo *lá* constituem “uma unidade de nível superior, um todo de sentido e forma que passa a assumir funções no nível pragmático-discursivo” (OLIVEIRA & SANTOS, 2011, p. 364). Para os autores, estas novas funções assumidas pelo item são de modalizador e marcador discursivo.

O estudo de Votre (2004) sobre os usos de *achar* infere que o único caso de gramaticalização do verbo é sua apresentação como parentético epistêmico, pois *achar* deixa de ser cláusula principal e apresenta mudança categorial de verbo a outra classe gramatical. A forma parentética apresentada pelo auto é *eu acho*.

Com base nos estudos acima citados, as formas delimitadas para o estudo já são consideradas mais gramaticalizadas. Tanto *sei lá* quanto *eu acho* perderam o complementizador, sofrendo redução fonológica: *sei lá se*⁷⁵ > *sei lá*; *eu acho que* > *eu acho*. Baseando-nos neste mesmo princípio, acreditamos que a forma *acho*, dentre as três formas parentéticas identificadas nas amostras, representaria um estágio ainda mais avançado da gramaticalização do item, pois há novamente redução de massa fônica, quando a expressão perde o preenchimento do sujeito. A redução fonológica é uma característica sustentada por Traugott (1995) para a mudança de verbos a MDs via gramaticalização. Todavia, esta não é a forma mais frequente nas amostras investigadas.

Constatamos, no capítulo 3, que no processo de gramaticalização os itens se tornam menos autônomos e regularizam-se perdendo liberdade de variação para outras pessoas ou tempos do paradigma verbal. Este postulado se confirma, no caso de *sei lá* e *eu acho*, na cristalização de suas construções na primeira pessoa do singular do tempo presente do indicativo. A cristalização das formas é uma das evidências apresentadas por Traugott (2003, *apud* Freitag, 2004) para a gramaticalização dos parentéticos epistêmicos. Esta evidência diz respeito ao que Hopper (1991) chama de princípio da divergência.

⁷⁵ Entre outros complementizadores, conforme apresentado na seção 2.1.

Os contextos de uso de *sei lá* e *eu acho*, descritos no capítulo 5, foram caracterizados pelo estabelecimento do domínio da modalização epistêmica parentética. A constituição deste domínio teve como base o modelo dos processos metafórico e metonímico envolvidos na gramaticalização, de Heine *et al.* (1991). As escalas +certeza e –certeza, envolvidas no domínio da modalização epistêmica parentética, compreendem os domínios metafóricos do modelo de Heine *et al.* (1991). No detalhamento das escalas, através do *continuum* +certeza > –certeza, representa-se a expansão dos significados, por meio de processo metonímico.

Subjaz na caracterização neste modelo outro *continuum*: concreto > abstrato. No processo de gramaticalização, os itens que se encontram mais a esquerda do *continuum* correspondem a formas menos gramaticalizadas, pois constituem uma relação mais concreta de uso, no qual o grau de conhecimento do falante é maior. Os itens que se encontram mais a direita do *continuum* são considerados mais gramaticalizados, pois seu uso está ligado a significados mais abstratos; são contextos de uso nos quais o grau de conhecimento do falante é menor.

Vimos que os contextos de uso de *sei lá* correspondem às duas escalas do *continuum*: +certeza e –certeza. Acreditamos que o item se encontre em um estágio intermediário de gramaticalização, pois, apesar de ocupar a escala mais à direita do *continuum*, ainda apresenta usos mais concretos que são recobertos pela escala +certeza, mais a esquerda do *continuum*.

Os contextos de uso de *eu acho* correspondem, igualmente, às duas escalas do *continuum*: +certeza e –certeza. Concluimos que o item se encontra em um estágio menos avançado de gramaticalização, pois seus usos estão localizados mais à esquerda do *continuum* e representam usos mais concretos.

A apresentação dos contextos de uso de *sei lá* e *eu acho* nos mostrou o aumento da função pragmática que os itens exercem, nos termos de Traugott (1995), para a mudança via gramaticalização de verbos a MDs. A análise de Martelotta (2004, p. 88) sobre este tipo de gramaticalização postula que “os usos dos marcadores discursivos resultam de uma trajetória de mudança em que perdem sentido referencial, passando a assumir funções voltadas para o ato comunicativo” (MARTELOTTA, 2004, p. 89). O quadro da proposta de mudança apresentado pelo autor nos auxilia a confirmar o argumento da mudança de verbos plenos a MDs: a) tendem a ocorrer em momentos de modalização e hesitação, preenchendo o silêncio surgido nesse contexto; este princípio explica, sobretudo, a gramaticalização de *sei lá* quando apresentamos a função de planejamento verbal; e b) predominam em plano discursivo de fundo, que, por ser caracterizado pelas argumentações relativas às informações de figura, constitui o ambiente ideal para modalizações, hesitações e reformulações. Dada a

configuração dos itens na forma parentética, todos os usos de *sei lá* e *eu acho* compreendem parênteses que funcionam no plano discursivo de fundo, desempenhando função modalizadora.

Segundo Martelotta (2004), sobre a gramaticalização de verbos a MDs

trata-se de um processo de mudança em que o elemento linguístico deixa de servir a propósitos referenciais externos, para assumir funções pragmático-discursivas no sentido de viabilizar, no ato da comunicação falada, a relação produção/recepção, que pode ser comprometida por fatores ligados à atenção dos participantes, a contextos de improviso, que geram constantes quebras e reformulações, a pausas para reflexão, etc. (MARTELOTTA, 2004, p. 91).

Neste âmbito, a mudança categorial de *sei lá* e *eu acho* se comprova no desempenho dos novos contextos de uso como MDs que estão atrelados à marcação de cláusula de fundo e à reformulação, decorrentes da função modalizadora que exercem. No caso de *sei lá*, por exemplo, a função de planejamento verbal está prevista como função desempenhada por MDs, segundo Silva & Macedo (1989), já citado neste trabalho, quando as autoras afirmam que estes itens exercem função de processamento da fala na memória.

Se tomarmos como base os traços definidores dos MDs, conforme Risso *et al.* (2006), apresentados no capítulo 3, verificamos que muitos destes traços são observados no funcionamento de *sei lá* e *eu acho*. A exterioridade ao conteúdo proposicional é constatada pontualmente porque os itens inserem-se no discurso como parênteses articulados para a modalização dos enunciados e não tratam do conteúdo enunciado na proposição. Sob este aspecto é possível argumentar ainda a independência sintática dos itens, pois não há integração com a estrutura oracional. Os itens apresentam transparência semântica parcial que é orientada para marcar as relações dentro do espaço discursivo, assim como já apontado acima, nos termos de Martelotta (2004). Quanto à invariabilidade formal ou variabilidade restrita, verificamos que cada item se apresenta, no máximo, de três formas distintas e que houve cristalização na primeira pessoa do singular do tempo presente do indicativo. Neste ponto, observa-se a predominância de formas curtas, característica da redução fonológica que sofreram, denominada de massa fônica reduzida por Risso *et al.* (2006).

No que tange o princípio da especialização, de Hopper (1991), podemos inferir que, conforme identificado na análise das amostras, os usos como MDs parentéticos epistêmicos de *saber* e *achar* não são muito frequentes. Esta constatação é um indício de que as novas formas ainda encontram-se em um estágio mais inicial do processo de gramaticalização. Segundo Traugott (2003, *apud* Freitag, 2004) uma das evidências para a gramaticalização dos parentéticos epistêmicos é a frequência de uso intensificada. Quanto ao princípio da

persistência, no caso de *saber* e *achar*, o sentido pleno de conhecer para *saber* e de encontrar algo no mundo das ideias para *achar* permanecem nos itens *sei lá* e *eu acho*. Para *sei lá*, por exemplo, o sentido de conhecimento de *sei* se mantém e a partícula *lá* cancela esse conhecimento. Porém, a função que denota deste uso (entre outras identificadas nos resultados desta pesquisa) é a de +dúvida, o que não ocorre com os usos plenos tanto afirmativos como negativos:

- (100) INF *Ah, eu sei que o falecido vô e a falecida vó vieram da Itália, inclusive com eles veio um tio meu que faleceu já há tempo, né? (VARFUL SCCHP03-MPA)
- (101) INF *Porque um professor- está, eu não sei quanto é que eles estão ganhando, mas eles ganham- por exemplo, ganham cinquenta contos [por]- por mês, cinquenta mil por mês, tá? (VARFUL SCCHP-MPA)

A partir de nossos resultados, é possível estabelecer qual das formas é a mais inovadora? Talvez possamos postular que a forma mais antiga deve aparecer em todas as faixas etárias e a forma inovadora deve aparecer nas faixas mais jovens, situando-se ainda nas instâncias iniciais do processo de gramaticalização. Além disso, é importante levar em conta a experiência e domínio linguísticos dos falantes que está relacionado à escolaridade. Constatamos que *sei lá* é muito mais frequente entre os jovens da amostra VARFUL/Chapecó e também que foi o item mais recorrente na faixa de 7 a 14 anos da amostra VMPOSC. Este resultado dá indícios de que *sei lá* é a forma mais inovadora. Mesmo que o resultado para *eu acho*, na amostra VARFUL/Chapecó, também seja de uso mais frequente pelos jovens, a diferença entre esta faixa e faixa mais velha não é tão ampla quanto o que foi verificado para *sei lá*. Ademais, a amostra VMPOSC confirma a menor frequência de *eu acho* na faixa de 7 a 14 anos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve o objetivo de descrever e analisar os usos de *sei lá* e *eu acho* em duas amostras sincrônicas do português falado em Chapecó, Santa Catarina.

O primeiro objetivo específico foi investigar o comportamento linguístico de *sei lá* e *eu acho* na fala de 32 chapecoenses. Após análise preliminar, contamos com 22 entrevistas que compuseram os dados desta pesquisa. A análise dos dados revelou maior frequência de uso de *sei lá* nas duas amostras investigadas. Quanto à apresentação formal, constatamos que *sei lá* e *eu acho* são as formas variantes mais frequentes nas duas amostras, em relação às demais formas como se apresentam os itens.

Estabelecemos o domínio funcional dos usos dos itens como o da modalização epistêmica parentética. Este domínio se compõe em um *continuum* de duas escalas: +certeza e –certeza. O *continuum*, por sua vez, recobre funções mais específicas que os itens desempenham.

A escala +certeza compreende os contextos de uso representados pelas funções de atenuação e de opinião. A função de atenuação foi atribuída aos usos de *sei lá* que modalizam uma sugestão, uma opinião ou a abordagem de um assunto embaraçoso. A função de opinião foi atribuída aos usos de *eu acho* em que a informação veiculada diz respeito ao julgamento do falante, sua avaliação sobre determinado tópico discursivo.

A escala –certeza diz respeito aos usos que desempenham as funções de –dúvida, planejamento verbal e +dúvida que, nesta ordem, também representam uma escalaridade dentro da menor certeza. Às ocorrências de *sei lá* foram atribuídas as funções de planejamento verbal e +dúvida. Às ocorrências de *eu acho* foi atribuída a função de –dúvida.

Este estabelecimento nos permitiu eliminar a possibilidade de variação, nos termos labovianos, entre *sei lá* e *eu acho*, pois percebemos que havia um grau distinto de certeza que diferenciava os itens, no que diz respeito à avaliação epistêmica que o falante faz de seu enunciado. A função de dúvida é somente aparentemente compartilhada pelos itens, pois os usos de *eu acho* representam menor dúvida e os usos de *sei lá* representam maior dúvida do falante em relação ao seu enunciado. Estas distinções dizem respeito aos traços de sentidos deixados pelos usos plenos de *saber* e *achar*, conforme o princípio da persistência de Hopper (1991).

A análise quantitativa dos dados, após a descrição da funcionalidade dos itens, mostrou que a escala –certeza é consideravelmente mais frequente para *sei lá* nas duas amostras investigadas. A partir deste resultado, as funções mais recorrentes para o item, na

amostra VARSUL/Chapecó foram aquelas recobertas por esta escala: +dúvida e planejamento verbal. A amostra VMPOSC também apresentou maior frequência para a função de +dúvida, todavia, a segunda função mais recorrente é a de atenuação que é recoberta pela escala +certeza.

Os resultados para *eu acho* revelaram que a escala –certeza é mais recorrente nas duas amostras investigadas. Desta forma, a função recoberta por esta escala – a função de –dúvida – é, igualmente, mais frequente.

O segundo objetivo específico foi caracterizar os contextos linguísticos e extralinguísticos (sociais) de uso de *sei lá* e *eu acho* nas amostras investigadas. Os contextos linguísticos analisados foram: sequência discursiva, tópico discursivo, envolvimento do falante com o tópico discursivo e complexidade do tópico discorrido. Os resultados obtidos revelaram que, quanto ao contexto linguístico sequência discursiva, a maior recorrência de *sei lá* ocorreu em sequências dissertativas, ambiente mais favorável aos usos que envolvem o uso de *sei lá* quando desempenha função de atenuação. No que tange os usos de *eu acho*, os resultados apontaram frequência quase equivalente distribuída nas três sequências consideradas nesta pesquisa para as duas amostras investigadas. Estes resultados quanto às sequências discursivas podem ser associados ao *continuum* estabelecido para o funcionamento de *sei lá* e *eu acho*. Se situamos a maior parte das funções desempenhadas por *sei lá* sob o escopo da escala –certeza, as sequências mais prováveis para a abordagem de tópicos, presumivelmente, menos conhecidos pelo falante são as dissertativas. Como para *eu acho* as funções distribuídas nas duas escalas do *continuum*, as sequências narrativas e descritivas que presumem mais domínio sobre o tópico discursivo seriam, igualmente, um ambiente propício para o uso do item além das dissertativas. Os dizeres de Martelotta (2004) corroboram com nosso argumento, inclusive para a gramaticalização dos itens, já que, segundo o autor, uma das características da gramaticalização de verbos a MDs é a tendência dos itens ocorrerem mais frequentemente em relatos de opinião, “tipo de discurso em que o informante disserta de improviso sobre temas diversos, valendo-se, com frequência, de marcadores que refletem suas inseguranças, reformulações e pausas” (MARTELOTTA, 2004, p. 89).

Para controlar o contexto linguístico tópico discursivo, determinamos que, presumivelmente, em alguns tópicos, o falante discorre sobre situações experienciadas por ele, contextos nos quais o grau de conhecimento do falante é maior, pois ele tem mais informações sobre o que é enunciado. Em outros tópicos, o falante discorre, presumivelmente, sobre a sociedade em geral, contextos nos quais o grau de conhecimento do falante é menor, pois não foram experienciados por ele. Postulávamos que *sei lá* seria mais recorrente na

abordagem de tópicos sobre a sociedade em geral com base no *continuum* estabelecido e na maior frequência da escala –certeza constatada nas ocorrências do item. Esperávamos que *sei lá* ocorresse na abordagem de tópicos que tratam, presumivelmente, sobre outras pessoas e que revelam seu menor grau de conhecimento sobre o tópico. Os resultados obtidos apontam que *sei lá* ocorre com frequência tanto em tópicos que tratam da sociedade em geral, quanto em tópicos que abordam situações experienciadas pelo falante. No que diz respeito a *eu acho*, postulávamos que o uso do item seria mais frequente na abordagem de tópicos experienciados pelo falante, aqueles em que seu grau de conhecimento é maior. De acordo com o *continuum* estabelecido, os contextos de uso de *eu acho* são de maior certeza. Assim, esperávamos que o item ocorresse com mais frequência na abordagem de tópicos que tratam, presumivelmente, de situações experienciadas pelo falante. Nossa hipótese se confirmou, pois o uso de *eu acho* foi mais frequente na abordagem de tópicos que tratam de situações experienciadas pelo falante.

Quanto ao contexto linguístico envolvimento do falante com o tópico discursivo, surpreendeu-nos o fato de *sei lá* ter apresentado maior frequência do envolvimento direto nas duas amostras investigadas. Novamente nos pautando no *continuum* estabelecido, imaginávamos que *sei lá* fosse mais frequente em contextos de envolvimento indireto, já que não experienciados pelo falante resultariam em menor certeza, escala mais frequente para *sei lá*. Para *eu acho*, postulávamos o contrário, isto é, a maior frequência deveria aparecer nos contextos de envolvimento direto, já que estabelecemos com o *continuum* que os usos de *eu acho* marcam maior certeza, então o grau de conhecimento do falante é maior e é nas situações experienciadas que este grau de conhecimento tende a ser maior. Para a amostra VARSUL, confirmamos nosso postulado, mas para a amostra VMPOSC não, pois houve ligeiramente maior recorrência do envolvimento indireto.

No que corresponde ao contexto linguístico complexidade do tópico discorrido, *sei lá* mostrou maior frequência de uso na abordagem de tópicos menos complexos, destoando de nosso pressuposto de sua maior recorrência no trato de tópicos mais complexos. Embasado no *continuum* da modalização epistêmica parentética, o pressuposto era que os tópicos mais complexos, porque presumivelmente não experienciados pelo falante, seriam o âmbito mais favorável aos usos sob escopo da escala –certeza, que manifestam menor grau de conhecimento do falante sobre aquilo que diz. Em relação a *eu acho*, a inferência de que o uso mais frequente ocorreria no trato de tópicos menos complexos, contextos em que o grau de conhecimento do falante é possivelmente maior, porque experienciado por ele, se confirmou: a ocorrência de *eu acho* é superior na abordagem de tópicos menos complexos.

Os contextos extralinguísticos (sociais) que postulávamos caracterizarem os usos de *sei lá* e *eu acho* são: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Quanto ao sexo/gênero do falante, postulávamos que as mulheres utilizariam mais a forma *sei lá* do que os homens, com base no estabelecimento do *continuum* da modalização epistêmica parentética. Nossa hipótese era de que as mulheres, apresentando estilo de fala menos assertivo (conforme SILVA & MACEDO, 1989), usariam mais o item que denota menor certeza. Os resultados revelaram que *sei lá* é, de fato, mais frequente entre as mulheres nas duas amostras investigadas. No que concerne aos usos de *eu acho*, postulávamos que os homens utilizariam mais o item do que as mulheres, visto que teriam um estilo de fala mais assertivo. A partir do *continuum* da modalização epistêmica parentética, os usos de *eu acho* denotam maior certeza, logo o item seria empregado mais por homens do que por mulheres. Todavia, *eu acho* apresentou uso quase equivalente entre mulheres e homens na amostra VARSUL/CHAPECÓ e foi muito mais frequente entre as mulheres da amostra VMPOSC.

Estabelecemos, ainda, algumas correlações entre os contextos extralinguísticos para melhor averiguação da sua influência no funcionamento dos itens. Quando correlacionamos os sexo/gênero com a faixa etária dos falantes para os usos de *sei lá* percebemos que permanece a maior frequência de uso do item por mulheres na amostra VARSUL e que a amostra VMPOSC apresentou uso categórico das mulheres para este item. Todavia, é importante salientar o baixo número de entrevistas com as quais trabalhamos nesta amostra. Na correlação entre sexo/gênero e escolaridade os resultados apontam que são os homens do nível fundamental 1 de escolaridade que produzem mais *sei lá*, permitindo-nos verificar que em algum ponto, nossa hipótese não se confirma e que a escolaridade caracteriza os usos de *sei lá* na correlação estabelecida.

Quando correlacionamos o sexo/gênero com a faixa etária para os usos de *eu acho*, verificamos que são os homens jovens que produzem mais o item, bem como os homens do nível fundamental 1 na correlação entre sexo/gênero e escolaridade. No caso de *eu acho*, tanto a faixa etária como a escolaridade caracterizam os usos do item na correlação com o sexo/gênero para a amostra VARSUL/Chapecó. Já a amostra da faixa de 7 a 14 anos apontou maior uso de *eu acho* pelo sexo feminino.

Passando à análise do contexto extralinguístico faixa etária, os resultados apontaram que são os jovens que produzem mais *sei lá* e *eu acho* na amostra VARSUL/Chapecó e constatamos a produção dos itens pela faixa de 7 a 14 anos da amostra VMPOSC. Como vimos, este era um resultado esperado, já que postulávamos maior uso dos itens pelos jovens

e crianças, baseados, sobretudo, no estudo de Silva e Macedo (1989) que consideram que quanto menor é a faixa etária maior é o uso dos MDs.

Quando correlacionamos a faixa etária com a escolaridade dos falantes, percebemos que permanece a maior frequência dos itens na faixa etária mais jovem, ou seja, a escolaridade não caracteriza os usos de *sei lá* e *eu acho* na correlação com a faixa etária.

O contexto extralinguístico escolaridade nos forneceu os seguintes resultados: o nível fundamental 2 apresentou maior recorrência dos itens, seguido do nível fundamental 1 e do nível médio para a amostra VARSUL/Chapecó. Para a amostra VMPOSC a maior frequência foi do 1º ciclo, o dos menos escolarizados tanto para *sei lá* quanto para *eu acho*. Percebe-se que em ambas as amostras, a frequência de uso dos itens é maior entre os menos escolarizados, divergindo do que havíamos postulado para o contexto extralinguístico escolaridade. Imaginávamos que os mais escolarizados apresentassem maior produção dos itens, pois considerávamos a experiência e domínio linguístico dos falantes para articulação em contextos que tratam com objetos abstratos e polissêmicos, que envolvem referências mais complexas.

O terceiro objetivo específico foi traçar, com base em estudos de dados de fala e de escrita, por exemplo Martelotta & Leitão (1996), Galvão (1999), Freitag (2000; 2003; 2004), Votre (2004), Oliveira & Santos (2011), entre outros, e a partir dos resultados estatísticos obtidos nesta pesquisa, uma possível trajetória de mudança semântica/pragmática e categorial de *saber e achar* com base numa perspectiva funcionalista de gramaticalização. A análise dos dados revelou que a mudança pela qual passam os itens estudados é de verbos plenos a MDs, sob o domínio funcional da modalização epistêmica parentética. Considerando a reanálise como uma das motivações para a mudança linguística, constatamos a modificação dos limites dos constituintes de *saber e achar* quando passam a parentéticos epistêmicos. Nos termos de Votre (2004), os itens considerados antes nucleares são reanalisados e passam a ser interpretados como satélites quando se apresentam como parentéticos.

O detalhamento da funcionalidade dos itens permitiu comprovar a mudança categorial de *sei lá* e *eu acho* de verbos plenos a MDs parentéticos epistêmicos. Como vimos, a proposta de mudança de Martelotta (2004) de verbos a MDs se aplica a *sei lá* e *eu acho*, pois eles tendem a ocorrer em momentos de modalização e hesitação e funcionam no plano discursivo de fundo pela característica de parênteses que carregam, desempenhando função modalizadora. Constatamos ainda que os itens apresentam muitos dos traços definidores dos MDs sustentados por Risso *et al.* (2006), como: a exterioridade ao conteúdo proposicional; a

independência sintática; a transparência semântica parcial; a invariabilidade formal ou variabilidade restrita; e a massa fônica reduzida.

Foi possível observar que o comportamento de *eu acho* foi mais previsível, esteve mais de acordo com nossas hipóteses do que *sei lá*, sobretudo no que concerne o domínio funcional da modalização epistêmica parentética. A partir do *continuum* estabelecido foi possível prever mais facilmente os usos de *eu acho*, enquanto *sei lá* não pode ser controlado da maneira como imaginávamos. Acreditamos que isto se deva ao fato de que as funções de *sei lá* ocupem, ao mesmo tempo, posições extremas do *continuum*. Entendemos que uma nova análise que contemple um maior número de dados é indispensável para que se possa controlar melhor a funcionalidade do item, examinar se ele desempenha outras funções, se nosso *continuum* se confirma para seus usos e se nossos resultados podem ser comprovados.

Averiguamos que *sei lá* e *eu acho* apresentam características de advérbios modalizadores e postulamos que um item possível de ser comparado a *sei lá* e *eu acho* é *talvez*. O maior indício para esta constatação é o estatuto de parentético que os itens possuem. Segundo Votre (2004), “não está claro qual o status gramatical de parentético epistêmico; embora não seja uma categoria lexical óbvia, pode ser interpretado como compreendendo uma subcategoria de advérbios” (VOTRE, 2004, p. 36). Desta forma, consideramos que o caminho a ser seguido pelos itens seja de MDs > advérbios.

Reconhecemos algumas lacunas deixadas por esta pesquisa e, assim, acreditamos que, no seguimento deste estudo, é de extrema relevância uma análise prosódica que leve em conta o contorno entonacional dos itens como auxílio da descrição de sua funcionalidade. Reiteramos a necessidade de expansão do corpus para confirmação da funcionalidade dos itens levantada por esta pesquisa e para verificação de possíveis novas funções que os itens desempenham, sobretudo para *sei lá*, que apresenta poucos estudos que descrevam mais detalhadamente sua funcionalidade. Faz-se necessário, igualmente, a constituição de uma pesquisa diacrônica que apure a trajetória que retrata o caminho percorrido de *saber* a *sei lá*.

REFERÊNCIAS

BACK, Angela Cristina Di Palma; ROST, Cláudia Andrea, DAL MAGO, Diane & FREITAG, Raquel Meister Ko. **Classificação das sequências discursivas em entrevistas sociolinguísticas**. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Florianópolis, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BISOL, Leda. VARSUL: amostra, coleta e transcrição. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 151-153.

BORBA, Francisco da Silva (coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1990, p. 28-30; 1206-1208.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, J. (eds). **The handbook of historical linguistics**. Blackwell, 2003, p. 602-623.

CAMPBELL, Lyle. **What's wrong with grammaticalization?** In: Language Sciences, n. 23, 2001, p. 113-161.

_____ & JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. Language Sciences, 23, 2001, p. 93-112.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina & GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Modalidade e gramaticalização: casos de achar e parecer**. Revista de estudos linguísticos do GEL, Marília, v. 30, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto: 2010.

CASTILHO, Ataliba & CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado: Vol 2 – níveis de análise linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

DAL MAGO, Diane. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização**. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado]

DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. **Uma análise funcional da modalidade epistêmica**. Alfa, São Paulo, 40, 1996, p. 151-173.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 115-128.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 73-87.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Estratégias de modalização epistêmica na fala dos florianopolitanos: talvez VS. (eu) acho que**. In: Anais do IV Encontro do CELSUL, 2000.

_____. **Gramaticalização e variação de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2003. [Dissertação de Mestrado]

_____. **“Mudar para variar”, “variar para mudar” – tratando da variação e mudança de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos na fala de Florianópolis**. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n.1, julho de 2004, p. 81-113.

GALEMBECK, Paulo de Tarso & CARVALHO, Kelly Alessandra. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo**. Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) São Paulo, p. 830-848, 1997.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (org). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999, p. 173-194.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Campinas: UNICAMP, 1999. [Dissertação de Mestrado]

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

_____. **A compreensão da gramática**. Tradução de: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; MARTELOTTA, Mário Eduardo & ALBANI, Filipe. São Paulo: Cortez; Natal, RN: Edufrn, 2012.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory Riordan & ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do “eu acho (que)”**. Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 6, 1997.

HOPPER, Paul. **On some principles in the grammaticalization**. In: TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd. (Eds.), 1991, p. 17-35.

_____. **Emmergent grammar**. Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1987, p. 139-157.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 32.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=420420&search=santa-catarina|chapeco|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 11 dezembro 2013.

ILARI, Rodolfo. **A categoria advérbio na gramática do Português falado**. Revista Alfa, São Paulo, 51 (1): 151-174, 2007.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. **Sociolinguistic: the essencial readings**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-250.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta P. & CARDOSO, Caroline R. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. Original em inglês.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-322.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & LEITÃO, Márcio. Discursivização do verbo saber. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 164-169.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura & MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004, p. 82-90.

_____. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de & SANTOS, Leonardo Pereira. **Padrões de uso da expressão *sei lá* no Português**. Revista Signótica, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 363-384, jul./dez. 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 13-29.

PREFEITURA DE CHAPECÓ. Disponível em <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/historico.html>. Acesso em: 11 dezembro 2013.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & URBANO, Hudnilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.

ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

ROST, Cláudia Andrea. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação**. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **OLHA e VÊ: caminhos que se entrecruzam**. Florianópolis: UFSC, 2009. [Tese de Doutorado]

_____. **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina**, 2012. [Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal]

_____. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática? In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl & SOUZA, Christiane Maria Nunes de (orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 227-246.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah & HAMILTON, Heidi E. (Eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 54-75.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & MACEDO, Alzira Tavares de. **Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

SOUZA, Edson Rosa de (org.). **Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1985.

TRAUGOTT, Elizabeth. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995.

_____. **From polysemy to internal semantic reconstruction**. In: Berkeley Linguistics Society. 12, 1986, p. 530-550.

_____ & HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1.

TRUDGIL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. Penguin Books: London, 2000, p. 61-80.

UFRGS – Instituto de Letras. Disponível em: http://www.ufrgs.br/letras/projetos_varsul.html. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

URBANO, Hudnilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997, p. 81-101.

VARFUL. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/?modulo=pagina&id=48>. Acesso em: 03 de novembro de 2013.

VOTRE, Sebastião Josué . Integração sintática e semântica na complementação verbal. In:

_____; CEZARIO, Maria Maura & MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004, p. 31-40.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2006. Original em inglês.